

GIZELLE REGINA CARDOSO

“Estou desempregado, não desesperado”

A vivência do desemprego para trabalhadores desempregados
freqüentadores do SINE da cidade de Florianópolis

**Florianópolis
2004**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO

GIZELLE REGINA CARDOSO

“Estou desempregado, não desesperado”

A vivência do desemprego para trabalhadores desempregados
freqüentadores do SINE da cidade de Florianópolis

Dissertação apresentada como requisito
parcial à obtenção do grau de Mestre em
Psicologia, Programa de Pós-Graduação em
Psicologia, Curso de Mestrado, Centro de
Ciências Humanas

Orientador. Prof. Dr. Kleber Prado Filho

FLORIANÓPOLIS
2004

“E a vida?
E a vida, o que é? Diga lá meu irmão
Ela é a batida de um coração?
Ela é uma doce ilusão? É ô
Mas, e a vida?
Ela é alegria ou lamento?
_O que é, o que é, meu irmão? Há quem fale que a vida da gente
É um nada no mundo
É uma gota no tempo
Que não dá um segundo
Há quem fale que é um divino mistério profundo
É o sopro do Criador numa atitude repleta de amor
Você diz que é luta e prazer
Ele diz que a vida é viver
Ela diz que o melhor é morrer
Pois amada não é, e o verbo é sofrer...”
(Gonzaguinha)

AGRADECIMENTOS

Agradecer às pessoas que estiveram presentes neste processo, não é uma tarefa fácil, no entanto, vale tentar.

A princípio, agradeço aos entrevistados, trabalhadores que se dispuseram a falar de suas vidas, suas tristezas e expectativas, expressando dignamente seus medos e a coragem de quem vive o desemprego.

Aos funcionários do SINE, que em muitos momentos me auxiliaram, esclarecendo minhas dúvidas, oferecendo material para leitura e tornando confortável minhas idas e vindas nesta instituição.

Aos meus colegas do mestrado, pelos momentos de alegrias e desabafos. Pela convivência, mesmo que breve, bastante gostosa.

Aqueles que me ajudaram das mais diversas formas, como Kleber, Chalfin, Xande e Cris pelas sugestões e esclarecimentos. E à Maria Elisa pela revisão e atenção carinhosa.

Aos colegas e amigos que estiveram próximos e interessados em meu processo, como os do Familiar, Sonia, Ana, Scheilla, Roberta e Ledir, que me acolheram em muitas das minhas tristezas.

As pessoas que, tão próximas em alguns momentos, outros, nem tanto, foram fortemente significativas em minha vida, pelo amadurecimento, muitas vezes, difícil.

Aos meus pais, que do seu jeito, sempre me apoiaram e me amaram. E que tornaram o meu caminhar, mais feliz.

A CAPES, pelo apoio financeiro.

SUMÁRIO

| | |
|--|------------------|
| <u>LISTA DE TABELAS E QUADROS</u> | <u>08</u> |
| <u>LISTA DE GRÁFICOS</u> | <u>09</u> |
| <u>LISTA DE FIGURAS</u> | <u>10</u> |
| <u>LISTA DE ABREVIATURAS</u> | <u>11</u> |
| <u>RESUMO</u> | <u>12</u> |
| <u>ABSTRACT</u> | <u>13</u> |
| <u>1 INTRODUÇÃO</u> | <u>14</u> |
| <u>2 OBJETIVOS</u> | <u>22</u> |
| 2.1 OBJETIVO GERAL | 22 |
| 2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS | 22 |
| <u>3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</u> | <u>23</u> |
| 3.1 O TRABALHO NO MUNDO E O MUNDO DO TRABALHO. | 23 |
| 3.1.1 SUBJETIVIDADE E TRABALHO: UMA ARTICULAÇÃO POSSÍVEL | 28 |
| 3.1.1.1 A vivência como categoria de análise | 33 |
| 3.2 TRANSFORMAÇÕES NO MUNDO DO TRABALHO CONTEMPORÂNEO | 33 |
| 3.2.1 A INFORMALIDADE: UMA ALTERNATIVA VIÁVEL? | 37 |
| 3.2.2 O CENÁRIO DO DESEMPREGO | 40 |
| 3.2.2.1 A divulgação do desemprego: universo possível de entendimento? | 44 |
| 3.2.2.2 O contexto de Santa Catarina e o perfil dos desempregados de Florianópolis | 48 |
| 3.3 IMPLICAÇÕES DO DESEMPREGO: O VIVIDO POR TRABALHADORES DESEMPREGADOS | 51 |
| 3.3.1 O AFASTAMENTO DO ‘IR TRABALHAR’ | 55 |
| <u>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</u> | <u>58</u> |
| 4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA | 58 |
| 4.2 A FASE DE APROXIMAÇÃO | 59 |
| 4.3 OS PARTICIPANTES | 60 |
| 4.4 A INSTITUIÇÃO | 61 |
| 4.4.1 HISTÓRICO DO SINE | 61 |
| 4.4.2 POLÍTICAS PÚBLICAS PRIORITÁRIAS DESENVOLVIDAS PELO SINE: | 63 |
| 4.4.3 O SINE DE FLORIANÓPOLIS: O SERVIÇO DE INTERMEDIÇÃO DE MÃO – DE – OBRA | 66 |
| 4.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE INFORMAÇÕES | 68 |
| 4.6 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES | 70 |

| | |
|--|------------|
| 5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS | 72 |
| 5.1 ENTREVISTADO 1 | 73 |
| 5.1.1 HISTÓRIA DE VIDA E HISTÓRIA PROFISSIONAL... | 74 |
| 5.1.2 A ROTINA, A BUSCA PELO EMPREGO E AS DIFICULDADES... | 75 |
| 5.1.3 MUDANÇAS NA VIDA DOS TRABALHADORES: AS IMPLICAÇÕES DO DESEMPREGO | 77 |
| 5.1.4 SUPERANDO AS DIFICULDADES... | 82 |
| 5.1.5 SÍNTESE | 83 |
| 5.2 ENTREVISTADO 2 | 84 |
| 5.2.1 HISTÓRIA DE VIDA E HISTÓRIA PROFISSIONAL... | 84 |
| 5.2.2 A ROTINA, A BUSCA PELO EMPREGO E AS DIFICULDADES... | 85 |
| 5.2.3 MUDANÇAS NA VIDA DOS TRABALHADORES: AS IMPLICAÇÕES DO DESEMPREGO | 87 |
| 5.2.4 SUPERANDO AS DIFICULDADES... | 90 |
| 5.2.5 SÍNTESE | 91 |
| 5.3 ENTREVISTADO 3 | 92 |
| 5.3.1 HISTÓRIA DE VIDA E HISTÓRIA PROFISSIONAL... | 92 |
| 5.3.2 A ROTINA, A BUSCA PELO EMPREGO E AS DIFICULDADES... | 92 |
| 5.3.3 MUDANÇAS NA VIDA DOS TRABALHADORES: AS IMPLICAÇÕES DO DESEMPREGO | 94 |
| 5.3.4 SUPERANDO AS DIFICULDADES... | 97 |
| 5.3.5 SÍNTESE | 98 |
| 5.4 ENTREVISTADO 4 | 99 |
| 5.4.1 HISTÓRIA DE VIDA E HISTÓRIA PROFISSIONAL... | 99 |
| 5.4.2 A ROTINA, A BUSCA PELO EMPREGO E AS DIFICULDADES... | 100 |
| 5.4.3 MUDANÇAS NA VIDA DOS TRABALHADORES: AS IMPLICAÇÕES DO DESEMPREGO | 102 |
| 5.4.4 SUPERANDO AS DIFICULDADES... | 105 |
| 5.4.5 SÍNTESE | 106 |
| 5.5 ENTREVISTADO 5 | 107 |
| 5.5.1 HISTÓRIA DE VIDA E HISTÓRIA PROFISSIONAL... | 107 |
| 5.5.2 A ROTINA, A BUSCA PELO EMPREGO E AS DIFICULDADES... | 108 |
| 5.5.3 MUDANÇAS NA VIDA DOS TRABALHADORES: AS IMPLICAÇÕES DO DESEMPREGO | 110 |
| 5.5.4 SUPERANDO AS DIFICULDADES... | 112 |
| 5.5.5 SÍNTESE | 113 |
| 5.6 ENTREVISTADO 6 | 114 |
| 5.6.1 HISTÓRIA DE VIDA E HISTÓRIA PROFISSIONAL... | 114 |
| 5.6.2 A ROTINA, A BUSCA PELO EMPREGO E AS DIFICULDADES... | 115 |
| 5.6.3 MUDANÇAS NA VIDA DOS TRABALHADORES: AS IMPLICAÇÕES DO DESEMPREGO | 118 |
| 5.6.4 SUPERANDO AS DIFICULDADES... | 121 |
| 5.6.5 SÍNTESE | 122 |
| 5.7 ENTREVISTADO 7 | 122 |
| 5.7.1 HISTÓRIA DE VIDA E HISTÓRIA PROFISSIONAL... | 122 |
| 5.7.2 A ROTINA, A BUSCA PELO EMPREGO E AS DIFICULDADES... | 124 |
| 5.7.3 MUDANÇAS NA VIDA DOS TRABALHADORES: AS IMPLICAÇÕES DO DESEMPREGO | 125 |
| 5.7.4 SUPERANDO AS DIFICULDADES... | 127 |
| 5.7.5 SÍNTESE | 128 |
| 5.8 ENTREVISTADO 8 | 129 |
| 5.8.1 HISTÓRIA DE VIDA E HISTÓRIA PROFISSIONAL... | 129 |
| 5.8.2 A ROTINA, A BUSCA PELO EMPREGO E AS DIFICULDADES... | 130 |
| 5.8.3 MUDANÇAS NA VIDA DOS TRABALHADORES: AS IMPLICAÇÕES DO DESEMPREGO | 132 |
| 5.8.4 SUPERANDO AS DIFICULDADES... | 137 |
| 5.8.5 SÍNTESE | 138 |

| | |
|---|------------|
| 6 DISCUSSÃO GERAL DOS RESULTADOS: | 139 |
| 6.1 O RECONHECIMENTO DO DESEMPREGO | 139 |
| 6.2 CONSEQÜÊNCIAS PSICOLÓGICAS | 141 |
| 6.3 CONSEQÜÊNCIAS SOCIAIS | 145 |
| 6.4 CONSEQÜÊNCIAS ÉTICO-MORAIS | 146 |
| 6.5 ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO DO DESEMPREGO | 147 |
| 6.6 PERSPECTIVAS FUTURAS | 152 |
| 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 155 |
| 8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 159 |
| 9 ANEXOS | 168 |
| ANEXO 1 | 168 |
| ANEXO 2 | 169 |
| ANEXO 3 | 171 |
| ANEXO 4 | 172 |
| ANEXO 5 | 173 |

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1: Classificação do Desemprego

Tabela 2: Tempo médio de procura por trabalho pelos trabalhadores na Região Metropolitana de São Paulo

Tabela 3: Indicadores do Crescimento da Informalidade

Quadro 1: Quadro Geral do Entrevistados

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Crescimento da Taxa de Desemprego

Gráfico 2: Onde estão trabalhando os Catarinenses?

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Posto de Atendimento do SINE

LISTA DE ABREVIATURAS

CAGED – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados
CETE's – Conselhos Estaduais de Trabalho e Emprego
CMTE's – Conselhos Municipais de Trabalho e Emprego
CODEFAT – Conselho Deliberativo do Fundo de Amparo ao Trabalhador
DIEESE – Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos
FAT – Fundo de Amparo ao Trabalhador
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IMO – Intermediação de Mão- de - Obra
MTE – Ministério do Trabalho e Emprego
OIT – Organização Internacional do Trabalho
PARC's – Parcerias Regionais e Estaduais
PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego
PEA – População Economicamente Ativa
PME – Pesquisa Mensal de Emprego
PNDA – Pesquisa Nacional por Amostra por Domicílio
PLANFOR – Plano Nacional de Formação Profissional
PROGER – Programa de Geração de Renda
PASEP – Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público
PEQ's – Planos Estaduais de Qualificação
PIS – Programa de Integração Social
RAIS – Relação Anual de Informações Sociais
SEADE – Sistema Estadual de Análise de Dados
SD – Seguro - Desemprego
SIGAE - Sistema Gerencial de Ações de Emprego
SINE – Sistema Nacional de Emprego

RESUMO

Este trabalho investiga a vivência do desemprego para trabalhadores desempregados da cidade de Florianópolis frequentadores do SINE (Sistema Nacional de Emprego). Foi realizada uma aproximação com esta instituição, com o objetivo de observar e compor o grupo de participantes da pesquisa. Neste momento, foram contatados 38 trabalhadores, sendo oito deles entrevistados. A coleta de informações foi organizada a partir de cinco campos de entrevista: 1) história pessoal e história profissional; 2) a rotina, a busca pelo emprego e as dificuldades; 3) mudança na vida dos trabalhadores: implicações do desemprego; 4) superando as dificuldades; e 5) síntese. No terceiro campo: “mudança na vida dos trabalhadores: implicações do desemprego” utilizou-se como referência para as possíveis consequências do desemprego o modelo de Caldas (2000), que propõe diferentes aspectos que podem ser atingidos pelo desemprego: emocional, psicológico, físico, comportamental, familiar, econômico, profissional ou social, sendo que os dois primeiros são reunidos no mesmo campo, devido à sua sutil delimitação.

A análise das informações foi realizada a partir da técnica de Análise de Conteúdo Temática, sendo as informações agrupadas em seis campos: reconhecimento do desemprego, consequências psicológicas, consequências sociais, consequências ético-morais, estratégias de enfrentamento e perspectivas futuras. De maneira geral, os trabalhadores desempregados vivenciam esta problemática social de maneira eminentemente individual, despertando sentimentos, muitas vezes, ambíguos, como culpa, frustração, desânimo, bem como raiva, revolta e injustiça. Percebe-se que os entrevistados demonstram relutância em se reconhecerem como desempregados, evitando situações que os defrontem com essa realidade ou minimizando as dificuldades por eles enfrentadas. As estratégias de enfrentamento diante das implicações concernentes ao desemprego são questionadas pelos próprios trabalhadores, no entanto, não são abandonadas. Mesmo considerando ser difícil a sua re-inserção no mercado de trabalho, as expectativas de um futuro melhor estão presentes nas falas de praticamente todos os entrevistados.

Palavras - chave: desemprego, trabalhadores desempregados, vivência.

ABSTRACT

This work investigates the unemployment being for unemployed workers of the city of Florianópolis haunters of SINE (National System of Job). An approach was accomplished with this institution with the objective of observing and composing the staff of people, who will be into the research. At that point, 38 workers were contacted, from these, just eight of them, have been interviewed.

The collection of the information were organized starting from the five interview fields: 1) personal and professional history, 2) the routine, the applying for the job and the difficulties, 3) Change in the workers' life: repercussions of the unemployment, 4) Overcoming the difficulties and 5) Synthesis. In the third field, "Change in the workers' life: repercussions of the unemployment" are used as reference of possible effects of the unemployment, the model of Caldas (2000) that proposes different aspects which can be gotten by the unemployment: emotional, psychological, physics, behaviorism, family, economical, professional or social points, and the first two ones are united in the same one, due to this field subtle delimitation

The information were analyzed starting from the technique of thematic content analysis, being present in these six analysis fields are:lt: the Unemployment Recognition, Consequence Psycologicals, Consequence Sociais, Consequence Ethical – Morals, Strategies of Encountering and Future Perspectives.

In a general way, the unemployed workers have been living with these social problems in particular individual forms, razing their feelings up, in which many times, ambiguous as fault, frustration, discouragement, as well as, rage, riots and injustice points are involved into these ones. It is noticed that the interviewers demonstrated difficulties whether they, by themselves, recognize as unemployed ones, avoiding situations, which have been, confronted with the reality or minimizing the difficulties they faced. The encountering strategies, from the unemployment difficulties are questioned by the own workers, meanwhile ness, without quitting them apart. Even considering difficult the market job reapplying, a better future expectation has been present in the speeches of every interviewer.

Key words: unemployment, unemployed workers, unemployment being.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa investiga a temática do desemprego a partir da perspectiva do sujeito que a vivencia, ou seja, da sua dimensão subjetiva. O contexto atual de diminuição crescente do número de postos de trabalho e de intensificação e diversificação de modos de trabalho, como o subemprego, caracterizado pelos empregos temporários, isto é, sem carteira assinada, e pelos empregos a domicílio, entre outros, configura um quadro em que o mundo do trabalho atual está sofrendo inúmeras mudanças cada vez mais rápidas e impactantes para os trabalhadores. Esta realidade, marcada pelo aumento acelerado do desemprego, tanto em termos locais quanto globais, aponta para a complexidade e importância deste fenômeno social com implicações psicológicas para o sujeito que a vivencia, sendo, nesse sentido, premente sua articulação com a construção da subjetividade.

Nas últimas décadas o mundo do trabalho vem sofrendo uma série de mutações que configuram uma nova realidade para o trabalho e para o trabalhador, marcada, por exemplo, pelo alarmante aumento das taxas de desemprego em todo mundo e pela ampliação do trabalho informal, principalmente pelo alastramento do setor de serviços em diferentes áreas da economia. Essas e outras questões referentes à diversificação e precarização do trabalho, assim como suas implicações para o sujeito que vive do trabalho são cuidadosamente discutidas por Antunes (2000). O autor aponta para uma crise do capitalismo, isto é, uma ‘crise estrutural’, a partir da década de setenta, caracterizada pelo esgotamento de padrões produtivos até então hegemônicos, o taylorismo-fordismo, assim como pela intensificação de sistemas de monopólios nacionais e internacionais, pela desregulamentação e flexibilização do processo produtivo pelo aumento das privatizações, pela queda das taxas de juros e autonomia do capital financeiro em crescente processo de internacionalização, entre outros sinais presentes neste momento de crise do capitalismo.

O cenário da globalização e sua correlação com o fenômeno do desemprego em todo o país são delineados por Singer (2001) e Pochmann (2001), possibilitando que o mesmo seja entendido não como um ‘mal’ ou ‘má sorte’, mas como decorrência de políticas de estabilização da economia, gerando a precarização do trabalho e o desemprego estrutural. O processo de globalização, a partir da década de noventa, caracterizado no Brasil pela abertura da economia ao comércio internacional, provocou

a aceleração das importações em detrimento das exportações e ocasionou o incremento do desemprego em suas diferentes composições, não atingindo apenas segmentos específicos da sociedade. Para os autores, a eliminação de postos de trabalho, devida ao aumento das importações e tão presente nas economias globalizadas, faz com que “(...) milhões de trabalhadores que produziam o que depois passou a ser importado percam seus empregos e que possivelmente milhões de novos postos de trabalho sejam criados, tanto em atividades de exportação como em outras”. (Singer, 2001, p. 23). Nesse sentido, a globalização contribui para a deterioração do mercado de trabalho, pois dificulta ainda mais a inserção de trabalhadores que precisam vender sua força de trabalho.

A amplitude do desemprego em todo o mundo confirma a colocação de Pochmann (2001), que o considera um fenômeno de massa justamente por atingir trabalhadores de diferentes regiões geográficas. No Brasil, as taxas de desemprego apontam para essa posição, apesar das metodologias de pesquisa apresentarem uma série de controvérsias. Segundo pesquisa do DIEESE (2004), em janeiro de 2004 a taxa de desemprego total foi de 19,1% na Região Metropolitana de São Paulo, mesmo índice verificado em dezembro de 2003. Ou seja, havia aproximadamente 1.892 milhão de trabalhadores desempregados nesta região. Essa problemática, que constantemente é apresentada através de números e dados estatísticos, oculta a realidade subjetiva vivida por cada sujeito que está desempregado. E é esse aspecto que condiciona a presente investigação.

A perspectiva do trabalho como via de inserção do sujeito no espaço social e como atividade articulada com a construção da subjetividade (Tittoni, 1994; Grisci, 1999; Fonseca, 2000) pode fomentar uma série de questões no que diz respeito à esfera do ‘não-trabalho’, pode-se dizer, do desemprego. E, neste âmbito, a vivência dessa experiência e suas possíveis consequências subjetivas para o sujeito assumem papel importante. Nesse sentido, as consequências do desemprego na vida do trabalhador desempregado ultrapassam as de ordem econômico/financeira, invadindo a sua dimensão social, pessoal e familiar, influenciando em sua identidade profissional e psicológica. Um estudo interessante sobre as consequências da perda do emprego para o indivíduo foi realizado por Caldas (2000)¹ e apresentado em um dos capítulos do seu

¹ Miguel Caldas é formado e pós-graduado em Administração, professor da EASP/FGV e produziu diversos artigos relacionados à teoria organizacional. Seu livro “*Demissão: Causas, Efeitos e Alternativas para empresa e indivíduo*” é dividido em quatro capítulos: o primeiro, Contexto e Conceitos, apresenta a temática de demissão em massa, enxugamento de pessoal e diferentes tipos de cortes de pessoal no Brasil e no mundo. O segundo, Demissão no plural: enxugamento de pessoal e realidade organizacional, discute a

livro. Neste, o autor aborda, principalmente, a perspectiva da empresa, através das demissões em massa e do enxugamento de pessoal, mas também descreve quais seriam as conseqüências da perda do emprego para o indivíduo, sendo estas de natureza diversa, complexa e de influência mútua.

O sofrimento do trabalhador, advindo da situação de desemprego, é assinalado por Dejours (1999) pelo fato de que ele está excluído do mercado de trabalho. Segundo o autor, o indivíduo que “(...) não consegue empregar-se ou re-empregar-se e passa pelo processo de dessocialização progressivo, sofre. É sabido que esse processo leva à doença mental ou física, pois ataca os alicerces da identidade”. (p.19). Além disso, o trabalhador em situação de desemprego percebe esse fenômeno como decorrente somente de sua falta de qualificação profissional ou incapacidade de competir com outros trabalhadores pelas restritas ofertas de emprego. O sujeito sofre um processo de autculpabilização pela problemática enfrentada, não percebendo outros aspectos, como os sociais, econômicos e políticos, que são elementos fundamentais para a compreensão do fenômeno do desemprego. A pesquisa de Bárbara (1999) corrobora essas colocações, apontando que freqüentemente os trabalhadores desempregados atribuem a si mesmos a responsabilidade pela situação de desemprego. Para Forrester (1997), o desempregado “(...) é objeto de uma lógica planetária que supõe a supressão daquilo que se chama trabalho; vale dizer, empregos”.(p.11).O desempregado está sujeito às leis do mercado, sem ao menos perceber todas essas influências sociais, históricas, políticas e econômicas que impõem suas marcas.

A pesquisadora realizou um levantamento sobre o tema desemprego no Banco de Dados da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), de maneira a obter algumas informações preliminares sobre pesquisas desenvolvidas na área de pós-graduação em todo o país. Utilizou-se como critério para o rastreamento o período de 1987 a 2001 e as seguintes palavras-chaves: desemprego, desemprego e globalização, desemprego e subjetividade e por último, desemprego e saúde mental. Inicialmente foi feita a leitura dos resumos, sendo realizada uma seleção de trabalhos, considerando-se alguns critérios como: pesquisas de cunho qualitativo e

questão do enxugamento, suas conseqüências para a organização, as alternativas possíveis para a demissão em massa e procedimentos pertinentes a esta. O terceiro capítulo, que aqui é utilizado, “Demissão no singular: Perda do emprego e realidade individual”, atém-se à discussão sobre o que é demissão, sua realidade e conseqüências, e sobre as dimensões e significados do emprego para o indivíduo.

compatibilidade com o tema de pesquisa ou referencial teórico². Em seguida, foi realizada a análise dos resumos, identificando-se os principais pontos abordados nas pesquisas.

De modo geral, dentre as 27 pesquisas selecionadas, 25 delas referem-se a dissertações de mestrado, defendidas em sua maioria pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), PUC - SP (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) e UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), todas essas instituições com quatro pesquisas realizadas. Estas pesquisas foram desenvolvidas, principalmente, em áreas da Psicologia, tais como: Psicologia Social, Experimental e Psicologia Social e Institucional, somando um total de 12 trabalhos. Em seguida, destacam-se as áreas de Sociologia Política e Sociologia, com um e dois trabalhos, respectivamente bem como as Ciências Sociais e as Ciências Jurídicas, ambas com um trabalho. A área de Administração apresenta três pesquisas.³ Outras áreas também se interessam pelo tema, entre elas a Economia, com duas pesquisas, o Serviço Social, a Geografia e a Integração Latino-Americana, com um trabalho cada uma. Em relação às pesquisas de doutorado, identificaram-se duas teses, uma delas defendida em 1990, pela USP (Universidade de São Paulo), na área de Psicologia Experimental, e outra em 1998, pela UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), na Administração.

A partir desta aproximação, pode-se considerar que nos últimos anos houve um maior interesse pelo estudo sobre o tema desemprego, uma vez que, entre o período de 1987 e 1991, foram defendidos nove trabalhos sobre o assunto, enquanto no período que vai de 1996 a 2001, o número de pesquisas duplicou. No período de 1987 a 1991 as pesquisas realizadas são oriundas de diferentes áreas de conhecimento, tais como: Economia, Direito, Geografia, Ciências Sociais e Psicologia Social e Experimental. Nestas, a questão do desemprego aponta para uma realidade brasileira marcada pela crise econômica do final da década de 80 e início de 90. O quadro de intensas inovações tecnológicas nas indústrias e o aumento crescente das taxas de desemprego suscitou o interesse de pesquisas nessa direção. Alguns temas, como o papel do Seguro Desemprego e do FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço) foram relacionados com a problemática em questão (Banderia; Alves Leite, 1987). O direito ao emprego e ao benefício do FGTS também é abordado nas pesquisas (Albuquerque, 1991). Outros

² Este procedimento foi adotado devido ao número de trabalhos que não apresentavam relação com o tema desemprego, fugindo ao tema pesquisado ou pertenciam a áreas de conhecimento muito específicas, tais como engenharia ou ergonomia.

estudos trataram de questões sociais, como o movimento de luta contra o desemprego na cidade de São Paulo (Del Prette, 1990) e a investigação sobre casos de saques e depredações na zona sul desta região, num momento de crescente redução de postos de trabalho (Yone, 1989) ou ainda sobre a análise do desemprego para homens e mulheres (Bivar, 1991). Percebe-se, neste período de pesquisas, que poucos trabalhos, ou seja, apenas três deles abordavam a questão do desemprego e das inovações tecnológicas na perspectiva do trabalhador, um enfocando a atitude de sujeitos num contexto de crise brasileira (Baccaro, 1987) e os outros dois considerando a construção da identidade e subjetividade dos trabalhadores (Costa; Balsalobre, 1991).

Levando-se em conta o período de pesquisas compreendido entre 1996 e 2001, neste também se verifica a diversidade de áreas de pesquisas, incluindo o Direito, a Sociologia, a Psicologia, a Administração e o Serviço Social, totalizando 18 pesquisas. Dentre estas, oito são da área da Psicologia, Psicossociologia e Psicologia Social e Institucional. É freqüente, neste período, as pesquisas abordarem aspectos referentes à posição do sujeito frente às mudanças do mercado de trabalho. Utilizando-se as palavras-chaves: globalização e desemprego obteve-se oito resumos de dissertações de mestrado defendidas durante a década de 90 (1996-1999), período este marcado pela globalização da economia e pela flexibilização das relações de trabalho. Parte dos trabalhos, isto é, cinco deles, trata de pesquisas teóricas em que a situação do desemprego passa a ser compreendida a partir das conseqüências da globalização. Um destes estudos (Dainez, 1997) discute a relação do fenômeno do desemprego como propulsor da utilização das tecnologias na produção e a geração do desemprego tecnológico. Outros estudos buscam compreender a problemática em termos macroeconômicos, correlacionando-os com elementos como a flexibilidade dos direitos trabalhistas (Aquino, 1999) ou então através do entendimento das relações entre a economia brasileira e a mundial (Hoff, 1998). Duas pesquisas aproximam-se da questão do sujeito do trabalho, mais especificamente, das implicações subjetivas para o trabalhador frente ao cenário de intensas transformações no mundo do trabalho e de aumento do desemprego. Em uma delas, por exemplo, aborda-se a construção da identidade de um profissional bem sucedido que perde o emprego (Freitas, 1996), enquanto a outra busca entender o significado atribuído por trabalhadores à situação de desemprego em que se encontram (Gil, 1997).

³ Para maiores informações ver anexo 1 (tabela 1) e anexo 2 (tabela 2).

Com o uso das palavras-chaves: desemprego e saúde-mental e desemprego e subjetividade foram encontrados nove resumos de dissertações de mestrado e um de tese de doutorado, concernentes aos anos de 1998, 2000 e 2001. De modo geral, as pesquisas, neste período, voltaram-se mais para a produção da subjetividade de trabalhadores sob ameaça ou situação de desemprego (Alves, 2000), bem como para a qualidade de vida de desempregados candidatos ao SINE (Caldana, 2000). Outras ainda abordam as conseqüências subjetivas do desemprego, identificando, em trabalhadores, a emergência de quadros psicológicos, como a depressão (Benia, 2000). Em termos das implicações da situação de desemprego na saúde mental de trabalhadores desempregados, as pesquisas apontam para esta situação como sendo geradora de sofrimento mental. Em um dos estudos realizados com trabalhadores metalúrgicos de Belo Horizonte (Borges, 2001), investigou-se a questão do sofrimento e verificou-se que o mesmo inicia muito antes da demissão, pelo medo de perder o emprego. Essa situação, presente em casos de desemprego de longa duração, desencadeia, muitas vezes, doenças mentais. Outra pesquisa (Felisberto, 2001) estuda a problemática a partir da vivência de profissionais que concluíram um curso superior e não conseguem empregar-se. Nesta investigação, a pesquisadora percebeu que, apesar da compreensão do desemprego a partir do contexto sócio econômico brasileiro, o mesmo é significado e sentido individualmente como falta de capacidade ou de qualificação. Essa experiência é apontada comumente como geradora de angústia, desesperança, sendo desestabilizadora para a auto-estima do sujeito. Por fim, os estudos nesta área revelam uma relação importante entre o desemprego e a deterioração da qualidade de vida dos sujeitos inseridos nessa realidade, tanto em relação às implicações na saúde mental do sujeito quanto em sua subjetividade.

A incursão neste tema foi iniciada a partir da realização de um estágio extracurricular que consistia no atendimento psicossocial aos trabalhadores desempregados⁴. Entre os serviços propostos, um deles era a formação de grupos de

⁴ O referido projeto denominado de “*Programa de Intervenção Psicossocial com Trabalhadores Desempregados Beneficiados do Seguro - Desemprego na Grande Florianópolis*” foi executado pelo Laboratório de Psicologia do Trabalho do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em parceria com a Delegacia Regional do Trabalho (DRT/SC) no período de dezembro de 2000 a abril de 2001. As atividades envolviam quatro ações diferenciadas: perfil psicossocial e econômico do trabalhador desempregado na grande Florianópolis, grupos de apoio psicológico, suporte social e familiar e qualificação profissional.

O projeto foi financiado com recursos do FAT (Fundo de Amparo ao Trabalhador). Fonte: Universidade Federal de Santa Catarina (2001). Relatório Final do Projeto Programa de Intervenção Psicossocial com Trabalhadores Desempregados na Grande Florianópolis. Florianópolis, Santa Catarina: Universidade

apoio psicológico a esta população. Este projeto possibilitou o primeiro contato com as discussões acerca das mudanças no mundo do trabalho e, mais especificamente, sobre a problemática do desemprego, além de promover o contato com esses trabalhadores, com as suas histórias de trabalho, de vida e de sofrimento.

O trabalho de apoio psicológico em grupo, desenvolvido no projeto, teve como objetivo principal criar um espaço de discussão, debate e estímulo para o desenvolvimento de ações coletivas e/ou solidárias na resolução ou compreensão das dificuldades atravessadas pelos trabalhadores desempregados. Dentre as principais queixas ou dificuldades decorrentes do desemprego apontadas pelos trabalhadores, nos grupos, estavam o preconceito em relação à idade, para as mulheres, a partir de 30 anos, e para os homens, acima dos 40 anos, e a falta de qualificação ou de experiência não comprovada. Em alguns relatos, os trabalhadores sentiam-se desatualizados, sem capacidade de enfrentar o mercado de trabalho e, mesmo possuindo experiência profissional, muitas vezes não tinham como comprovar através do diploma, por exemplo. Outras situações também eram mencionadas em virtude de se encontrarem desempregados, tais como: crise no casamento ou dificuldades familiares, assim como uma crise na identidade do trabalhador. Em relação a isto, muitos comentavam que se sentiam confusos sobre quem eram, o que gostavam e quem deveriam ser para conseguir emprego, ou seja, questões que apontavam para seu projeto de vida e profissional, muitas vezes não elaborado.

A partir dessa experiência, uma série de questionamentos sobre o fenômeno do desemprego foi despertada, principalmente no sentido de compreender a vivência do trabalhador que se encontra desempregado. Dessa forma, surgiu a questão da pesquisa a qual se buscou elucidar: **como os trabalhadores desempregados da cidade de Florianópolis que freqüentam o SINE (Sistema Nacional de Emprego) vivenciam a situação de desemprego?** Partiu-se do SINE como contexto da pesquisa, uma vez que o mesmo destina-se ao atendimento e apoio a esses trabalhadores, constituindo-se, então, espaço de informação e circulação de trabalhadores desempregados.

A importância social do estudo desta temática refere-se justamente ao fato de que o desemprego se tornou um dos grandes “males” da sociedade atual, promovendo e intensificando as situações de pobreza, injustiças e exclusão social. O desemprego é um

fenômeno social com implicações psicológicas que precisa ser repensado e discutido dentro das diferentes perspectivas teóricas, de forma a promover maior conhecimento e reflexão sobre os vários aspectos envolvidos. Os estudos acadêmicos, pertinentes às diversas áreas de conhecimento, inclusive a Psicologia, estão começando a focalizar sua atenção nessa problemática social, que é geradora de sofrimento, buscando entender as suas múltiplas facetas e as implicações para o sujeito que a ela está submetido.

A psicologia de orientação materialista - histórica contempla o sujeito como ser concreto e inserido numa realidade histórica e social, possibilitando a compreensão deste fenômeno de forma contextualizada, considerando os aspectos políticos, econômicos, sociais e psicológicos que o cercam. Talvez, dessa forma, contribuir-se-á para uma ciência comprometida com o bem-estar do homem e com uma realidade menos excludente. Nesse sentido, o papel da Psicologia deve caminhar no sentido de “refletir a questão do desemprego e a sua repercussão na qualidade de vida do trabalhador”. (Bárbara, 1999, p. 47). Enfim, este projeto visa contribuir para o debate sobre esta temática, mediante o entendimento das consequências do desemprego na vida dos trabalhadores que por ele são atingidos. E, quem sabe, possibilitar que novos “olhares” e práticas possam ser lançados sobre essa população comumente esquecida e não ouvida.

Para tal intento, a pesquisa foi organizada em capítulos contendo os *procedimentos metodológicos*, que norteiam todo o trabalho de pesquisa; a *fundamentação teórica*, que orienta o olhar da problemática de pesquisa e permite aproximar-se das questões relativas ao mundo do trabalho; a *apresentação dos resultados*, na qual são descritas e também discutidas as vivências de trabalhadores desempregados; a *discussão geral dos resultados*, em que são retomados e articulados teoricamente aspectos presentes nas histórias dos entrevistados; e as *considerações finais*.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

- Investigar a vivência da situação de desemprego para trabalhadores desempregados frequentadores do SINE (Sistema Nacional de Empregos) da cidade de Florianópolis;

2.2 Objetivos Específicos

- Investigar as possíveis consequências subjetivas da situação de desemprego para trabalhadores desempregados frequentadores do SINE (Sistema Nacional de Empregos) da cidade de Florianópolis;
- Investigar quais as estratégias de enfrentamento utilizadas por trabalhadores desempregados na superação das dificuldades decorrentes da situação de desemprego;
- Investigar a relação entre trabalhadores desempregados e o SINE;

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 O trabalho no mundo e o mundo do trabalho.

Para compreender melhor esta atividade humana chamada trabalho é necessário circunscrevê-la a um determinado momento histórico e social e a um modo de produção específico. A valorização atual atribuída ao trabalho é resultado de um processo de construção histórica e também ideológica que foi iniciado com o declínio do feudalismo na Idade Média e com o surgimento do comércio e da classe burguesa na idade moderna. Nesse sentido, cada momento social e histórico concebia o trabalho de forma diferenciada, considerando o contexto social, os valores e a ideologia vigentes.

Na sociedade moderna, o trabalho adquire importância crucial, principalmente com o surgimento do capitalismo, no qual o que se valorizava na vida de um homem era o fato de ele trabalhar, isto é, produzir. Sobre essa valorização, Liedke (Liedke In Cattani,1999) coloca que “(...) o trabalho foi incorporado à ideologia burguesa como categoria universal e fundadora de toda a vida social, de forma independente de seu contexto histórico(...)”. (p. 272) A constituição do homem moderno está fundamentada justamente na centralidade e exaltação do trabalho.

O estudo de Carmo (1992) corrobora essas colocações, principalmente ao apontar o caráter ideológico da concepção de trabalho. Segundo ele, os valores morais alicerçados na ética protestante foram elementos imprescindíveis no processo de transformação da noção do trabalho enquanto atividade de subsistência para a noção do trabalho como finalidade de vida do homem. Sendo assim, o trabalhador medieval que não despendia muitas horas no trabalho, voltando-se para outras atividades de maior relevância social, passou a ser considerado como ‘vadio’ ou sem objetivo na vida, sofrendo severa discriminação por não trabalhar. O autor ressalta que

Para muitos, o trabalho é a chave para superar os infortúnios e o parâmetro para medir a acumulação de capital, evidenciando a habilidade de “vencer na vida”.(...) Impulsionados por esse ideal, alardeiam uma suposta igualdade de oportunidades, pretendendo impor a todos um modelo de sucesso e felicidade (...). Acredita-se muitas vezes que quanto mais cedo o indivíduo

começar a trabalhar maiores serão a suas chances de ser bem sucedido. (Carmo, 1992, p. 13).

A importância do trabalho enquanto categoria central de análise ganhou maior relevância a partir dos estudos de Karl Marx. Entretanto, cabe apontar que muitos teóricos discutem a centralidade do trabalho na constituição do ser social. Lukács (1979) defende o trabalho como atividade primordial na construção do humano, como fenômeno elementar que marca a especificidade do sujeito social. Outras posições, pautadas em autores como Claus Offe, André Gorz e Habermas (citado por Antunes, 1997) contrapõem-se a esta visão, visto que minimizam o papel do trabalho no entendimento da dinâmica da construção do homem e da perda da relevância desta na construção de uma sociedade emancipada. Essas considerações levam em conta as transformações que o trabalho e as diferentes categorias de trabalhadores vêm passando, as diversas formas que este pode assumir, muitas vezes, a sua precarização. Nesse sentido, os críticos da “sociedade do trabalho” (Antunes, 2001) propõem a substituição do trabalho como constitutivo do homem e como atividade social preponderante, indicando outras possibilidades de análise.

O referido autor defende a centralidade do trabalho na sociedade contemporânea, assinalando que essa desempenha papel central no universo da sociabilidade humana, visto que incorpora uma dupla dimensão, a concreta e a abstrata, sendo necessário pensar qual aspecto do trabalho se está abordando. Antunes (2001), discutindo as atuais metamorfoses do mundo do trabalho, considera o trabalho como atividade útil, responsável pela produção de valores-de-uso⁵ e estruturante no intercâmbio homem e natureza, ou seja, na sua dimensão concreta. No que tange à dimensão abstrata, o autor comenta que pensar no fim da centralidade do trabalho abstrato é ontologicamente diferente, uma vez que é concebê-lo em termos de produção de mercadorias e valor-de-troca⁶, ou seja, pensar no fim do capitalismo, por exemplo. Assim, para o autor:

“apesar da heterogeneização, complexificação e fragmentação da classe trabalhadora, as possibilidades de uma efetiva emancipação humana ainda podem encontrar concretude e viabilidade social a partir das revoltas e rebeliões que se

⁵ Pode-se considerar como *valor de uso* os produtos que visam a sua utilização, isto é, o seu próprio uso.

⁶ Pode-se considerar como *valor de troca* tudo aquilo que é produzido com o objetivo de venda e obtenção do lucro.

originam centralmente do mundo do trabalho; um processo de emancipação simultaneamente *do* trabalho, *no* trabalho e *pelo* trabalho”.(p.216)

A partir da perspectiva marxista, faz-se necessário entender algumas premissas, primeiramente, a de uma concepção de homem concreto, das ações deste e das condições de existência material em que se encontram e produzem. Para Marx e Engels (1984), são as condições concretas de existência que determinam as formas de relações entre os homens e destes com a natureza e ainda, a sua própria maneira de ser. Ou seja, “aquilo que eles são, coincide, portanto, com a sua produção, com **o que** produzem e também com o **como** produzem. Aquilo que os indivíduos são depende, portanto, das condições da sua produção”⁷ (op.cit. p.15). Este momento em que os homens iniciam a produção dos seus meios de vida é quando eles começam a se distinguir dos animais.

O homem, ao agir sobre o mundo concreto para satisfazer suas necessidades de subsistência, modifica-o e nesta ação também sofre um processo de transformação. Para satisfazer essas necessidades, o homem cria constantemente instrumentos de trabalho e formas para a sua execução. “A particularidade do trabalho do homem consiste em que para produzir os bens que necessita, utiliza os instrumentos criados por ele mesmo”. (Savechenko, 1987, p.10). Ou, seja, o intercâmbio homem e natureza permite a construção de bens úteis para a vida em sociedade, para a sua sobrevivência, assim como possibilita a construção do próprio homem. Esse construir do homem faz parte intrínseca da própria ação, do ato material necessário para garantir a sua sobrevivência. Assim, segundo Marx e Engels (1984) "a produção das idéias, representações, da consciência está diretamente entrelaçada com a atividade material dos homens, linguagem da vida real" (p. 22). Pode-se pensar a consciência, sob o olhar marxista, como uma construção a partir de um contexto social, notadamente marcado por condições históricas, políticas e econômicas.

O processo de dupla transformação entre homem e natureza, na produção da sua existência, possibilita que o mesmo se “hominize” e se construa enquanto ser social, nas relações com os outros e com o seu próprio “fazer”. Sobre isso, Carmo (1992) assinala que “há mediação entre o homem e a natureza: domando-a ele a seu desejo, o homem se transforma, se auto-produz e, ao se relacionar com outros homens, na realização da atividade, estabelece a base das relações sociais”. (p. 15). O trabalho enquanto ação

⁷ Grifos meus.

transformadora diferencia-se de outras ações humanas em geral, pois além de garantir o atendimento das necessidades materiais, possibilita a construção e reconstrução do sujeito e daquilo que é subjetivo.

Para Lukács (1979) a subjetividade é indissociável da atividade trabalho, não podendo esta ser concebida separadamente. É no ato social laborativo que o sujeito inaugura a própria subjetividade. Leontiev (1978) também considera o trabalho como fundamental na constituição do psiquismo humano. Para este autor, a consciência é produto de um processo sócio-histórico, possível através das relações sociais estabelecidas na mediação homem - natureza. Esta visão apresenta uma consciência histórica que se transforma com as condições sociais do homem e com as formas de relações que este mantém com outros homens no processo de atividade humana. O psiquismo humano, nesta perspectiva, está articulado com as condições reais de vida do homem, apontando para a sua natureza concreta e histórica.

O trabalho serve como via de inscrição do sujeito no espaço social. Ou seja, a realização desse insere o sujeito numa classe social específica, participante ou não dos usufrutos de uma sociedade capitalista. “O trabalho passa a ser a via de acesso para o lugar social, pois o sujeito só tem o reconhecimento de sua existência caso produza. Entretanto, quando já não é mais produtiva, a sua locação deixa de existir, pois não tem mais como pagar o “aluguel social” . (Wickert, 1999, p. 68). Seguindo esta mesma direção, Cruz (1999) coloca a importância do trabalho na inserção do sujeito no mundo produtivo, assim como a possibilidade de o mesmo afirmar-se como trabalhador e sujeito da sociedade. Para o autor, é através do trabalho que “se desenvolve o significado de pertencimento nas pessoas, uma consciência prática de se representar individualmente naquilo que se faz”. (p. 177).

Esse estranhamento do trabalhador em relação ao seu trabalho é inerente à lógica produtivista do capitalismo. O não-reconhecimento de si naquilo que faz consiste no que Marx denominou de alienação. Segundo Fromm (1983), o pensamento marxista entende que o homem, ao apropriar-se do meio externo para a produção de bens, leia-se mercadorias, mais se distancia destes, ou seja, mais o objeto não lhe pertence, existe independente do trabalhador que o produziu. Então, o trabalhador, ‘estranho’ àquilo que ele mesmo produziu, está alheio ao processo de produção, objetifica-se, enquanto o objeto assume caráter de sujeito, isto é, “o trabalhador põe a sua vida no objeto, e sua vida, então, não mais lhe pertence, porém ao objeto”. (p. 91).

O modelo de produção vigente tornou o mundo um grande mercado, dominado pela necessidade imperiosa de gerar cada vez mais mercadorias. A produção de mercadorias no modelo capitalista está pautada em seu valor-de-troca e na produção de mais-valia⁸ e não no valor-de-uso das mesmas. Pode-se considerar que as relações de produção adotadas pelos diferentes momentos históricos do capitalismo, gradativamente, intensificaram a produção de valores - de - troca, fazendo com que as mercadorias adquirissem uma qualidade superior ao valor- de -uso.

As mercadorias passam a assumir uma posição de privilégio em detrimento do homem, ou seja, elas sofrem um processo de fetichização. Esta pressupõe uma reificação da relação homem e trabalho e dele com outros homens, o sujeito deixa de existir enquanto tal e transforma-se em objeto. A fetichização das mercadorias, para Antunes (1997), “assume uma relação fantasmagórica entre coisas e não determinada pela relação social entre os homens”. (p. 127) Para o autor, vive-se atualmente um momento em que este processo (fetichismo) está presente não apenas na produção de mercadorias, mas também na esfera do consumo. Nesse sentido, está-se diante do que Antunes (2001) discute como sendo diferentes formas contemporâneas de estranhamento em que a subjetividade do trabalhador “encontra-se estranhada em relação ao que se produz e para quem se produz” (p. 130), que permeia o mundo do trabalho e também a vida ‘fora do trabalho’. A subjetividade discutida por Antunes (1997) estaria mais comprometida com a reprodução do capital do que com o florescimento de um ser mais autêntico, um ser capaz de perceber-se como produtor do seu trabalho, atribuindo-lhe um sentido realizador.

A respeito dessa condição do sujeito na sociedade capitalista de consumo, Cruz (1999) comenta sobre uma “despersonalização do sujeito”, uma cisão do próprio sujeito. Esse processo implicaria em uma gradativa desumanização e em um “embotamento da afetividade, da espontaneidade e da criatividade como forma de se adequar ao ciclo mercadológico”. (p. 177). Ao que parece, o espaço para o indivíduo, para um vir – a - ser mais autônomo, vai sendo aos poucos apropriado pelo capital, exaurindo o sujeito daquilo que lhe é singular, que é construído a partir de si.

⁸ Para Marx (1968), mais-valia refere-se ao trabalho excedente realizado pelo trabalhador e que não é pago pelo empregador, ou seja, o trabalhador produz além do valor pago pelo capital.

3.1.1 Subjetividade e Trabalho: Uma articulação possível

A temática da subjetividade e trabalho é ampla e multidisciplinar em sua constituição, uma vez que estabelece interpontos com outras disciplinas, tais como a Sociologia e a Psicologia, notadamente a Psicologia Social. No primeiro caso, esta questão aparece por meio de estudos a respeito dos movimentos sociais, sendo, de maneira geral, “através da análise das práticas coletivas e políticas de resistência dos trabalhadores que se demarca, no campo da sociologia, a temática da subjetividade e do trabalho” (Nardi et alli, 1999, p. 242). Nos estudos relativos à Psicologia, a tendência é buscar elementos sociais, culturais e históricos que permitam uma ampliação do conceito de subjetividade. Com uma definição do que seja subjetivo muito mais “interdisciplinar”, a psicologia social acaba provocando alguns rompimentos com seus modelos tradicionais.

Este campo de conhecimento, o da subjetividade e trabalho, procura compreender o sujeito trabalhador a partir “das vivências e experiências adquiridas no trabalho” (Nardi et alli, 1999, p. 240). Nesse sentido, o sujeito é considerado entrelaçado nas tramas sociais, no contexto em que está inserido, em que produz e é produzido, ou seja, na sua atividade de trabalho. Essa concepção de sujeito questiona as noções de sujeito autônomo, livre e individualizado e promove a tensão de dicotomias tão antigas tais como indivíduo X coletivo e subjetividade X objetividade.

A intenção, neste momento, não é de empreender uma discussão acerca de temas tão polêmicos quantos esses, mas sim de apontar para uma concepção de homem em que o trabalho é fundamento básico em sua constituição. Essa perspectiva permite repensar a relação do homem com o mundo, questionando instâncias, por exemplo, a objetiva e subjetiva, como sendo estanques e separadas. O que se percebe, e que esta temática da subjetividade permite visualizar, é um movimento dialético de construção, de entrecruzamento entre o individual, particular e o coletivo, público. O subjetivo, uma dimensão freqüentemente apontada como sendo estritamente da ordem do indivíduo, passa a ser considerada, segundo Tittoni (1994), como “aquela dimensão da experiência que expressa o sujeito na intersecção de sua particularidade com o mundo sócio-cultural e histórico” (p. 13).

A subjetividade como modo de expressão do sujeito está relacionada com o contexto à sua volta e assim, pode ser considerada como um processo social e historicamente construído. Em estudos como de Fonseca (2000) e Grisci (1999) a subjetividade está articulada com a categoria trabalho, sendo entendida de tal maneira

que não pode ser desvinculada dos processos histórico-sociais, mas sim conectada com a realidade circundante, com o que se pode chamar de objetividade. Essas duas instâncias, subjetividade e objetividade, são compreendidas pelo materialismo – histórico como uma constituindo a outra, não podendo ser entendidas isoladamente ou de forma independente. Desta forma, “mundo e sujeito, público e privado, razão e afetos, trabalho e não-trabalho deixam de ser considerados como realidades isoladas e dotadas de autonomia para se referirem de forma recíproca e relacional, encontrando-se uma na outra” (Fonseca, 2000, p. 43).

Nesta perspectiva, o trabalho é considerado como referência importante no modo de ser, pensar e agir dos sujeitos que nele estão inseridos, delimitando, assim, as formas de expressão da subjetividade. A análise do sujeito perpassa esta articulação entre trabalho e a construção da subjetividade, levando em conta que seu caráter constitutivo e as implicações na vida dos sujeitos estão pautados nas condições objetivas do contexto sócio-cultural e econômico em que o sujeito está inserido, ou seja, nas interferências de ordem macroeconômica. O sujeito, ao se relacionar com as regras sociais e realizar suas atividades, neste caso, o trabalho, primordialmente, expressa sua subjetividade e se reconhece neste processo de produzir.

Jacques (2003) apresenta um quadro das principais abordagens no campo da saúde/doença mental e trabalho, apontando suas articulações com a psicologia, o que pode auxiliar no entendimento do referido tema: a subjetividade e sua articulação com a categoria trabalho. Dentre estas⁹, a autora inclui os estudos concernentes ao campo da subjetividade e trabalho e discute a diversidade de pesquisas, bem como suas características básicas. O universo dos estudos sobre subjetividade e trabalho inclui pesquisas voltadas para temas variados, tais como etnia e gênero, assim como transformações tecnológicas e organizacionais no processo de trabalho. Mesmo considerando a grande diversidade presente nesta área, a relação entre subjetividade e trabalho tem como elemento comum, conforme as pesquisas, o pressuposto do trabalho como constitutivo do homem e eixo fundamental de análise, indo além de sua dimensão econômica ou técnica. As construções deste campo de estudo que direcionam seu olhar para o trabalho, “buscam as experiências dos sujeitos e as tramas que constroem o lugar do trabalhador, definindo modos de subjetivação relacionados ao trabalho” (Nardi et alli, 1999, p. 245).

⁹ As outras abordagens apontadas por Jacques (2003) remetem às teorias sobre estresse, às correntes voltadas para a psicodinâmica do trabalho e às abordagens de base epidemiológica e/ou diagnóstica.

Outra característica importante levantada por Jacques (2003) sobre essa temática refere-se à utilização de categorias de análise que podem não estar associadas a diagnósticos psicopatológicos, mas sim às vivências, ao cotidiano do trabalhador, aos modos de ser e à valorização das experiências dos trabalhadores em situações de adoecimento no trabalho. Os conceitos ou postulados, muitas vezes, são originários de diferentes perspectivas teóricas, como a Psicanálise, a Psicologia Sócio-Histórica ou os pressupostos marxistas. No que concerne à metodologia, comumente parte-se de abordagens qualitativas, utilizando observação, entrevistas individuais ou coletivas e análise documental. Em suma, o caráter de multidisciplinariedade está presente no campo em questão, contemplando diferentes abordagens que se voltam para o ‘sujeito do trabalho’, resgatando o aspecto subjetivo desta atividade mister para a humanidade. O aspecto comum dessas pesquisas sobre subjetividade e trabalho refere-se ao privilégio concedido à:

dimensão da experiência e das vivências dos trabalhadores sobre o cotidiano de vida e de trabalho enquanto expressões do sujeito na intersecção de sua particularidade com o mundo sócio-cultural e histórico, em que se incluem as vivências de sofrimento e adoecimento, sem privilegiar, necessariamente os diagnósticos clínicos (Jacques, 2003,p.14).

Muitos autores ocupam-se da temática em questão: subjetividade e trabalho. Dentre eles, Tittoni (1994) investiga a vivência de trabalhadores do setor petroquímico por meio do cotidiano de trabalho, salientando as especificidades intrínsecas neste processo de produção. A autora comenta que a pesquisa parte das falas dos funcionários da empresa para compreender a relação trabalho e subjetividade, ressaltando a sua dimensão subjetiva. Através do discurso dos trabalhadores foi possível identificar alguns elementos relativos aos significados e representações dos operadores do processo petroquímico, tais como o conteúdo da tarefa a ser realizada, o grau de qualificação necessário, o horário de trabalho em turnos alternados, a atividade a ser realizada por homens e o risco presente no cotidiano do trabalho. Esses aspectos configuram um ‘modo de ser’ que, conforme Tittoni (1994), estão conectados com o modo de trabalho, seu conteúdo e execução e a forma em que o mesmo é organizado. Assim, “o trabalho age sobre trabalhador, não só em relação à organização das formas de executar as

tarefas e seu conjunto, para a produção, mas também constrói formas de pensar, de sentir e de ser e delimita práticas sociais nele referenciadas” (p. 16). Pensar a subjetividade corresponde a considerá-la inscrita nas situações objetivas da organização social, que definem o contexto sócio-cultural e a expressão da dimensão subjetiva.

Outra pesquisa realizada por Lima (1996a) discute as conseqüências dos programas de qualidade na subjetividade de trabalhadores de uma empresa com política de gestão flexível, tipicamente japonesa. Através do discurso dos trabalhadores pôde-se identificar algumas conseqüências subjetivas para aqueles que permaneceram tempo considerável na empresa, como, por exemplo, um alto grau de dependência dos trabalhadores em relação à empresa, considerando as vantagens como uma concessão da mesma e não como mérito do seu trabalho. Também se pôde identificar a diminuição da capacidade de questionar e criticar as regras e políticas da empresa, o que pode ser relacionado à grande redução do número de trabalhadores sindicalizados, assim como uma forte tendência à resignação frente às insatisfações (alienação), considerando estas como estritamente pessoais.

Abramo (1988), na década de 80, também se dedica às implicações na subjetividade de trabalhadores diante da introdução da automação no processo de produção. Na pesquisa realizada pela autora, em duas fábricas automobilísticas, a investigação diz respeito à forma como os trabalhadores sentem e elaboram a convivência cada vez mais intensa com as novas tecnologias no seu trabalho. Muitos aspectos foram analisados, como, por exemplo, as implicações da automação nas condições de trabalho, nos salários, nas relações com dirigentes e, em especial, sobre a subjetividade. No que se refere a esta, foram observados sentimentos de fascínio por toda a sofisticada engrenagem tecnológica e também o temor de serem substituídos por computadores e robôs, explicitando que se sentem, muitas vezes, frágeis e pequenos em relação a eles. Alguns relatos denotam uma competição entre os trabalhadores e as ‘máquinas’, tentando confirmar a sua superioridade frente aos robôs, alegando que eles não são tão eficientes ou insuperáveis e que seu papel no desenvolvimento das atividades é imprescindível. Para a autora, isso seria uma maneira de reafirmar a própria identidade do trabalhador.

Fonseca (2000) e Grisci (1999) investigam a questão da subjetividade do sujeito contemporâneo frente às atuais transformações que o mundo do trabalho está sofrendo, caracterizadas pela globalização da economia e expansão dos mercados, pelas reestruturações produtivas que demarcam novas formas de organização do trabalho,

assim como por uma diversidade de outras transformações do trabalho, como por exemplo, terceirizações, flexibilizações ou trabalhos temporários e precarizados. Este cenário contemporâneo de intensas mudanças deve ser considerado para se pensar a subjetividade, a forma como o sujeito pensa, age e sente a realidade em que vive. Nesse sentido, Fonseca (2000) assinala que “a subjetividade lateja no coração dos sujeitos, em sua maneira de perceber o mundo, de se articular com o tecido urbano, com os processos de trabalho, com a ordem social suporte das forças produtivas” (p. 44).

O sujeito deve ser considerado a partir do seu mundo concreto, pelas relações estabelecidas entre os homens e destes com o seu modo de trabalho. Então, a maneira como o sujeito se constitui não pode ser descolada do seu contexto, da sua história, ou seja, para Grisci (1999) “é em relação ao lugar que o sujeito ocupa no mundo que a sua subjetividade se constitui. Quer queira, quer não, o sujeito está ligado aos fluxos sociais, materiais e dos signos que o circundam, atravessam-no e o constituem” (p. 100). Para esta autora, a subjetividade refere-se a um processo em que aspectos coletivos, de ordem social, econômica e cultural estão diretamente implicados, sendo que pode ser vivida e assumida de forma particular por cada sujeito. Outros estudiosos (Marques, 1992; Tavares, 1992; Vitorello, 1998) também se dedicam à construção da subjetividade, pesquisando esta temática em diferentes contextos, com pressupostos teóricos, muitas vezes, distintos. No entanto, esses autores procuram compreender a dinâmica do trabalho e como o sujeito produz modos de tornar seu caminho único, considerando a subjetividade como “uma construção social e socializante” (Marques, 1992, p. 124).

Por fim, os contextos em que os modos de produção são adotados e as formas de trabalho são construídas estão intimamente articulados com a dimensão subjetiva e com o modo de ser do trabalhador. Para Rosa (1994), a construção do *ser trabalhador* realiza-se na relação deste com o seu trabalho, e estas relações, para a autora, “produzem ou ainda criam o modo de ser moral do trabalhador, entendido este modo a sua subjetividade, na condição de trabalhador assalariado” (p. 58). Neste constituir do sujeito trabalhador as relações de poder e econômicas devem ser consideradas no processo produtivo, principalmente no trabalho assalariado, tipicamente capitalista. O trabalho e as relações engendradas no seu cotidiano são permeados por dimensões de poder, posições rigidamente hierárquicas e por interesses de ordem exclusivamente econômica que, em certa medida, sujeitam o trabalhador e possivelmente configuram modos de subjetivação específicos.

3.1.1.1 A vivência como categoria de análise

Os estudos relativos à área da subjetividade e trabalho, mais especificamente à construção da subjetividade no cotidiano do trabalho, vêm assumindo destaque, possibilitando que o trabalhador seja percebido também em seu aspecto subjetivo. Sem desconsiderar as implicações de ordem histórica, econômica e social, algumas pesquisas (Abramo, 1988; Tittoni, 1994) remetem à vivência do trabalhador, ou seja, à forma como este experimenta e atribui sentidos e significados às suas relações, inclusive no âmbito do trabalho.

A pesquisa de Tittoni (1994) é muito elucidativa quando apresenta a vivência como possível categoria de análise, pois considera esta como uma possibilidade de “decifrar a dimensão subjetiva dessa experiência (o trabalho)¹⁰, através das formas como o sujeito apreende e expressa as experiências vivenciadas no espaço social, onde também está presente o trabalho, que é a dimensão analítica central dessa investigação”. (p. 32) Para a autora, trata-se da ‘dimensão subjetiva da experiência’ e, nesse sentido, é por meio do discurso, no caso dos trabalhadores petroquímicos, que a pesquisadora pôde ter acesso à subjetividade e à forma como os sujeitos vivenciam seu trabalho.¹¹

É possível, por esta perspectiva, apreender os significados que os trabalhadores atribuem às práticas e ao cotidiano do seu trabalho, como vivem a experiência do trabalho e se reconhecem no mesmo. Assim, “essas vivências procuram expressar as formas como os trabalhadores vivenciam as experiências concretas no mundo do trabalho, considerando a especificidade que o constitui”. (Tittoni, 1994, p.33).

3.2 Transformações no Mundo do Trabalho Contemporâneo

A atual configuração da sociedade capitalista, caracterizada por uma economia globalizada, regulada pela abertura do comércio entre as várias economias, acarreta consequências econômicas, sociais e políticas em diferentes contextos da sociedade, especificamente a do trabalho, promovendo a sua **precarização**¹². Essa situação, para

¹⁰ Inclusão minha.

¹¹ Cabe mencionar que, em seu trabalho, Tittoni (1994) apresenta referenciais, tais como o de experiência (Thompson, 1981) e o de vivência (Dejours, 1987), sendo que para a autora encontram-se próximos e podem ser entendidos como a maneira segundo a qual os trabalhadores vivenciam sua atividade. Ambos os conceitos são considerados como referências tanto de um quanto de outro e perpassam toda a análise na compreensão da dimensão subjetiva das relações construídas no trabalho.

¹² A precarização, segundo Mattoso (2001), remete às condições de trabalho e também às relações de trabalho. No primeiro caso, pode ser percebida pelo aumento crescente do trabalho sem registro na carteira e sem direitos trabalhistas, pelos trabalhos parciais, sem remuneração fixa (‘bico’), e pelos

Cattani (1996), está intimamente relacionada com o modelo político neoliberal presente na nossa sociedade, que permite a reciclagem de práticas capitalistas que intensificam a maximização do lucro e legitimam uma realidade social repleta de desigualdades. Para o autor, essas condições não se sustentariam apenas pela coação, mas pela construção de uma “legitimidade social, intelectual e moral (...) pela restauração/ instauração de um conjunto de valores associados ao desejo de uma ordem social específica” (p. 22). Enfim, essa lógica, a capitalista, para Cattani (1995), possui característica de exploração e alienação dos trabalhadores, impondo limites à realização do trabalhador como sujeito autônomo produtor de ações e significados.

O mundo do trabalho organizado pelo capitalismo é um espaço de conflitos e enfrentamento (...) com características despóticas, que se traduzem em exploração e alienação dos trabalhadores (...).O capitalismo não gera empregos suficientes e menos ainda, promove a qualificação generalizada. Esses são seus objetivos e só se realizam em circunstâncias ocasionais, para atender necessidades pontuais da produção. (Cattani, 1995, p. 37-38)

Nos últimos tempos, a sociedade vivencia um grande número de diversas e sofisticadas descobertas científicas e avanços tecnológicos nos mais variados campos de conhecimento, tais como a informática, a microeletrônica, a engenharia genética na medicina, entre muitas outras. Apesar disso, tantas mudanças não se fazem acompanhar de melhoria da qualidade de vida da sociedade em geral e das relações de trabalho desenvolvidas nos diferentes espaços de produção. O desemprego tornou-se uma preocupação para os governos e uma sombra para todos aqueles que pretendem se inserir no mercado de trabalho formal. O sistema capitalista torna o emprego um privilégio, restrito apenas a uma pequena parcela de pessoas. No que tange ao **emprego**, Singer (2001) aponta que o mesmo resulta da relação contratual entre empregado e empregador em que um oferece sua capacidade de produzir e o outro a compra, implicando em assalariamento. A **ocupação**, ao contrário, pode ser entendida como “toda a atividade que proporciona sustento a quem a exerce” (p. 14), sendo não

trabalhos independentes (autônomos). O segundo refere-se aos contratos de trabalho temporário desregulamentado, deteriorando as relações entre trabalhadores e destes com a empresa.

necessariamente o emprego. Porém, na sociedade capitalista esta forma de ocupação é uma das mais freqüentes.

Nas últimas décadas, no Brasil, as transformações, especialmente no mundo do trabalho, repercutiram de forma impactante na organização do processo produtivo. Muitos autores (Goulart & Guimarães, 2002; Antunes, 2001; Mattoso, 2001; Fernandes, 2000; Alexandre, 2002) discutem essas mudanças no mercado de trabalho contemporâneo, assinalando que a introdução de novas tecnologias¹³ na produção, por indústrias brasileiras, a partir da década de 70, impulsionou a configuração de um novo cenário para o trabalho. Novas formas de gestão administrativas e organizacionais, comumente conhecidas como processos de reestruturações produtivas e formas alternativas de contratação, começam a ser instituídas nos espaços produtivos, alterando a forma como os trabalhadores desempenham suas tarefas e, conseqüentemente, como se relacionam socialmente no cotidiano do seu trabalho.

O mercado de trabalho, na década de 80, sofre uma série de mudanças, tais como o aumento da informalidade e o chamado **desemprego tecnológico**, isto é, aquele ocasionado pela introdução de tecnologias no sistema produtivo, responsável pela redução do número de empregos (Bastos In Cattani, 1999). Para Mattoso (2001), essa forma de desemprego deve ser questionada, uma vez que “a inovação tecnológica, embora possa modificar a determinação do nível de emprego, não determina a priori seu resultado. Esse resultado, que pode ser mais emprego, consumo, tempo livre ou desemprego, é uma escolha social, historicamente determinada pelas formas de regulação dos sistemas produtivos e de distribuição de ganhos de produtividade” (p. 32). Ou seja, a introdução de tecnologias no processo de trabalho pode provocar desemprego, porém, esta não é uma condição determinante. Além disso, esse se apresenta de diferentes maneiras na sociedade capitalista, como, por exemplo, por meio do **desemprego estrutural**. Segundo Singer (2001), este fenômeno é intrínseco à ordem sócio-econômica de um país, privando o trabalhador do exercício profissional e do usufruto de seus direitos de cidadão, visto que, ao deteriorar o mercado de trabalho, dificulta ainda mais o acesso dos trabalhadores aos novos postos de trabalho.

¹³ Sobre as novas tecnologias, Silva (Silva In Cattani, 1999) menciona as tecnologias de base microeletrônica que começam a ser incorporadas pelas indústrias e outros setores, sendo um elemento importante no processo de reestruturação produtiva. A autora aborda diferentes posições sobre a questão, dentre elas as suas repercussões para o processo de trabalho, como o desempenho de uma atividade quanto para os trabalhadores, acarretando comprometimentos psicológicos.

A partir da década de 90, o Brasil sofreu medidas de globalização da economia, como a abertura dos mercados internos e os incentivos à importação, acentuando o processo de privatização, principalmente de empresas estatais, e a desregulamentação dos contratos de trabalho. O desemprego assume proporções alarmantes, atingindo, em 1999, segundo assinala Mattoso (2001), aproximadamente 20% da população economicamente ativa em algumas metrópoles brasileiras. A emergência cada vez maior de formas alternativas de ocupações, invariavelmente precárias, isto é, o **sub-emprego**,¹⁴ as terceirizações, a desestabilização dos sindicatos, entre outras, configuram um quadro desolador do mundo do trabalho e, conseqüentemente, de aumento das desigualdades sociais.

As inovações tecnológicas, o avanço da informática nas diferentes áreas de conhecimento e a sofisticação dos sistemas de comunicação expressa características importantes de um novo cenário econômico, político e social, marcado pela expansão da globalização. A respeito desse assunto, Parker (Parker In Clegg; Hardy at alli, 1999) discute que o conceito de globalização é complexo, havendo diferentes perspectivas sobre as conseqüências de suas mudanças nas várias sociedades. A globalização, justamente por consistir em um fenômeno com múltiplas facetas, como aponta Scherer (1999), remetendo às esferas social, econômica, tecnológica, comunicacional, cultural e subjetiva, suscita diferentes perspectivas quanto às suas conseqüências.

Alguns aspectos são associados ao processo de globalização, entre eles, a noção do mundo como sendo um todo ou ainda, como sendo um conjunto de alterações nos padrões tradicionais de produção e comércio, nacionais e internacionais, caracterizado pela ausência de fronteiras e taxas alfandegárias que facilitariam o comércio entre as nações (Parker In Clegg; Hardy at alli, 1999). Além disso, pode ser considerado como um fenômeno que tende a diminuir as diferenças regionais e culturais entre sociedades, bem como a possibilidade de acirramento das desigualdades sociais e a destruição dos recursos naturais. Para melhor compreender esse processo e suas implicações ideológicas é preciso considerar o quanto ele está alicerçado no modelo político e

¹⁴ Segundo MTE (2002), sub-emprego refere-se à situação de emprego caracterizado por atividades precárias, sendo, por exemplo, sub-remuneradas, recebendo remuneração abaixo dos padrões no mercado de trabalho ou trabalhando em tempo parcial com remuneração abaixo de um salário mínimo. Geralmente as condições de trabalho são bastante instáveis e precárias. Fonte: Brasil. (2002a). Intermediação de Mão-de-Obra - Termo de Referência para o Sistema Nacional de Emprego. (pp.1-59). Brasília, Ministério do Trabalho e Emprego.

econômico neoliberal de defesa ao livre mercado e à concorrência. Nesse sentido, o neoliberalismo, pautado em valores como o individualismo exacerbado, “legitima a ação dos grupos econômicos que elaboram seus planos numa perspectiva que não leva em conta interesses de cunho nacional” (Goulart & Guimarães, 2002, p. 24). Esse fato, em certa medida, permite constantemente que o capital se reestruture frente às mudanças de um novo padrão de produção que privilegia determinados interesses em detrimento de necessidades sociais. Assim, é freqüente pensar as mudanças promovidas pela globalização como um dos fatores responsáveis pelo aumento da pobreza e da exclusão social.¹⁵

Singer (2001) problematiza a questão da globalização, relacionando-a à situação de desemprego. Para o autor, o mundo globalizado apresenta implicações nefastas para o mercado de trabalho brasileiro, entre elas a sua precarização através dos empregos informais e temporários, bem como o aumento do desemprego estrutural. Nesse sentido, torna-se difícil pensar o desemprego desarticulado com a questão da exclusão social, ou seja, com a deterioração da condição de cidadania do sujeito. Para Moura (1998a), o desemprego consiste em fator importante para a exclusão social por atingir uma grande parcela da população, estar em crescimento e propiciar ou intensificar outras formas de exclusão. Singer (2001) também compartilha desta posição, uma vez que para ele, uma das principais formas de exclusão social se dá através da exclusão por instituições formais, inclusive o emprego formal. Este é um fato de suma importância já que atinge grande parcela da população e está em constante crescimento, principalmente a partir da década de 90.

3.2.1 A Informalidade: uma alternativa viável?

Esse cenário de mudanças exige uma crescente flexibilização na organização do trabalho, promovendo a adoção de novas práticas de trabalho mais condizentes com as necessidades emergentes de um mercado econômico instável, tais como a prestação de serviços ou os trabalhos temporários. Em virtude de o mercado de trabalho se tornar cada vez mais restrito e exigente, impossibilitando a inserção neste, o que se verifica é o aumento da informalidade juntamente com o aumento da precarização e do desemprego.

¹⁵ De acordo com Moura (1998), este termo refere-se ao “estado do indivíduo que é vedado de participar das condições gerais (inclusive proteção e bem-estar) que a sociedade propicia aos seus cidadãos” (p.199). Cabe lembrar que existem várias posições sobre o tema exclusão X inclusão, sendo que não é objetivo deste trabalho adentrar neste campo de discussões. Assim, existem diversas formas de exclusão

O mundo do trabalho sofreu um processo de heterogeneização, complexificação e fragmentação. Pode-se dizer que tais transformações acarretaram a diminuição de uma categoria tradicional de trabalhadores (industriais) e promoveram o aumento de uma nova configuração de trabalhadores, a chamada por Antunes (1997) de *classe-que-vive-do-trabalho*. Nesta, estão incluídos aqueles beneficiados pelos avanços tecnológicos no processo produtivo, isto é, inseridos no mercado de trabalho dito ‘formal’, assim como aqueles que fazem parte do trabalho precário, muitas vezes não reconhecido social e legalmente.

A discussão sobre o tema informalidade é partilhada por vários autores (Antunes, 1999; Alves, 2001; Cacciamali, 2001; Jakobsen; Martins; Singer et alli, 2001) na tentativa de compreendê-lo em sua complexidade, debatendo seus diferentes conceitos e possíveis decorrências para os trabalhadores que dele participam. Cacciamali (2001) e Alves (2001) propõem um termo mais abrangente: informalidade ou processo de informalidade, devendo “referir-se às diferentes formas de inserção do trabalho que se originam dos processos de reestruturação das economias mundiais, nacionais e locais” (Alves, 2001, p. 109). Assim, este termo abarca uma grande diversidade de atividades, como as tradicionalmente informais e aquelas novas formas de trabalho precário com ausência de contrato de trabalho formal.

A compreensão do que consiste informalidade é resgatada por Alves (2001), que aponta três categorias de trabalhadores: trabalhadores informais tradicionais, trabalhadores assalariados sem registro e trabalhadores por conta própria. No primeiro caso, encontram-se aqueles que dependem da sua força de trabalho ou contam com a ajuda de familiares. Existem também os trabalhadores ‘temporários’ que, por estarem sem trabalho, realizam atividades ocasionais, algumas vezes, assalariadas, isto é, os chamados ‘bicos’. A maioria dos trabalhadores que se inserem nesta categoria recebem poucos benefícios, remuneração irrisória, excessiva carga horária e condições precárias de trabalho. O segundo caso, compreende os trabalhadores que foram contratados sem a regulamentação trabalhista, não contribuindo para a previdência social. Este grupo está em intenso crescimento em setores como o de serviços e comércio. O último caso apresenta uma série bastante diversa de situações de trabalho, que, no entanto, pode ser resumida como aqueles que “possuem seus meios de trabalho e utilizam força de trabalho própria ou familiar” (Alves, 2001, p. 112).

social (discriminação racial, religiosa, econômica, etc.), sendo que nenhuma delas é estanque, podendo atingir o sujeito em diferentes circunstâncias e contextos.

Nesse sentido, assiste-se, atualmente, a uma deterioração das relações de trabalho relacionadas “a remuneração, estabilidade, aos benefícios sociais, o que significa maior instabilidade, precariedade dos vínculos com o trabalho e insegurança para muitos indivíduos” (Cattani & Matosso citado por Lima & Borges, 2002, p. 340). Conforme Alves (2001), os trabalhadores procuram constantemente, em seu dia-a-dia, alternativas de sobrevivência, mesmo que não consigam efetivá-las na prática. Ou seja, segundo a autora, a informalidade, apesar da intensa insegurança que a constitui, consiste em uma forma de inserção social. Pode-se pensar que não se trata apenas da falta de organização e qualificação profissional dos trabalhadores que vivem na informalidade, discurso este, tão em voga atualmente nos projetos políticos e nos meios de comunicações, por exemplo, mas, em última instância, consiste em uma “estratégia de acumulação de capital das empresas formais modernas” (Jakobsen, 2001, p. 15).

Frente a essa conjuntura apresentada pelo mercado de trabalho brasileiro, o nível de exigência com relação à qualificação profissional do trabalhador tende a aumentar e a tornar-se mais competitivo. Para se inserir no mercado de trabalho dito formal, o trabalhador deve desenvolver uma série de habilidades técnicas e, além disso, apresentar um ‘perfil’ de trabalhador polivalente, ou seja, capaz de desenvolver várias funções diferentes conforme as necessidades e exigências do mercado. Geralmente, a discussão sobre qualificação profissional centra-se neste âmbito, despertando uma série de implicações, principalmente para o trabalhador.

Para compreender o que significa a ‘qualificação profissional’ é importante, considerá-la de forma contextual, interconectada aos diversos processos presentes no mundo de trabalho, às suas rápidas mudanças e imposições. A princípio, Gonçalves (2003) aponta que o conceito de qualificação é bastante variado, expressando a complexidade e disparidades pertinentes a este tema. Outros autores (Cattani, 1996; Pochmann, 2001) também se dedicam à discussão sobre qualificação, partindo de concepções como educação ou formação profissional. Gonçalves (2003), ao descrever o panorama sobre os diferentes enfoques de qualificação, assinala que, desde Adam Smith, no século XVIII, este conceito esteve vinculado ao conteúdo técnico da tarefa com o objetivo de atender às necessidades da produção. Outro enfoque que o conceito de qualificação passa a assumir, a partir dos tempos, refere-se a outras esferas de saberes contidas no próprio trabalhador, emergindo, assim, conceitos como o de ‘competência’, ou seja, a capacidade de o trabalhador atingir um objetivo através do domínio de várias técnicas em determinado contexto (Gonçalves, 2003; Pochmann,

2001). Dessa forma, vislumbra-se diferentes faces da qualificação profissional. Algumas tendem a concebê-la como processo contínuo, contemplando formas diferenciadas de saberes, e outras, dominada pelo mercado empresarial, isto é, uma qualificação relativa ao conhecimento técnico e centrado nos atributos pessoais do trabalhador.

Para Cattani (1999), a qualificação profissional pode ser entendida como a inter-relação entre conhecimento técnico e intelectual na realização de diferentes atividades. Este seria um processo adquirido pelo trabalhador, em vários contextos, não apenas na educação escolar ou na formação profissional. O primeiro caso, a educação escolar, está voltada para as instituições escolares e o segundo, formação profissional, para a capacitação de determinadas atividades, freqüentemente, direcionadas para o mercado. Nas últimas décadas, o país vem apresentando sinais de insuficiência dos modelos de qualificação dos trabalhadores, como, por exemplo, os cursos de curta e média duração desenvolvidos por instituições setoriais, entre elas o “Sistema S”.

Deve-se salientar que a qualificação profissional, como única alternativa capaz de manter o trabalhador empregado ou de obter um novo emprego, tende a responsabilizar o sujeito pela sua situação de desemprego. Uma característica disto pode ser percebida no discurso comum da ‘empregabilidade’(Antunes, 1999). Este termo, considerado como a capacidade de o trabalhador tornar-se empregável, consiste, para o autor, em uma falácia do capital, visto que transfere ao trabalhador a necessidade imperiosa de qualificar-se para conseguir emprego. Nesse sentido, “o discurso oficial prega que a alocação ou recolocação dos trabalhadores só será viável com uma correspondente qualificação e re-qualificação dos mesmos e, cada vez mais, a responsabilidade pelo aperfeiçoamento é atribuída ao próprio trabalhador”. (Bárbara, 1999, p. 33).

Assim, o que se percebe é que o discurso empresarial de aperfeiçoamento e qualificação profissional acaba sendo utilizado para justificar a situação de desemprego e exclusão em que os trabalhadores desempregados se encontram, pelo fato de não estarem ‘qualificados’ suficientemente para ingressarem ou se manterem no mercado de trabalho.

3.2.2 O Cenário do Desemprego

A sociedade capitalista atual está diante de várias crises, entre elas a chamada ‘crise estrutural’ (Antunes, 2001) que, dentre suas características, expressa uma verdadeira falência do emprego. A redução crescente do número de empregos, a flexibilização das relações de trabalho e o aumento gradativo de exigências profissionais configuram um novo quadro para o mundo do trabalho, representado pela

difículdade de inserção no mercado de trabalho e pela falta de perspectivas de manter-se e ascender no mesmo.

Longe de ser um fenômeno recente, o desemprego assume progressivamente uma face mais alarmante no contexto atual de intensas mudanças no mundo do trabalho. Esta seria uma situação que, segundo Antunes (2001), decorre das transformações que o trabalho vem sofrendo, a partir de uma reestruturação produtiva própria do capital gerador do desemprego estrutural. Este quadro torna-se mais complexo ao se considerar o contexto brasileiro, caracterizado por uma “uma estrutura social e historicamente excludente e desigual e onde aumenta a precarização do emprego, das novas formas de trabalho e da representação sindical” (Goulart & Guimarães, 2002, p. 27).

A questão do desemprego a partir da perspectiva da economia clássica, conforme comenta Krietmeyer (citado por Del Prette, 1993), refere-se a um desvio ocasional ou transitório de todo o sistema, mas que pode ser revertido pela ação empresarial. Assim, o desemprego seria decorrente de desarranjos do mercado de trabalho. Outro ponto de vista levantado por Silveira (citado por Goulart, 2001) parte da concepção keynesiana, que considera o fenômeno do desemprego como intrínseco à ordem econômica. Este enfoque pauta-se na compreensão de que o processo de produção acarreta demanda insuficiente, sendo, muitas vezes, responsável por vários efeitos, como a diminuição do consumo, da produção e da mão-de-obra. Para isso, defende-se a intervenção estatal na correção desses desequilíbrios. Para Marx (citado por Del Prette, 1993), o desemprego pode ser compreendido como um fenômeno inerente ao capitalismo, isto é, ao processo de acumulação de capital que, pela sua ação, provocaria a criação do chamado “exército industrial de reserva”, mantendo, assim, um contingente de trabalhadores desempregados.

O estudo apresentado por Del Prette (1993) aponta para duas categorias de análise deste fenômeno, a conjuntural e estrutural. A primeira compreende o desemprego associado ao setor econômico e as flutuações de suas atividades e a segunda parte de uma visão mais geral da sociedade, em que o desemprego está articulado com a política econômica de desenvolvimento. O economista Pochmann (1999) compartilha esta posição e afirma que o desemprego representa um elemento dependente do modelo capitalista de produção. O autor problematiza essas duas vertentes, visto que, ao considerar a análise dos fatores internos ao mercado, como, por exemplo, baixa qualificação profissional, as variáveis externas seriam minimizadas, sendo que estas, segundo o autor, seriam as principais responsáveis pela atual crise do emprego. Desta

forma, esta crise poderia ser pensada como decorrente de um “processo dominante de globalização financeira e de adoção generalizada de políticas liberais” (Pochmann, 1999, p. 47). Assim sendo, para o autor, a questão do desemprego deve ser considerada como inerente ao capitalismo e, nesse sentido, as novidades referem-se às formas de reação política a esse e ao perfil dos trabalhadores atingidos pelo desemprego.

Algumas causas do desemprego em massa no Brasil são delineadas por Pochmann (2001) ao tentar compreender os principais aspectos que estão envolvidos na “atual epidemia do desemprego no país”. (p. 111). Segundo ele, basicamente são duas as razões que configuram este quadro, sendo que elas apresentam diversas implicações. Uma delas é o baixo desempenho econômico nacional nas duas últimas décadas, marcado, principalmente, pela permanência nas taxas do PIB (Produto Interno Bruto) sem apresentar grande crescimento¹⁶, e pela intensa redução do emprego assalariado formal. Outro fator responsável pelo agravamento desta situação refere-se ao novo direcionamento da economia a partir da década de 90. O autor comenta que, neste período, um projeto econômico começou a ser implementado, baseado na maior competitividade internacional, através de modernização das grandes empresas, aumento das privatizações e intensa dependência econômica em relação aos países centrais. De modo geral, são inúmeros os aspectos envolvidos na problemática do desemprego, como fatores de ordem “pessoal, social, estrutural, atuais, com efeitos cumulativos do passado, organizacional (...), local ou universal, temporário ou permanente” (Moura, 1998a, p. 93). O desemprego não pode ser compreendido a partir de uma única causa, mas sim em seu conjunto, considerando suas interconexões. Seja como for, o entendimento das causas do fenômeno do desemprego é amplo e complexo, permitindo, até este momento, uma aproximação neste âmbito.

Outro aspecto que também revela certa polêmica remete à compreensão das taxas de desemprego, sendo que, muitas vezes, a leitura desses dados não expressa a realidade sócio-econômica do país. No Brasil, são realizadas pesquisas que utilizam metodologias e conceitos diferentes sobre o mercado de trabalho, as quais produzem informações diferenciadas sobre o assunto:

Cada país apresenta traços sociais, econômicos e institucionais
que diferenciam dos demais. Por essa razão, quando se pretende

¹⁶ Segundo Pochmann (2001), o PIB por habitante, no ano de 1999, estava próximo ao de 1980, ou seja, 3,3 mil dólares contra 3,1 mil dólares, demonstrando sinais negativos na economia neste período.

descrever a situação vigente, o método estatístico escolhido para captar informações a serem utilizadas deve estar sustentado em definições coerentes com a realidade do país, que podem diferir daquelas utilizadas como parâmetro para outros países. (DIEESE, Principais Conceitos da Pesquisa de Emprego e Desemprego, 2002, p. 01)

As pesquisas domiciliares mensais são realizadas nas principais regiões metropolitanas do país, apresentando concepções e classificações diferenciadas de desemprego. A Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED)¹⁷ é realizada através da Fundação SEADE (Sistema Estadual de Análise de Dados) e do DIEESE (Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos) e considera as seguintes categorias de desemprego: aberto, oculto pelo trabalho precário e oculto pelo desalento (ver tabela 1). Segundo o DIEESE (2002a), são considerados desempregados aqueles “que se encontram em uma situação involuntária de ‘não-trabalho’, por falta de oportunidade de trabalho ou que exercem trabalhos irregulares com desejo de mudança”. (p. 02). A Pesquisa Mensal de Emprego (PME)¹⁸ realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) estima o desemprego aberto, sendo que ambas as pesquisas têm como referência o tempo de 30 dias anteriores à consulta.

Tabela 1:
Classificação do Desemprego

| Tipos de desemprego | Características |
|---|---|
| Desemprego aberto | Refere-se àqueles que procuraram trabalho nos 30 dias anteriores à pesquisa, sendo que não realizaram nenhum trabalho nos sete últimos dias. |
| Desemprego oculto pelo trabalho precário | Refere-se à situação em que as pessoas realizaram algum tipo de trabalho ocasional, notadamente precário ou sem-remuneração, e procuraram mudar de trabalho nos últimos 30 dias ou não conseguindo não o fizeram nos 12 meses anteriores. |
| Desemprego oculto pelo desalento | Refere-se às pessoas que não possuem trabalho e nem o procuraram nos últimos 30 dias anteriores à pesquisa, pelo desencorajamento das condições do mercado de trabalho ou situações fortuitas, mas demonstram interesse por trabalhar e procurar nos 12 meses anteriores. |
| Desemprego total | Soma das taxas de desemprego aberto, oculto pelo trabalho precário e oculto pelo desalento. |

Fonte: DIEESE (2002a)

² A PED está sendo realizada desde o ano de 1984, nas regiões metropolitanas de São Paulo, Distrito Federal, Recife, Porto Alegre, Salvador, Belo Horizonte, além de Belém que deverá ser retomada em breve.

¹⁸ A PME, implantada em 1980, abrange as regiões metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

Mesmo levando em conta tais considerações, os dados estatísticos revelam aumento crescente das taxas de desemprego em escala mundial, apenas salientando que o desemprego se expressa diferentemente, de acordo com as especificidades de cada região. A Revista Veja (2002) divulgou que a OIT (Organização Internacional do Trabalho) elaborou um relatório sobre o desemprego na América Latina, divulgando que nesta há 17 milhões de desempregados, sendo a Argentina e Venezuela os países com maiores índices de desemprego. O Brasil também foi indicado de forma negativa, com um percentual de 7,3%, aproximadamente. Para Antunes (1997), a configuração desse quadro de crescimento do desemprego estrutural pode ser relacionada à intensificação do setor de serviços, de empregos temporários e informais, principalmente nos países industrializados.

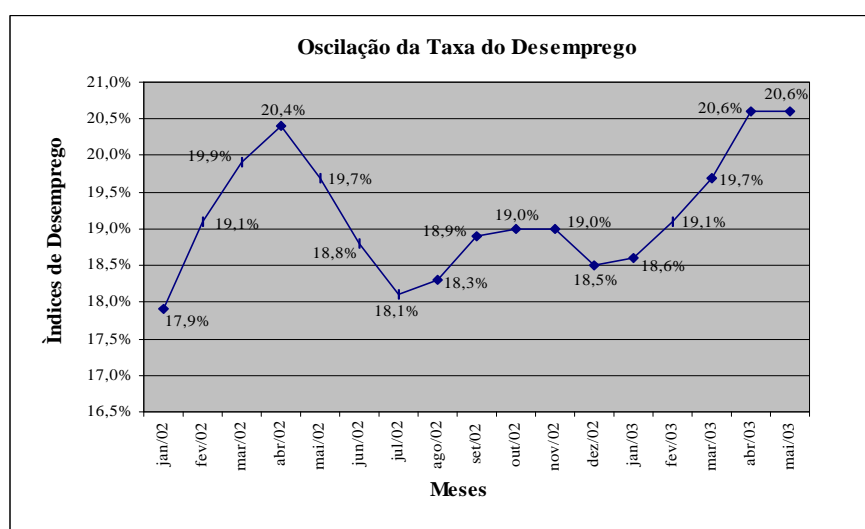
3.2.2.1 A divulgação do desemprego: universo possível de entendimento?

A mídia, através dos seus diferentes canais de comunicação, televisão, jornal ou internet, veicula inúmeras manchetes e reportagens sobre o aumento do desemprego, o fechamento de milhares de postos de trabalho em determinados setores econômicos, bem como sobre o acelerado crescimento da informalidade, a queda da renda salarial dos trabalhadores, a extinção de profissões e o acirramento das desigualdades sociais. Um quadro desalentador do mercado de trabalho é vislumbrado, em que o desemprego é personagem principal, assim como coloca Aued (1997) “o desemprego põe a nu essa forma que extingue ofícios, profissões e seres humanos” (p. 11).

Mesmo considerando a complexidade do tema, as disparidades das taxas divulgadas pelos principais institutos de pesquisas e os dados estatísticos de desemprego, que se modificam rapidamente, algumas informações podem ser interessantes no entendimento de todo esse universo. A divulgação de taxas de desemprego nas principais regiões brasileiras mantém uma média alta, apesar das diferentes metodologias utilizadas nas pesquisas. Algumas variações são noticiadas, como a diminuição de índices de desemprego em áreas específicas da economia, no entanto, é constante o crescimento do desemprego no decorrer dos meses. Segundo o IBGE (2003), na reportagem do Jornal do Brasil (SINE/SC, 2003b), o desemprego subiu, no mês de maio de 2003, e atingiu 12,8% dos trabalhadores do país. Para Grabois

(2003), esta taxa manteve-se até o mês de outubro do mesmo ano, com o índice de 12,9%.

Os institutos DIEESE e a Fundação SEADE também divulgaram, em matérias de jornais, que a taxa de desemprego, no mês de maio, foi de 20,6% (conforme o gráfico 1) apenas na Região Metropolitana de São Paulo (SINE/SC, 2003c). Este índice manteve crescimento estável nos próximos meses, sendo que, ao final do ano de 2003, ocorreu uma pequena diminuição, isto é, em dezembro de 2003, a taxa de desemprego total nessa região foi de 19,1% (DIEESE, 2004). Esta pesquisa também registrou que, em janeiro de 2004, a taxa de desemprego não apresentou variação em relação ao mês anterior, iniciando o ano com o mesmo índice de desemprego.



Fonte: DIEESE-SEADE (2003) retirado de SINE/SC (2003c)

Gráfico 1: Crescimento da taxa de Desemprego

Em % da PEA (população Economicamente Ativa) da Região Metropolitana de São Paulo

Outros aspectos podem ser apontados para compreender melhor o cenário do desemprego no país, como, por exemplo, o tempo médio de procura por emprego que, nos últimos anos, vem aumentando gradativamente. Segundo o DIEESE (2003a), o tempo de procura por emprego em 2002, na Região Metropolitana de São Paulo, correspondia a 51 semanas, um aumento significativo se comparado com o ano de 1990, em que o tempo médio de procura por emprego era de 16 semanas. (ver tabela 2). Conforme o DIEESE (2004), em janeiro de 2004, esta média aumentou para 55 semanas, três semanas a mais com relação a janeiro de 2003. Isso indica que as mudanças ocorridas no mercado de trabalho, nos últimos tempos, como aumento de formas heterogêneas de contrato de trabalho, precarização, assalariamento, entre muitas

outras, provocaram maiores dificuldades de inserção profissional, aumentando gradativamente o tempo de procura por trabalho. Além disso, expressa o quão desalentador é, para o trabalhador, esta ‘espera’ por trabalho, sendo a informalidade, freqüentemente, um caminho para a sobrevivência.

Tabela 2:

Tempo médio de procura por trabalho pelos trabalhadores na Região Metropolitana de São Paulo

| Desemprego Total | 1990 | 1991 | 1992 | 1993 | 1994 | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 |
|-------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Média | 16 | 18 | 23 | 26 | 25 | 22 | 24 | 28 | 35 | 44 | 48 | 48 | 51 |

Fonte: SEP.Convênio DIEESE /SEADE (2003a).

A informalização também cresceu no país, principalmente na Grande São Paulo e já representa 8,3% da força produtiva desta região. O emprego sem carteira assinada é uma variável em franco crescimento nos últimos anos, apresentando, segundo o IBGE (2003), em junho de 2003, crescimento de 8,0%, (ver tabela 3), isto é, são 4,017 milhões de pessoas ingressando no trabalho informal. Além do crescimento do número de trabalhadores sem carteira assinada, verifica-se o aumento do número de trabalhadores por conta própria, em detrimento da diminuição do número dos que trabalham com carteira assinada.

Tabela 3

Indicadores do crescimento da informalidade

| Categorias/Mês | Mar/03 | Abr/03 | Mai/03 | Jun/03 |
|--|---------------|---------------|---------------|---------------|
| Trabalhadores por conta própria | 7,0% | 7,3% | 8,0% | 9,3% |
| Trabalhadores sem carteira assinada | 9,3% | 9,1% | 6,9% | 8,0% |
| Trabalhadores com carteira assinada | 3,3% | 3,5% | 3,2% | 1,3% |

Fonte: IBGE (2003) retirado de SINE/SC (2003c) / Adaptação própria.

Como o decorrer dos anos, vem se verificando também a expansão da população feminina no mercado de trabalho, atingindo, segundo Antunes (2001), mais de 40% da força de trabalho em alguns países avançados. Quanto a esse aspecto, o autor problematiza a questão do trabalho feminino, apontando que, inversamente ao aumento deste no mundo produtivo, presencia-se a incorporação do trabalho feminino pelo capital, de maneira diferenciada e desigual com relação ao trabalho masculino. Ou seja,

freqüentemente, estão sendo relegadas ao trabalho feminino, atividades intensivas com maior grau de precarização e exploração do trabalho. Nesse sentido, “a expansão do trabalho feminino tem se verificado, sobretudo no trabalho mais precarizado, nos trabalhos em ‘part-time’, marcados por uma informalidade ainda mais forte, com desníveis salariais ainda mais acentuados em relação aos homens, além de realizar jornadas mais prolongadas” (Antunes, 2001, p. 110). Além disso, cabe mencionar que a mulher tem dupla jornada de trabalho, dentro e fora de casa, realizando uma série de atividades, e segundo o autor, essa ‘polivalência’ e ‘multiatividade’ seriam sabidamente apropriadas pelo capital.

Com relação ao aumento do número de mulheres desempregadas nos últimos anos, o DIEESE (2003a) informa que o percentual de mulheres, dentre os desempregados da Região Metropolitana de São Paulo, começou a crescer desde 1998 até julho de 2003, com o índice de 54,6% dos desempregados nesta região. Em outras regiões metropolitanas do país, tais como Belo Horizonte e Porto Alegre, verifica-se essa mesma tendência.

O desemprego entre jovens mostra-se também como uma tendência importante quando se aborda o fenômeno do desemprego. Em ‘A batalha pelo primeiro emprego’, Pochmann (2000) traça um panorama da inserção do jovem¹⁹ no mercado de trabalho brasileiro, levantando algumas questões importantes. Segundo o autor, a expansão da população jovem apresentou maior impulso entre as décadas de 50 e 70, com as taxas de crescimento populacional. No entanto, apesar do grande contingente de jovens, cerca de 1/5 do total da população brasileira, estima-se que o segmento jovem apresente diminuição em detrimento de faixas etárias mais velhas. O que o autor verifica, em seu estudo, é o crescente aumento de jovens sem ocupação à procura de emprego, a partir da década de 90, e o acréscimo da taxa de desemprego juvenil com relação à taxa de desemprego total.

O autor descreve que a transição entre a vida escolar e o mundo do trabalho está cada vez mais difícil, assinalando o chamado ‘desemprego de inserção’, caracterizado pela procura do jovem pelo primeiro emprego. Assim, o jovem permanece mais tempo ‘fora’ do mercado de trabalho, mesmo que disponha de média ou elevada escolaridade ou até experiência profissional, uma vez que isto se torna um elemento importante.

¹⁹ O autor discute rapidamente, em seu livro, a faixa etária e as características desta população, apontando as possíveis limitações de classificação. Será utilizada por ele, como parâmetro de juventude, a idade de 15 a 24 anos.

Diante deste fato, a passagem do sistema escolar para o trabalho centra-se sobre a unidade familiar. Ou seja, o autor aponta que as necessidades de sobrevivência da família condicionam o modo de entrada do jovem no mercado de trabalho, pois ele precisará trabalhar para atender às necessidades daquela.

Enfim, outras questões são vislumbradas nas reportagens jornalísticas, havendo inclusive matérias que abordam o medo dos trabalhadores ante a possibilidade de perderem o emprego. Esta temática vem ocupando cada vez espaço na mídia, que aponta o desemprego como uma das preocupações mais comuns entre os brasileiros.

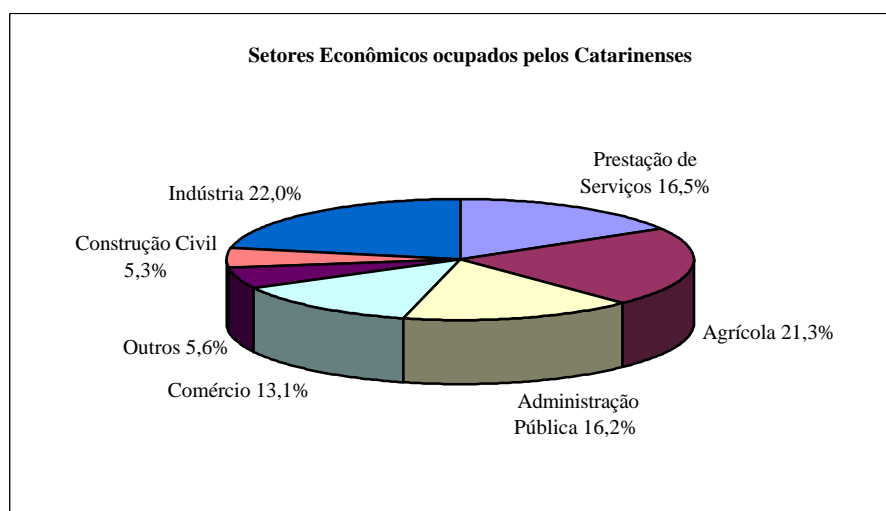
3.2.2.2 O contexto de Santa Catarina e o perfil dos desempregados de Florianópolis

As características do mercado de trabalho em âmbito nacional também estão presentes em Santa Catarina, contudo, resguardando suas peculiaridades. Os jornais do estado (SINE/SC, 2003b) divulgam o aumento da informalidade, do trabalho urbano, juvenil e feminino, por exemplo. Os dados do IBGE (2003), divulgados no Jornal 'A Notícia' (2003), fornecem uma série de informações importantes sobre o mercado de trabalho catarinense, tais como: entre 1992 e 2001, o trabalho no campo diminuiu 15,4%, assim como a atividade da população de 60 a 64 anos apresentou queda de 12,3% e o trabalho feminino cresceu 2,3%, mantendo, em 2001, a taxa de 54,5% de mulheres no mercado de trabalho.

Algumas reportagens sobre trabalho feminino e discriminação racial no mercado de trabalho apontam para as desigualdades, em termos salariais e cargos ocupados, também presentes em outras regiões do Brasil. Nesse sentido, o estado reflete a crise que o país vem enfrentando, sendo que as potencialidades dos setores econômicos, como, por exemplo, o setor industrial, são apontadas como fundamentais na geração de empregos e nos contratos formais de trabalho. A informalidade é uma sombra que vem aumentando sobre o estado, pois, conforme apontam os dados do IBGE (2003), publicados no jornal 'A Notícia' (SINE/SC, 2003b), dentre o total de trabalhadores ocupados no estado, 43,8% não têm seguridade social. Este índice é o mais alto do Sul do país, mas está apresentando queda desde a década de 90.

A geração de empregos formais por setor econômico, no estado, ainda apresenta crescimento (SINE, 2003d), mesmo que nos últimos sete anos, mais especificamente, entre março de 1997 e 2003, a variação de emprego tenha apresentado alguma diminuição, como entre março de 2002, com índice de 0,41%, e março de 2003, com índice de 0,07%. O SINE também revela que, entre janeiro e março de 2003, a flutuação

de emprego variou 1,85 %, principalmente na atividade industrial, administração pública e agropecuária. Assim, apesar de a tradicional indústria catarinense mostrar tendência ao crescimento, ela não conseguiu superar o quadro negativo que se mantém desde o início do ano de 2003, conforme reportagem do Jornal ‘Diário Catarinense’ (SINE/SC, 2003c). O setor de serviços, frequentemente associado à informalidade e precarização, por exemplo, constitui-se como um dos setores onde mais se concentram os trabalhadores catarinenses, ao lado da administração pública, atividade agrícola e industrial (ver gráfico 2).



Fonte: FIESC – Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (SINE/SC, 2003c)

Gráfico 2: Onde estão trabalhando os Catarinenses?

As informações sobre aqueles que não fazem parte do mercado formal de trabalho, no estado e em Florianópolis, podem ser vislumbradas a partir da análise da flutuação do emprego formal através do CAGED (Cadastro Geral de Emprego e Desemprego), do Ministério do Trabalho e Emprego, uma vez que as pesquisas mensais não abrangem a região da Grande Florianópolis. As pesquisas anuais e o censo demográfico também podem ser utilizadas como referência. O SINE/SC (2003e) revela alguns indicadores do desemprego no Estado, entre 1995 e 2001, apontando para um crescimento do número de desempregados, 43,85% no decorrer desses anos, chegando, em 2001, a uma taxa de desemprego de 4,17%.

O perfil de trabalhadores que freqüentam o SINE de Florianópolis pode facilitar a construção de um panorama sobre o desemprego e os desempregados nesta região. De acordo com informações do posto de atendimento do SINE/SC (2003f; 2003g), no

período de 01 de janeiro a 31 de julho de 2003, há 136.871 trabalhadores no cadastro geral, sendo que 24.743 concorrem à intermediação de mão-de-obra. Considerando este mesmo período como referência, pode-se perceber alguns aspectos interessantes desta população. Primeiro, a cada mês aumenta em no mínimo mil, o número de trabalhadores interessados no serviço de intermediação. Segundo, a faixa etária que apresenta maior concentração de trabalhadores corresponde à de 18 a 29 anos e à de 30 a 39 anos, sendo que, no primeiro caso, trata-se de trabalhadores jovens à procura do primeiro emprego. As faixas etárias com maior idade, por exemplo, acima dos 50 anos, apresentam pouca concentração de trabalhadores, ou seja, abaixo de 500, porém este número tende a aumentar com o decorrer dos meses. Terceiro, em relação ao gênero, as mulheres superam o número de homens apenas na faixa etária de 18 a 29 anos, apresentando diminuição gradativa com o aumento da idade, enquanto o número de homens ultrapassa o das mulheres nas demais faixas, principalmente na faixa de 30 a 39 anos. Por último, o grau de instrução dos trabalhadores, nos sete meses de referência, concentrou-se, primeiramente, no ensino médio completo, seguido do ensino médio incompleto e do ensino fundamental completo e incompleto. O terceiro grau completo apresenta número inferior a 800 trabalhadores, porém, o aumento é gradativo a cada mês.

Coutinho (2003), em sua pesquisa com trabalhadores desempregados, na região de Florianópolis, confirma algumas dessas características mencionadas, fornecendo mais informações sobre esta população. Em seu estudo, 46,8% dos entrevistados são cadastrados no SINE, enquanto o restante está cadastrado na instituição DRT (Delegacia Regional do Trabalho) ou busca informações sobre o serviço oferecido. Em termos de faixa etária e gênero, os dados são semelhantes aos apontados acima, sendo que o predomínio é de homens em grande parte das faixas etárias, havendo um equilíbrio apenas na faixa mais jovem, isto é, até os 20 anos de idade. Quanto aos dados relacionados à escolaridade dos trabalhadores, a pesquisa confirma o que é identificado no serviço de atendimento a esta população, no próprio SINE. Grande parte dos trabalhadores, isto é, 46,5%, são solteiros, 34,1% são casados, e 68,3% são provenientes do próprio estado. Dentre as profissões declaradas pelos trabalhadores, as relacionadas ao setor de serviços vêm em primeiro lugar, com 28,4%; em segundo está a área de construção civil, com 20,8% dos trabalhadores. Com relação ao motivo da demissão e ao tempo de desemprego, percebe-se que 29,5% dos trabalhadores ‘pediram para sair’ e fizeram acordo com a empresa. A grande maioria, ou seja, 60% dos entrevistados está

desempregada há quatro meses, sendo que dos trabalhadores cadastrados no SINE, 30,6% estão desempregados há mais de 12 meses.

3.3 Implicações do Desemprego: o vivido por trabalhadores desempregados

O que se deve considerar neste momento é o sujeito do trabalho, o qual está imerso em um cenário de rápidas e intensas mudanças do mercado de trabalho. O desemprego, em especial, é um fato presente em praticamente todas as áreas de atuação profissional, atingindo diferentes setores da economia, e sendo assim, torna-se indispensável uma compreensão maior sobre as suas implicações para o sujeito “sem trabalho”.

O estudo de Del Pretti (1993) retoma, sucintamente, algumas das tendências nos estudos sobre desemprego. Inicialmente, alguns partiam de um referencial clínico, considerando o desemprego através de traços de personalidade ou desvios. Muitas dessas tendências desconsideravam os aspectos sociais e as experiências de trabalho anteriores. Para o autor, os estudos sobre esta temática carecem de uma perspectiva que supere a visão clínica e promova um olhar sobre a questão do desemprego levando-se em consideração as características do modelo produtivo adotado. Assim, torna-se importante considerar que “o trabalhador sofre pressões diretas relacionadas ao sistema de produção e aquelas provindas das alterações bruscas e freqüentes na política econômica”.(p. 120)

Um comentário rápido sobre essas tendências no estudo sobre o desemprego foi levantado também por Lima & Borges (2002). Para as autoras, algumas correntes, ao considerarem a história pessoal do sujeito como fator explicativo e determinante para o surgimento de distúrbios mentais, acabam desprezando a vivência do trabalho como contexto fundamental. Da mesma forma, as tendências que partem da situação do trabalho para entender o surgimento de doenças mentais, muitas vezes, não levam em conta a história de vida do trabalhador, o que pode acarretar uma visão fragmentada da realidade em que o sujeito está inserido. Assim sendo, esses dois espaços, o coletivo e o particular devem ser pensados como indispensáveis no estudo dessa problemática. Ou seja, o que se propõe é que as experiências pessoais do sujeito sejam consideradas, “se quisermos compreender a gênese e o desenvolvimento de uma patologia” (Le Guillant citado por Borges & Lima, 2002, p. 353).

Selligmann-Silva (1994) auxilia a aproximação do tema sobre o desemprego e suas implicações para a saúde mental de trabalhadores desempregados. Estudos

(Phillippe citado por Selligmann-Silva, 1994) apontam para a correlação entre esta problemática e o sofrimento psíquico, desencadeando sentimentos de desespero e angústia, sendo associado, algumas vezes, a casos de suicídio. A autora comenta, em sua pesquisa²⁰, sobre o sofrimento decorrente do risco da perda do emprego, bastante comum na década de 80. A demissão em massa, no setor industrial, provocou fortes choques emocionais e criou um constante clima de tensão, enquanto os trabalhadores aguardavam pela sua demissão. Esta situação era geradora de manifestações psicossomáticas, irritabilidade e desconfiança entre os colegas. O depoimento de um trabalhador operário da cidade de São Paulo, nesta mesma época, confirma tais afirmações, visto que, para ele, todos os aspectos da sua vida foram invadidos pela situação de desemprego, inclusive, os seus relacionamentos mais íntimos.

Um estudo sobre as implicações do desemprego de longa duração, realizado por Lima & Borges (2002), afirma que esta situação provoca problemas psíquicos e sociais nos trabalhadores. Na pesquisa, as autoras identificaram que, com o passar do tempo, tais implicações tendem a se agravar, justamente pela desestruturação dos vínculos afetivos e sociais. Outro aspecto comentado refere-se ao fato de que a duração do desemprego propiciaria a emergência de distúrbios mentais. As autoras apontam que muitas pesquisas nesta área indicam que quadros psicopatológicos se apresentam no momento em que as demissões são efetivadas. No entanto, alguns sintomas como ansiedade e irritabilidade podem aparecer em situações em que o risco de desemprego está presente. O rompimento dos laços sociais desenvolvidos no trabalho ocasiona, freqüentemente, o isolamento social do sujeito, assim como, sentimento de solidão e sofrimento.

Blanch (citado por Goulart, 2001) também investiga as implicações psicossociais do desemprego, considerando a importância do emprego na sociedade moderna. Conforme o autor, os eixos econômico, sócio-político e psicossocial constituiriam as principais funções do emprego para o sujeito trabalhador. Estes aspectos estariam relacionados, respectivamente, à manutenção das necessidades materiais, via de acesso à cidadania na vida social e política, e à possibilidade da conquista de autonomia em termos financeiros, sociais e morais, por exemplo. A perda do emprego acarretaria

²⁰ Selligman-Silva (1984) realiza uma pesquisa com trabalhadores metalúrgicos de São Paulo que haviam sido demitidos no período de 1981-1983, investigando a relação entre a tensão do desemprego e saúde mental. – CEPESAT (Centro de Estudos e Pesquisas sobre a Saúde do Trabalhador Metalúrgico de São Paulo) Pesquisa “Saúde Mental e Crise Econômica”. Relatórios Preliminares. São Paulo: 1984.

consequências no sujeito, como emergência de problemas individuais relacionados à identidade profissional, à auto-estima e ao empobrecimento de uma rede social estável.

Com relação às implicações do desemprego, Caldas (2000) apresenta um modelo que reúne uma série de consequências para o trabalhador desempregado, sendo a mais visível a de ordem *econômica*, que provoca a redução drástica, se não a extinção do orçamento do indivíduo ou da família. Esta consequência produz, gradativamente, fatores complicadores na vida do desempregado, relacionados à sobrevivência e à manutenção do indivíduo. Inclusive, a busca por um novo emprego e sua inserção no mercado de trabalho tende a ser prejudicada, uma vez que envolve custos para o trabalhador.

A *vida profissional* do trabalhador desempregado também é bruscamente atingida, tanto em termos de recolocação do profissional no mercado quanto ao desenvolvimento de uma ‘carreira’ ou à satisfação com novos empregos. Os trabalhadores desempregados podem encontrar maiores dificuldades de se comprometerem com próximos empregos, segundo Sherman (citado por Caldas, 2000), visto que na sua experiência profissional anterior houve a ruptura da perda do emprego, mostrando-se, muitas vezes, inseguros e insatisfeitos profissionalmente.

Outro aspecto bastante observado entre os trabalhadores desempregados, em muitas pesquisas da área, é o emocional, apresentado distintamente das implicações psicológicas, o que muitas vezes não ocorre nas pesquisas desse cunho devido às suas fronteiras tênues de dificuldade de separação. Para o autor, as *implicações emocionais* estão relacionadas à instabilidade emocional, às dificuldades de concentração e cognitiva, e à ansiedade. Alguns especialistas comentam que a situação de desemprego pode provocar grande impacto emocional devido ao estresse que está envolvido nesta experiência, sendo, inclusive, citada como uma das experiências mais estressantes para o indivíduo, juntamente com o divórcio e a morte de um amigo.²¹ Em casos mais extremos, a depressão e o suicídio podem estar presentes em casos de desemprego, principalmente no de longa duração.

O aspecto *psicológico* presente na situação de desemprego é apontado pelo autor como a perda de auto-estima e de segurança em de si mesmo, em sua capacidade pessoal, profissional e até nos papéis exercidos dentro da família. Também é frequente que as pessoas desempregadas considerem-se menos satisfeitas com a vida, consigo

²¹ Essas informações são citadas por Caldas (2000) e estão reunidas no trabalho de DeFrank e Ivancevich (1986)

mesmas, apresentando sentimentos negativos em relação ao futuro. Alguns estudiosos (Abraham Zaleznik e Jahoda citado por Caldas, 2000) buscam explicações teóricas sobre o tema, pautados em referenciais psicanalíticos, por exemplo, de maneira a entender o emprego como um vínculo que o homem estabelece com o meio externo, tornando-se bastante difícil para o indivíduo perder esse principal laço com a realidade, sem sofrer as conseqüências, freqüentemente desagradáveis.

O aspecto *físico* também é estudado por uma corrente de autores, como War, Fryer e Payne, Colb e Kasl (citado por Caldas, 2000), que investigam as conseqüências para a saúde física do indivíduo que perde o emprego. De maneira geral, o desemprego prolongado tende a afetar negativamente a saúde, tanto física quanto mental, sendo comum que um número maior de doenças sejam diagnosticadas em pessoas que estão sem emprego. Geralmente, os pesquisadores afirmam que isto está associado ao estresse provocado pela situação, sendo que nos primeiros estágios do mesmo (estresse), o organismo sofre alterações de ritmo cardíaco e respiratório e, com o avanço dessas fases, o organismo tende a tornar-se mais vulnerável a doenças, á fadiga, entre outros sintomas. Algumas pesquisas, como a de Leana e Feldman (citado por Caldas, 2000) já apontam que a simples ameaça de desemprego pode provocar sérias conseqüências no bem estar físico e psicológico do indivíduo.

As implicações *comportamentais*, em sua grande maioria, são apontadas tipicamente como a falta de estímulo pra a realização de várias atividades, a apatia e outras, podendo provocar, por exemplo, mudanças na alimentação e na libido do indivíduo desempregado. Freqüentemente, o desestímulo provém da incerteza e da imprevisibilidade quanto ao tempo em que ficará desempregado, da falta de perspectivas e da desorganização na noção de tempo que a pessoa, até então, tinha estabelecido em sua vida.

As implicações na vida *familiar* são amplamente mencionadas nos estudos sobre a perda do emprego, sendo consideradas por muitos pesquisadores como o locus de análise mais adequado sobre essa questão. Já na década de 30, os estudos de Eisenberg e Lazarsfeld (citado por Caldas, 2000) demonstravam que problemas familiares, tais como desavenças entre os cônjuges e divórcio tendem a aumentar em famílias com desempregados. Em outros estudos mais recentes, como os desenvolvidos por Leana e Feldman (citado por Caldas, 2000), na década de 80, também se considera a família como um dos espaços que mais sofre com as conseqüências do desemprego. Isso pelo fato de que, muitas vezes, o outro cônjuge tem de arcar com as responsabilidades

financeiras anteriormente assumidas pelo cônjuge que trabalhava. Além disso, a situação de desemprego tende a afetar também as crianças, provocando dificuldades emocionais e baixo rendimento escolar, pela instabilidade emocional despertada pelo pai ou mãe desempregado. De forma genérica, mesmo que estudos se mostrem generalizantes ou com informações contrastantes, percebe-se que o desemprego tende a aumentar os problemas em famílias que já se encontram fragilizadas, diferentemente dos casos de famílias mais unidas, em que a crise pode fortalecer mais os laços.

As implicações *sociais* do desemprego caracterizam-se pelo afastamento, por parte do indivíduo que perde o emprego, dos seus amigos, das pessoas, dos vínculos sociais, de modo geral, inclusive da família, isolando-se de atividades e encontros sociais. Muitas vezes, isso ocorre pela perda do status que o emprego proporcionava ou até pelo sentimento de culpa e vergonha por se encontrar nesta situação. Alguns estudos, como o de Catalano e Novaco (citado por Caldas, 2000), investigam a relação entre a perda do emprego e o aumento da violência, assim como a propensão à criminalidade ou os ‘distúrbios de comportamento’ que provocariam maior número de internações em hospitais psiquiátricos. Enfim, essas são algumas das implicações que, longe de serem conclusivas, apresentam um leque de possibilidades para a compreensão do fenômeno do desemprego para quem o vivencia.

3.3.1 O afastamento do ‘ir trabalhar’

Na situação de desemprego, o trabalhador encontra-se impedido de exercer a atividade de trabalho, isto é, de estar ‘produzindo’ e, portanto, de ser considerado como sujeito produtor pertencente à sociedade capitalista de consumo. Conforme Bárbara (1999), ao estar desempregado, “(...) ele não se sente parte da sociedade, é como se o fato de não ter emprego tirasse o seu direito ao convívio social (...)”. E considerando o trabalho como uma forma de subjetivação do homem, de construção da sua identidade e de inserção social, o desemprego parece assumir consequências mais nefastas. De um lado porque idéias como ‘trabalhar para ser alguém na vida’ são bastante valorizadas e difundidas na nossa sociedade, acarretando um sofrer para aquele que não consegue atender essas expectativas, e de outro, porque as políticas de assistência a essa população são insuficientes ou inadequadas, o que torna as implicações do desemprego muito mais drásticas. Sobre este aspecto, Bárbara (1999) coloca que, “quando o indivíduo encontra-se impedido de trabalhar, ação que na sociedade atual se visualiza

através do emprego, se vê impedido de pertencer a um grupo social, fato que causa forte sofrimento psíquico” (p. 71).

O afastamento da vida do trabalho, segundo Selligmann - Silva (1994), é sentido pelo sujeito como uma perda, com forte sentimento de insegurança em relação ao futuro, principalmente quanto menores forem as garantias de apoio financeiro, como por exemplo, o Seguro-Desemprego. Del Pretti (1993) também discute este aspecto de perda da rotina diária do trabalhador e do convívio com os colegas de trabalho, denominando esses laços sociais de ‘referencial de filiação grupal’. Tais aspectos freqüentemente “deixam os desempregados com sentimentos de solidão e desamparo social realçados”. (p. 124). Essa situação de ‘impedimento’ acarreta grande sofrimento ao trabalhador, pois promove o “rompimento dos traços identificatórios estruturantes da identidade do trabalhador, que quando não substituídos por outras formas de exercícios de subjetividade, se traduz em sofrimento psíquico”. (Tittoni & Nardy citado por Wickert, 1999, p. 70). Uma pesquisa²² sobre essa temática, desenvolvida por Moura (1998b), revela que as implicações dessa ruptura da identidade do *ser trabalhador*, desta ausência de referencia coletiva, promove a emergência de sentimentos de culpa, vergonha, fracasso e baixa auto-estima, podendo ocasionar o surgimento de distúrbios, tanto físicos quanto psicológicos.

O trabalhador que se encontra desempregado, comumente inicia um processo de questionamento quanto à sua capacidade para desenvolver uma atividade útil, que seja reconhecida pela sociedade e que garanta o seu sustento e o de sua família. As relações familiares também podem sofrer um processo de desestabilização, uma vez que, ao estarem desempregados, tais trabalhadores se isolam, afastando-se da esfera doméstica, onde podem ser cobrados pela sua não-participação no orçamento familiar. Esta situação pode, então, desencadear outros conflitos, além de intensificar a culpabilização do trabalhador por sua condição de desemprego. Revuz (1997) comenta que os trabalhadores desempregados, ao perderem a sua ancoragem profissional, questionam e reconsideram a sua participação na rede social. O fato de o sujeito encontrar-se privado de trabalhar promove um repensar sobre si e sobre a sociedade da qual faz parte.

O desempregado ocupa uma posição marginal nesta realidade, construindo sua subjetividade socialmente desvalorizada e discriminada pelo fato de não estar

²² Este estudo foi desenvolvido por Eliana Perez G. Moura (1998), na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, através de um Programa de Intervenção Psicossocial aos trabalhadores desempregados desta região, o qual incluía serviço de apoio psicológico a essa população.

empregado e de ficar alheio ao sistema produtivo vigente. Nesse sentido, “os desempregados são tratados e julgados pelos mesmos critérios usados no tempo em que os empregos eram abundantes” (Forrester, 1997, p. 11). Para Dejours (1999), o desemprego, assim como as outras formas de exclusão, tais como a pobreza, estaria sofrendo um processo de banalização pela sociedade. Isto ocorre quando se negligencia os aspectos sociais, políticos e econômicos desta problemática e se elege os de cunho individual como causadores da situação de desemprego, referindo-se, com frequência, a este, como ‘má sorte’ ou ‘fatalidade’.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Caracterização da pesquisa

A perspectiva materialista histórico-dialética concebe a sociedade como construída historicamente e sujeita a transformações, ou seja, permite compreendê-la como uma produção social das relações estabelecidas entre os próprios homens, sendo essas pautadas a partir do desenvolvimento de suas forças produtivas e materiais. Em relação a isso, a aproximação do campo pelo pesquisador e sua posterior compreensão não pode ser considerada simplesmente por meio de análise objetiva ou coleta de dados, como se existisse uma realidade colocada e apreensível objetivamente.

A interpretação da realidade é possível pelo desvelamento de suas condições de existência social aparentemente objetivas. Para Carone (1989), os dados empíricos “permanecem presos às ilusões e inversões ideológicas das representações imediatas dos objetos sociais. Eles necessitam ser interpretados e convertidos pela mediação teórica, ou seja, os dados imediatos devem ser mediados pela teoria” (p. 26).

O método de análise materialista histórico-dialético possibilita ao investigador uma aproximação da realidade a partir de uma perspectiva histórica. Este olhar é marcado pela concepção de que os sujeitos são produtos e produtores da história, sendo esta concretizada na prática social. Além disso, conforme o autor anteriormente citado, este método permite o desvendamento da aparência do concreto, do caráter ideológico que o envolve, bem como, através do pensar dialético, um movimento de progressão e retorno ao objeto estudado, sem que este ir e vir seja o mesmo e nem que o objeto investigado apresente as mesmas questões. Para Minayo (1994), a metodologia de uma pesquisa refere-se ao “caminho do pensamento e da prática exercida na abordagem da realidade” (p. 16). E no caso do olhar dialético, segundo a autora (Minayo, 1993; 1994), essa seria considerada como produto das ações humanas objetivadas e carregadas de significado, ou seja, determinadas e transformadas pelos sujeitos.

O processo de investigação possibilitaria a compreensão destas relações, mesmo que, segundo a autora, este constituísse mais uma meta a ser alcançada do que uma realidade conquistada efetivamente. Assim, não se trata de um processo simples, mas de uma tarefa árdua à qual o investigador se propõe em sua pesquisa. Sobre o processo de investigação Marx (1968), comenta que:

a investigação tem que apoderar-se da matéria, em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento, e de pesquisar a conexão íntima que há entre elas. Só depois de concluído este trabalho, é que se pode descrever, adequadamente, o movimento real (p. 16).

Cabe mencionar que a perspectiva delineada nesta pesquisa é qualitativa, o que, segundo Minayo (1993), consiste em pensar as atividades humanas e as relações repletas de significações. E seria este nível mais profundo o objeto da pesquisa qualitativa, atenta ao cotidiano das relações, às aspirações, aos valores e às atitudes, por exemplo, que são expressos pela linguagem, ou seja, “(...) corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. (Minayo, 1994, p. 22). Nesse sentido, a autora comenta que a fala, através da palavra, é o material fundamental para a investigação de cunho qualitativo, representando, através de uma fala individual, de um ‘porta-voz’, a coletividade e o contexto mais amplo. Assim, “(...) a fala torna-se reveladora de condições estruturais, de sistema de valores, normas e símbolos”. (Minayo, 1993, p. 245).

4.2 A fase de aproximação

Inicialmente, a pesquisadora dirigiu-se ao SINE (Sistema Nacional de Empregos) de Florianópolis, órgão responsável pelo atendimento aos trabalhadores desempregados desta região, com o intuito de aproximar-se da instituição e apresentar o referido projeto de pesquisa. O primeiro contato foi realizado em dezembro de 2002, quando a pesquisadora foi encaminhada à Coordenadora do posto de atendimento, para esclarecimento da pesquisa e solicitação da autorização para freqüentar o posto e realizar as entrevistas com os trabalhadores. Nesta ocasião, também foi entregue a primeira versão do projeto de dissertação de mestrado à Coordenadora, que mostrou rapidamente o posto de atendimento à pesquisadora, assim como alguns setores da instituição e também uma pequena sala que poderia ser utilizada para a realização das entrevistas. A escolha deste espaço para a realização da pesquisa deve-se ao fato de que o SINE é um dos principais órgãos que atendem a população de trabalhadores desempregados. A ‘entrada no campo’ é um momento de grande importância para o pesquisador e para o prosseguimento da pesquisa, visto que é nesse que é firmada uma

relação de respeito e de troca entre pesquisador, instituição e população a ser estudada. Para Minayo (1994), é importante considerar que a busca de informações está baseada no diálogo e na cooperação, afastando-se da obrigatoriedade.

Entre meados do mês de maio a meados de julho de 2003, a pesquisadora freqüentou o SINE com a intenção de conhecer a instituição bem como os funcionários, contexto da sua pesquisa e, principalmente, os trabalhadores desempregados que freqüentam o SINE, para a realização das entrevistas. Foram realizados 38 contatos²³ com trabalhadores que estavam utilizando o serviço oferecido pelo posto de atendimento, sendo que, nesses contatos, a pesquisadora inicialmente se apresentava e em seguida realizava uma entrevista rápida com a pessoa, indagando o motivo de sua vianda ao SINE, com que freqüência procurava o referido órgão e quais as suas expectativas, caso a pessoa se dispusesse a falar. Esses contatos geralmente ocorriam enquanto o trabalhador esperava a sua senha para ser chamado ao balcão de atendimento. Conforme a disponibilidade do trabalhador, a entrevista continuava após o seu atendimento, com a possibilidade de ele colocar-se disponível para uma entrevista, em outro dia e horário. Também era possível realizar a entrevista naquele momento, o que, no entanto, ocorreu uma só vez.

4.3 Os participantes

Após o contato com esses 38 trabalhadores, iniciou-se o processo de seleção dos participantes da pesquisa, tendo como critério principal o fato de eles estarem procurando emprego através do SINE. Para essa seleção, a pesquisadora pediu aos trabalhadores o número de um telefone para contato, salientando-se que nem todos se disponibilizaram, uma vez que não possuíam aparelho telefônico. Esse processo foi caracterizado por algumas dificuldades, visto que muitos trabalhadores não foram localizados, pois seus telefones estavam desligados, bloqueados, ou então porque forneceram números errados de telefones para recado, sendo que, neste caso, não houve retorno das pessoas ou ainda, situações em que os trabalhadores haviam mudado de cidade. Além disso, algumas entrevistas foram marcadas, mas as pessoas não compareceram. Levando-se em conta tais dificuldades, foram entrevistados nove trabalhadores desempregados. Dentre as nove entrevistas realizadas, uma delas não foi

²³ Esses contatos não tinham um roteiro pré-estruturado e dependiam da receptividade e interesse do trabalhador desempregado. As informações obtidas nesses contatos eram registradas pela entrevistadora,

utilizada para a análise dos dados, ou seja, não consta dos sujeitos estudados nesta pesquisa, devido ao fato de que o entrevistado, de 53 anos de idade, era aposentado e, mesmo considerando-se que estava procurando emprego através do SINE, a sua vivência mostrava-se bastante diferenciada, não apresentando questões pertinentes com a temática da pesquisa. É importante mencionar que, por motivos éticos, os nomes dos **oito entrevistados** foram alterados, de maneira a preservar sua identidade.

4.4 A Instituição

4.4.1 Histórico do SINE

No Brasil, em meados da década de 70, o governo instituiu o Sistema Nacional de Emprego (SINE) através do decreto nº 76.403, de 08.10.75, com estrutura federalizada e com recursos financeiros oriundos do já extinto Fundo de Assistência ao Desemprego (FAD). Neste decreto, uma das atribuições no SINE era “propiciar informação e orientação ao trabalhador quanto à escolha do emprego” (...), assim como “prestar informações ao mercado consumidor de mão-de-obra sobre a disponibilidade de recursos humanos”. (Brasil, 2002a, p. 04). Nesta época, as principais ações do SINE compreendiam intermediação da mão-de-obra, orientação profissional e emissão da carteira de trabalho, geração de informações sobre o mercado de trabalho, geração de emprego e renda e orientação, capacitação e qualificação profissional, linhas de ações que, em sua maioria, são mantidas até os dias de hoje. A supervisão e coordenação do SINE são de competência do Ministério do Trabalho, termo que, em 1999, foi alterado para Ministério do Trabalho e Emprego, através da Secretaria de Políticas de Emprego e Salário, cabendo a este órgão a definição e o estabelecimento das prioridades e dos programas necessários para maior abrangência e funcionamento do SINE.

A história de implantação do SINE apresenta diversos momentos característicos que estão entrelaçados com o momento histórico brasileiro, facilitando, dessa forma, a compreensão sobre sua criação, expansão e limites. De maneira sucinta, alguns aspectos podem ser apontados sobre o percurso do SINE, sem, não entanto, descrevê-lo em sua amplitude e complexidade. De acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego (Brasil, 2002a) a trajetória de construção do sistema pode ser relacionada com alguns acontecimentos. O primeiro momento compreende o período de 1975 a 1982, caracterizado pela implantação e expansão do SINE; o segundo corresponde aos anos de

posteriormente em um diário de campo, no qual eram anotados fatos que aconteciam enquanto a mesma estava no posto, assim como, impressões da pesquisadora.

1983 a 1993, sendo marcado por um período denominado de descontinuidade das políticas; e, por último, o período de 1994 até os dias de hoje, abrange a fase notadamente marcada pela re-valorização do SINE como instrumento de política de emprego.

O surgimento do SINE ocorreu em um contexto de ditadura militar, em que o papel do Estado era intervencionista, e com uma economia expressivamente dinâmica, com altas taxas do Produto Interno Bruto e projetos de desenvolvimento nacional pautados na introdução de tecnologias na produção, em sua maioria de origem estrangeira. Este momento de industrialização e crescimento da economia gerava um maior número de empregos, sendo que a necessidade consistia na preparação profissional da mão-de-obra urbana e rural. A expansão do SINE no país foi um dos principais objetivos neste período e, ao final de 79, todas as unidades da federação até então existentes possuíam postos do SINE.

A segunda fase de desenvolvimento do SINE, a partir da década de 80, destaca-se pela incerteza e pela descontinuidade política. As ações de intermediação de mão-de-obra, neste período, apresentaram taxas muito baixas, com números irrisórios de encaminhamentos de trabalhadores ao mercado formal de trabalho. Aliado a este fato, estavam o crescente aumento do desemprego e o crescimento do setor informal. Outras questões relacionadas à própria institucionalização do SINE, entre elas, sua estabilização e fonte de financiamento, também foram apontadas como fatores que dificultaram sua consolidação. A realidade brasileira caracterizava-se, neste momento, pela dívida externa, com conseqüências na economia, através das restrições nos empréstimos e financiamentos, além das altas taxas de inflação.

Na década de 80, algumas mudanças foram realizadas, dentre as quais, a criação do Seguro-Desemprego, já atrasada em relação a outros países. A Constituição de 1988 representou um avanço para o desenvolvimento das políticas públicas de emprego, através do estabelecimento de direitos sociais, tais como: direito ao trabalho, à educação, à previdência social, inclusive o direito ao Seguro-Desemprego. O SINE, desde sua criação, foi um programa bastante limitado, marcado pela descontinuidade administrativa, pela ausência de critérios e diretrizes nacionais, acarretando uma implantação desigual e heterogênea nas diferentes regiões do país. (Brasil, 1999).

A discussão do papel do SINE tornou-se mais intensa a partir da década de 90, principalmente como mecanismo central no estabelecimento de políticas públicas de emprego. Nesse contexto, algumas reformulações foram feitas, como a instituição do

FAT (Fundo de Amparo ao Trabalhador), que consiste em um fundo contábil vinculado ao Ministério do Trabalho, financiando projetos de desenvolvimento econômico, do Programa do Seguro-Desemprego e Abono Salarial. Também foi instituído o CODEFAT (Conselho Deliberativo do Fundo de Amparo ao Trabalhador), órgão responsável por gerir e deliberar sobre as várias matérias relativas ao fundo.

Houve ainda mudanças legislativas e o desenvolvimento de políticas públicas de emprego, como, por exemplo, reformulações em relação ao benefício do seguro-desemprego e criação de outros programas, tais como: PROGER (Programa de Geração de Renda) e PLANFOR (Plano de formação Profissional). Também foram criadas comissões de emprego, ou seja, os CETE's (Conselhos Estaduais de Trabalho e Emprego) e os CMTE's (Conselhos Municipais de Trabalho e Emprego), e um sistema informatizado de integração de ações de empregos, o chamado SIGAE (Sistema Gerencial de Ações de Emprego). Assim, essas e outras ações começaram a ser integradas ao SINE, configurando o quadro atual do Sistema Público de Emprego.

4.4.2 Políticas Públicas prioritárias desenvolvidas pelo SINE:

- O *Programa de Geração de Emprego e Renda (PROGER)* foi instituído em 1994 pelo governo e mantido com os recursos do FAT, sendo destinado às pessoas que querem iniciar ou expandir seu próprio negócio. Este programa atua através do financiamento de linhas de crédito a pequenos empreendimentos de cunho industrial, comercial ou de serviços na área urbana, sem deixar de mencionar que também prevê a capacitação gerencial e o acompanhamento técnico ao beneficiário. Atende ainda pequenas e micro empresas, associações, cooperativas e pessoas físicas que trabalham no setor informal. Seu objetivo fundamental é auxiliar na geração e manutenção de emprego e renda àqueles com restrito acesso ao sistema financeiro, possibilitando o ingresso no setor formal da economia.

O programa também atende a área rural, por intermédio do chamado PROGER Rural, e a agricultura de base familiar (PRONAF), objetivando seu fortalecimento e sua manutenção. Atualmente, o PROGER está sob responsabilidade do Ministério do Trabalho e Emprego, tendo como agentes financeiros o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal e, mais recentemente, o Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES).

- O *Seguro -Desemprego (SD)* consiste em um benefício temporário de assistência financeira concedido ao trabalhador desempregado que foi demitido sem justa causa.

Além do pagamento deste benefício, o trabalhador requerente do SD, pode contar com ações de orientação e intermediação ao mercado de trabalho, integradas a cursos de qualificação profissional. Para beneficiar-se do seguro-desemprego, o trabalhador precisa comprovar que trabalhou seis meses nos últimos 36 meses e recebeu salário consecutivamente. Também é necessário comprovar que ele não recebe outro benefício, como o da previdência social, e que não possui renda própria. No prazo de 7 a 120 dias após a data de sua demissão, o trabalhador deverá dirigir-se a um dos postos de atendimento do SINE, com uma série de documentos, para solicitar o requerimento do SD. O pagamento do seguro-desemprego será efetivado 30 dias após a entrega do requerimento em qualquer agência da Caixa Econômica Federal, sendo que o trabalhador deve estar desempregado.

- A área de *Informação sobre o Mercado de Trabalho* é responsável pela geração, organização, análise e divulgação das informações sobre o mercado de trabalho, que são obtidas através das várias ações do SINE, específicas de cada região. As principais fontes de informações atuais sobre o mercado de trabalho podem ser divididas em Registros Administrativos e Pesquisas Domiciliares. A primeira fonte de informações diz respeito ao preenchimento de cadastros pelos empregadores, sobre a empresa e os trabalhadores. Podem ser incluídas nesta fonte a RAIS (Relação Anual de Informações Sociais), de abrangência municipal, e o CAGED (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados), de alcance nacional, que fornecem informações sobre a movimentação da mão-de-obra que está empregada formalmente. As Pesquisas Domiciliares referem-se a questionários que são respondidos pelas pessoas, em seus domicílios, abordando diversos aspectos da sua vida, suas características pessoais e a sua inserção no mercado de trabalho. São elas: PED (Pesquisa de Emprego e Desemprego), PME (Pesquisa Mensal de Emprego) e PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra por Domicílio). As informações da primeira pesquisa remetem à inserção de trabalhadores no mercado de trabalho, características da população, setores econômicos e outras, como tempo de procura por emprego ou duração do desemprego. A PME fornece informações sobre a População Total e a Economicamente Ativa, assim como outros dados relativos a trabalhadores ocupados ou desocupados. Já a PNAD é uma pesquisa anual que fornece informações sobre a área de saúde, trabalho, habitação, educação, apresentando um panorama geral sobre a população brasileira.

Essas informações, integradas e inter-relacionadas, permitem conhecer um pouco mais o perfil produtivo de cada região, nos diferentes setores da economia,

considerando os aspectos geográficos, ocupacionais, além de identificar o perfil dos trabalhadores formais ou de determinada região.

- O *Plano Nacional de Formação Profissional (PLANFOR)*²⁴ é mais uma dentre as ações das políticas públicas de trabalho e renda, criada no ano de 1995, no âmbito do Programa do Seguro – Desemprego, pelo Ministério do Trabalho e Emprego. O objetivo principal do PLANFOR é criar “*melhores condições de acesso ou de permanência no mercado de trabalho por meio de capacitação, qualificação e reconversão profissional*”.(Brasil, 2002b). A proposta deste programa é garantir a oferta de qualificação profissional de forma permanente (EP), promovendo e legitimando esta qualificação como direito do trabalhador e como elemento de equidade social. A implementação do PLANFOR conta com dois mecanismos, os chamados PEQ’s (Planos Estaduais de Qualificação), e as PARC’s (Parcerias Nacionais e Regionais), realizadas pelo Ministério do Trabalho e Emprego e organizações públicas ou privadas. Dessa forma, a ação do PLANFOR tende a ser de caráter local, descentralizada e favorecendo a integração de propostas de programas em diferentes âmbitos.

- A *Intermediação de Mão-de-Obra (IMO)* é mais outra ação dentro do conjunto das políticas públicas ativas que são desenvolvidas pelo SINE. Considerada uma das atividades mais características do Sistema Público de Emprego, a intermediação de mão-de-obra consiste na inserção ou recolocação do trabalhador no mercado de trabalho (Brasil, 2002b). Intermediar consiste na ação de cruzar as necessidades de trabalhadores e empregadores, ou seja, a de obter um emprego e a de preencher determinada vaga, respectivamente. O serviço de intermediação visa reduzir os custos e o tempo de espera por emprego para o trabalhador e de candidato para o empregador, diminuindo as consequências provocadas pelo desemprego e contribuindo para que as vagas ofertadas sejam preenchidas. A década de 90 é marcada por algumas mudanças no serviço de intermediação, através do seu fortalecimento institucional, de orientações técnicas e de intenso processo de informatização dos postos de atendimento (SIGAE).

Quanto aos procedimentos operacionais da Intermediação da Mão-de-Obra, Padoim (2000) descreve - os como: *triagem*, que consiste no atendimento ao trabalhador nos postos de atendimento, identificando as suas necessidades; *inscrição*, que vem a ser o preenchimento de uma ficha específica do SINE para encaminhamento a um dos programas oferecidos; *captação das vagas*, que é realizada por meio da unidade

operacional que coloca o programa do sistema à disposição do empregador, a fim de que a intermediação se efetive; e *encaminhamento* do trabalhador a determinada vaga, com a possibilidade de sua *colocação* no mercado de trabalho. Para a avaliação do desempenho e controle desse serviço são emitidos relatórios que integram alguns indicadores, ou seja, as taxas de aproveitamento.

4.4.3 O SINE de Florianópolis: O Serviço de Intermediação de Mão – de - Obra

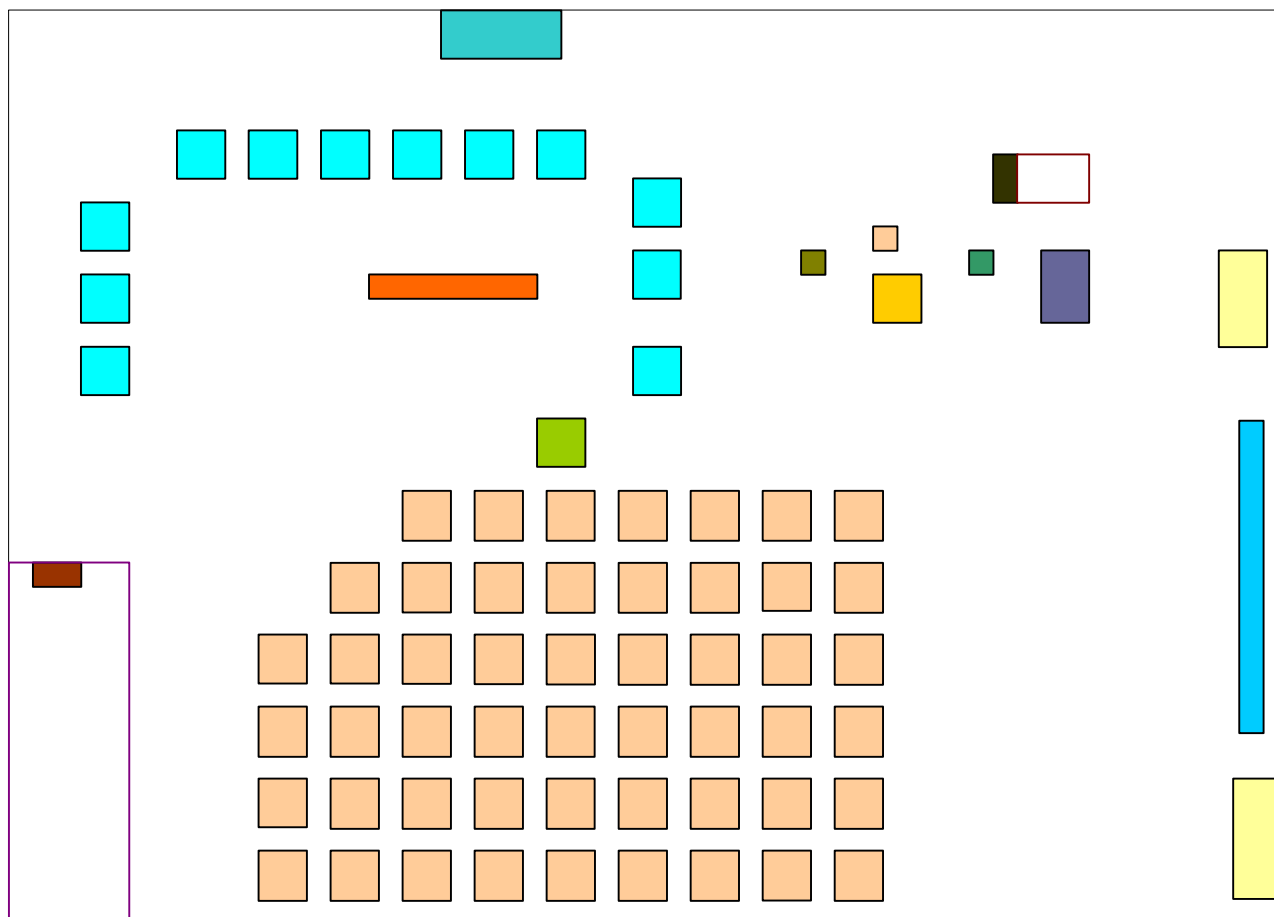
Em Santa Catarina, o SINE foi implantado no ano de 1975, sob responsabilidade da Secretaria de Desenvolvimento Social e da Família, por meio da Diretoria de Trabalho e Renda, integrando as ações básicas do sistema público de emprego. Como Sistema Público de Emprego, o SINE/SC (2003a) tem como missão “propiciar atendimento integrado e de qualidade na área do trabalho, buscando a melhoria de vida do trabalhador e do desenvolvimento do Estado”. Atualmente, em todo o estado, o SINE possui 105 postos de atendimento, em 104 de seus municípios. Em Florianópolis, a referida agência de emprego está localizada numa área central da cidade, funcionando durante toda a semana, das 8:00h às 18:00h. .

Sobre o espaço físico dessa instituição de emprego, Padoim (2000) comenta que o posto de atendimento ao público sofreu uma reforma, em 1997, tornando maior o espaço e a comodidade para o público. Na sala de espera, para o atendimento ao trabalhador, existem aproximadamente 50 cadeiras estofadas, um terminal de emissão das senhas que o trabalhador deve retirar para aguardar o atendimento no “balcão de emprego”, sendo que o número da senha aparece no painel luminoso juntamente com o número do balcão ao qual ele deve dirigir-se (ver figura 1). A sala de espera contém 12 guichês de atendimento com computadores, no entanto, em média, seis funcionários trabalham nos terminais de computador, com um programa específico para a intermediação do trabalhador. Existem, na sala de atendimento, dois murais em que são divulgadas algumas vagas de emprego, assim como informações sobre o funcionamento ou horário de atendimento do posto. Na área externa à sala de atendimento existem dois banheiros, masculino e feminino. O posto tem ligação com os outros setores da agência, sendo que a entrada nestes recintos é restrita a funcionários ou pessoas autorizadas.

A sala de atendimento também tem uma televisão, que fica ligada o dia todo, e uma pequena sala que, eventualmente, é cedida aos empregadores para a seleção de

²⁴ No ano de 1999 o termo PLANFOR passou a significar Plano Nacional de Requalificação do Trabalhador.

trabalhadores, sendo este processo de responsabilidade exclusiva das empresas. O SINE apenas encaminha os trabalhadores que apresentam o perfil solicitado pelos empregadores.



Legenda:

- Balcão de atendimento
- Porta de entrada
- Mural com vagas disponíveis
- Televisão no teto
- Painel luminoso onde aparece a senha
- Cadeiras
- Terminal de retirada da senha fixado na parede
- Bebedouro
- Ar condicionado
- Mesa
- Porta de entrada para pequena sala
- Porta de entrada para outro setor
- Terminal de retirada de senha inutilizado

Figura 1: Posto de Atendimento do SINE

A descrição de Padoim (2000) sobre a agência pública de emprego é esclarecedora, facilitando a compreensão da intermediação de mão-de-obra, uma vez que pontua as etapas deste processo. Ao chegar no posto de atendimento, o trabalhador retira a senha e aguarda a sua vez de ser atendido. A triagem é realizada pelo funcionário, que solicita a carteira de trabalho para verificar, no computador, através do número da carteira, se o trabalhador já está cadastrado no sistema. Caso o trabalhador não esteja cadastrado, o funcionário realiza sua inscrição diretamente no terminal, solicitando os dados de identificação, última ocupação, três ocupações pretendidas cadastradas na CBO (Cadastro Brasileiro de Ocupações), entre outras informações. Os trabalhadores cadastrados atualizam seus dados.

Em seguida, já com o cadastro pronto, o funcionário cruza as informações com as três opções de empregos e com as vagas disponíveis naquele dia. O sistema informa todas as ocupações e as escolhidas pelo trabalhador, sendo que este deve apresentar o 'perfil' solicitado pela empresa, como por exemplo, grau de escolaridade, tempo de experiência e idade. Para cada vaga são encaminhadas três pessoas e cada uma delas recebe uma carta de encaminhamento que deverá ser preenchida pelo empregador, registrando se o candidato foi aceito ou não pela empresa e, neste último caso, a razão da recusa. Esta folha de encaminhamento deveria retornar ao SINE, embora, muitas vezes, o trabalhador não retorne. Nesse sentido, o controle dessas informações restringe-se ao relatório diário e aos contatos telefônicos.

4.5 Procedimentos de coleta de informações

Foram utilizadas, nesta pesquisa, entrevistas semi-estruturadas como instrumento de coleta de informações. Para a realização das entrevistas foi utilizado um roteiro pré-estabelecido (anexo 3). As entrevistas foram realizadas em locais diferentes, sendo que maioria, ou seja, seis delas ocorreram em uma sala do SINE, duas na casa do próprio entrevistado e uma em área aberta, no bairro de um dos entrevistados. As entrevistas semi-estruturadas, segundo Olabuénaga (1999), consistem em um processo de interação do entrevistador com o entrevistado, no qual o "investigador busca encontrar o que é mais importante e significativo na mente dos informantes, seus significados, perspectivas e interpretações; o modo como eles vêem, clarificam e experimentam seu próprio mundo". (p.166). Cabe ao pesquisador, conforme esclarece Franco (1988),

contribuir para a criação de um espaço que problematize e também clarifique a realidade vivida pelo sujeito ou grupo investigado.

As entrevistas foram gravadas em fita K7, com a devida permissão do entrevistado, e transcritas integralmente pela pesquisadora. Rocha-Coutinho (1998) comenta que o processo de transcrição consiste em uma prática interpretativa, expressando a matriz teórica que norteia todo o trabalho de pesquisa. No momento da entrevista, a pesquisadora apresentou o roteiro e o termo de consentimento (anexo 4), nos quais eram esclarecidos os pontos principais da pesquisa. Posteriormente, entrevistadora e entrevistado assinaram o referido termo, ficando ambos com uma cópia. O projeto de pesquisa estava à disposição, caso o entrevistado se interessasse em vê-lo. Cada entrevista teve duração média de 45 a 50 minutos.

A coleta das informações foi organizada conforme cinco campos de entrevista, assim denominados: 1) *história pessoal e história profissional*; 2) *a rotina, a busca pelo emprego e as dificuldades*; 3) *mudança na vida dos trabalhadores: implicações do desemprego*; 4) *Superando as dificuldades*; e 5) *síntese*. Em cada um desses campos, uma série de informações é agrupada, levando em conta as particularidades de cada caso. No primeiro campo, são reunidas informações gerais sobre a vida pessoal do trabalhador e a sua trajetória profissional. No segundo, estão presentes informações sobre o cotidiano de cada trabalhador, focalizando o processo de procurar emprego e as possíveis dificuldades enfrentadas neste percurso. No terceiro, são descritas as principais mudanças na vida percebidas pelos trabalhadores devido à situação de desemprego, sendo que, neste ponto, foi utilizado como referência o modelo de prováveis conseqüências do desemprego proposto por Caldas (2000). Neste modelo, o autor indica que as conseqüências relacionadas ao desemprego podem ser percebidas em diferentes âmbitos: emocional, psicológico, físico, comportamental, familiar, econômico, profissional ou social. Na presente pesquisa, adotou-se essas categorias, sendo que as de ordem emocional e psicológica foram reunidas em um só campo, em decorrência de sua delimitação ser, muitas vezes, bastante tênue. Essas conseqüências foram identificadas na fala de cada entrevistado, entretanto, algumas dessas implicações não eram abordadas pelos trabalhadores. O quarto campo aponta possíveis estratégias de enfrentamento ou de superação das dificuldades do desemprego que foram citadas pelos trabalhadores, bem como planos e expectativas futuras que os mesmos vislumbram. O último campo reúne os aspectos mais significativos comentados pelos trabalhadores, além de reflexões e questionamentos a partir da vivência do desemprego.

É importante mencionar que foi disponibilizado aos entrevistados um momento para visualizarem o material da entrevista (transcrição completa), caso demonstrassem interesse. Dentre oito pesquisados, apenas com um deles esse procedimento foi realizado, tendo o entrevistado lido toda a entrevista e esclarecido alguns pontos. Os demais entrevistados comentaram que estavam sem tempo ou interesse no momento, mas entrariam em contato por telefone, caso desejassem.

4.6 Procedimentos de análise das informações

A etapa de análise e interpretação dos dados é uma das mais importantes e exige do pesquisador grande atenção, devido à quantidade de informações coletadas. Este momento consiste em “um processo continuado em que se poderá identificar dimensões, categorias, tendências, padrões, relações, desvendando-lhes significados” (Alves, 1988, p. 60). A análise foi realizada a partir da técnica de Análise de Conteúdo Temática, inspirada em Bardin (1994).

Para os autores Navarro & Díaz (1994) a Análise de Conteúdo consiste em um referencial metodológico que tem como objetivo investigar várias formas de expressões do sujeito e neste tipo de análise “não tem porque se restringir ao âmbito das expressões verbais [...], mas também, de expressões gestuais, pictóricas e musicais” (p. 179). Ou seja, esta forma de análise possibilita aproximar-se do que está sendo dito a respeito de determinado fenômeno, através da fala do entrevistado. Assim, o pesquisador, ao utilizar a análise de conteúdo, busca apreender de que forma o entrevistado interpreta a realidade à sua volta e qual o sentido desta realidade, não deixando de mencionar que esta é uma realidade individual, mas também coletiva, ou seja, socialmente construída. Este campo de análise das informações pode ser pensado conforme Gomes (Gomes In Minayo, 1994), como um processo de “descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado” (p. 74).

Nesta pesquisa, a análise das informações foi organizada a partir da construção de seis campos de análise, conforme o discurso dos entrevistados. São eles: 1) *reconhecimento do desemprego*, no qual são apontadas posições diferenciadas do trabalhador frente à vivência do desemprego; 2) *consequências psicológicas*, em que são discutidas as principais implicações subjetivas para os trabalhadores desempregados; 3) *consequências sociais*, campo este em que alguns aspectos sociais da vivência do desemprego são analisados; 4) *consequências ético-morais*, no qual são apontados os questionamentos morais dos trabalhadores desempregados; 5) *estratégias*

de enfrentamento, em que são discutidos os modos empreendidos pelos trabalhadores para enfrentar as dificuldades concernentes ao desemprego; e 6) *perspectivas futuras*, campo em que serão reunidos os principais planos e expectativas futuras vislumbradas pelos trabalhadores desempregados.

5 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

O relato de cada entrevistado será apresentado separadamente, de maneira que a história de cada um dos trabalhadores desempregados possa ser cuidadosamente compreendida, levando em conta o contexto e as peculiaridades de suas experiências. Dessa forma, o cotidiano, os sentimentos e as dificuldades de cada um deles pode expressar a vivência do trabalho e do desemprego, aspecto central nesta pesquisa. As informações básicas dos oito entrevistados estão reunidas no Quadro 1, para facilitar a visualização e o entendimento geral.

| Entrevistados | Sexo | Idade | Naturalidade | Composição Familiar | Grau de Escolaridade | Atividades realizadas | Tempo aproximado de desemprego (carteira assinada) |
|---------------|------|-------|------------------------|--|--|--|--|
| Zilda | F | 34 | Florianópolis/SC | Separada Judicialmente. Tem dois filhos. | Ensino Médio Completo | Vendedora, sócia de uma pequena empresa, recenseadora do IBGE | 6 ou 7 anos aprox. |
| Nelson | M | 32 | Florianópolis/SC | Solteiro. Vive com a mãe. | Ensino Médio Completo | Oficce-boy, promotor de bebidas, vendedor, loja de gráfica e motoqueiro. | 1 ano aprox. |
| Ricardo | M | 21 | Faxinal dos Guedes/ SC | Solteiro. Vive sozinho. | Ensino Médio Incompleto (cursando) | Garçom em hotel e bares, casa de bingo. | 2 meses aprox. |
| Elton | M | 25 | Videira/SC | Solteiro. Vive com a irmã e o cunhado. | Ensino Fundamental Incompleto (5ª série) | Frentista, ajudante na lavanderia da irmã. | 3 ou 4 meses aprox. |
| Daniela | F | 21 | Alegrete /RS | Casada (união estável). Tem uma filha. | Ensino Médio Completo (técnica contábil) | Estagiária em uma empresa de contabilidade. | Procura pelo 1º emprego há 4 anos aprox. |
| Gabriela | F | 19 | Florianópolis/SC | Solteira. Vive com os pais, irmã e sobrinha. | Ensino Médio Completo | _____ | Procura pelo 1º emprego há 4 meses aprox. |
| Alberto | M | 23 | Ijuí/RS | Separado (não judicialmente). Tem uma filha. Vive com a tia. | Ensino Médio Completo | Auxiliar em supermercado, açougue, empresa familiar, como segurança. | 3 meses aprox. |
| Ivete | F | 50 | Pelotas/RS | Divorciada. Tem dois filhos e um neto. | Ensino Médio Incompleto (cursando) | Governanta em hotel, gerente em lavanderia, copeira, cozinheira e empregada doméstica. | 3 meses aprox. |

Quadro 1: Quadro Geral dos Entrevistados

5.1 Entrevistado 1

5.1.1 História de vida e história profissional...

Zilda tem 34 anos, é natural de Florianópolis e tem dois filhos, um adolescente de 15 anos e uma menina de 11 anos, que vivem com ela. Ela é uma pessoa bem falante e expressa com facilidade suas idéias. Está separada judicialmente aproximadamente há 10 anos. Morou praticamente aqui, mas quando tinha seis anos, foi, por pouco tempo, com a família para Nova Trento, retornando meses depois. Zilda começou a trabalhar cedo para ter seu próprio dinheiro e acabou interrompendo os estudos, retornando, nos dois últimos anos, para fazer o supletivo²⁵. Casou-se aproximadamente aos 18 anos e depois de pouco tempo mudou-se para São José, onde vive até hoje. Sempre trabalhou como balconista ou vendedora em lojas, porém, após se casar, ficou um tempo sem trabalhar, algumas vezes, para ficar mais próxima dos filhos. Quando estava prestes a se separar, começou a procurar emprego e só conseguiu trabalho quando o marido saiu de casa, fato que demorou alguns meses. Até a homologação da separação judicial, o marido não pagou pensão e ela precisou fazer serviços temporários e receber auxílio da mãe. Zilda relata que houve períodos longos em que ele não pagou pensão, tendo ela perdido o emprego na mesma época.

Sobre a trajetória profissional, a entrevista permite apontar que empregos temporários e sem carteira assinada são comuns na vida de Zilda, assim como os períodos de desemprego. Ela comentou que faz bastante tempo que não trabalha com carteira assinada, desde os anos de 96 ou 97, data difícil de ser definida pela entrevistadora. Entre 89 e 90 trabalhou em uma loja de roupas, como vendedora, à qual retornou posteriormente, durante o período de 1992 a 1996, sendo que deste emprego saiu e para ele voltou algumas vezes, devido a desentendimentos com a patroa ou porque pedia para sair a fim de ficar perto dos filhos, que eram pequenos. Intercalado a esse período, trabalhou em uma loja de um Shopping de Florianópolis entre 1990 e 1992, também com carteira assinada. A partir de 1996, trabalhou com um cunhado, em uma empresa de transporte de funcionários, da qual era também sócia. Mesmo que a sua participação fosse pequena, Zilda comenta que se envolveu bastante com o trabalho: *“(...) nesse eu me envolvi bastante, que era um negócio que apesar de pouco, era 2% que era minha, mesmo assim, era uma coisa que tava trabalhando, que eu tentava levantar essa empresa, estabilizar, que estava começando”*. A sociedade acabou se

²⁵ Este supletivo faz parte do ‘Educação de Jovens e Adultos’ conhecido como CEJA, através da Secretaria de Estado da Educação e do Desporto.

dissolvendo e acarretou algumas dívidas e problemas judiciais que já foram solucionados. A partir de então, os ‘bicos’ tornaram-se mais freqüentes e ela trabalhou com um irmão, em um escritório, por um determinado tempo, depois, com recenseadora, no Censo de 2000, e em empregos de final de ano, no comércio, como em 2002, por um mês, e novamente em março de 2003, para cobrir uma funcionária que estava doente. Zilda relata que no ano de 2002 fez questão de não trabalhar, pois, estava recebendo uma quantia em dinheiro, mensalmente, proveniente de uma dívida na sociedade em que trabalhou. Assim, a entrevistada optou por “*não trabalhar para terminar meus estudos porque eu achava importante*”, voltando a procurar emprego em final de 2002 e início de 2003.

A entrevistada comenta que está desempregada desde o ano de 2002, sem intenção de trabalhar e, no ano de 2003, salvo o ‘emprego temporário’ realizado no início do ano, ela não trabalhou formalmente. Atualmente, Zilda mantém-se com a pensão dos filhos, na qual está incluído um valor adicional referente ao tempo em que o ex-marido não pagou a referida pensão.

5.1.2 A rotina, a busca pelo emprego e as dificuldades...

Zilda comenta que não tem uma rotina ‘certa’. Ela diz: “*eu fico em casa, faço meu trabalho diário*”, vale dizer, realiza os afazeres domésticos. O filho, atualmente, estuda à noite e a filha, à tarde. Então, ela arruma a casa e prepara o almoço para eles. A entrevistada comenta que, quando está desempregada, é bastante comum dormir demais e trocar o dia pela noite, o que ocorreu tempos atrás. Assim, ela revela: “*(...) o que eu fazia, eu trocava o dia pela noite, eu dormia quase que o dia inteiro, eu levantava determinada hora da manhã, fazia o almoço para os meus filhos, eles iam os dois para a aula à tarde, eu dormia de novo...*”. Em determinados dias da semana, o que não é programado, Zilda sai de casa para procurar emprego, preferencialmente nos dias em que está mais disposta e empolgada, pois, segundo ela, faz muita diferença ir a uma empresa e ser simpática e sorridente. A fala de Zilda explicita isso: “*eu saio, se eu tô um pouco mais animada, mais disposta, vou sair para procurar emprego, mesmo porque se eu sair e tiver um pouco deprimida acaba sendo mais difícil, né?*”. A questão financeira também é mencionada quando se refere ao deslocamento de ônibus, fotocópias do currículo ou fotos, pois, segundo ela: “*em determinadas épocas do mês, eu fico sem dinheiro nenhum e não posso desperdiçar com passagens, tem que guardar para os meus filhos, então, o leite de cada dia*”.

Sobre essa procura por emprego, Zilda mencionou que vai a algumas agências, como o SINE. Ela deixa currículo, preenche fichas, anda pelo centro da cidade atrás de placas de ‘precisa-se’, conversa com alguns conhecidos e, quando estes ligam para ela, pede que a avisem se souberem de alguma coisa..A mãe escuta o rádio e comenta com ela *“olha, eu vi, assim, assim, um curso, um concurso ou emprego, estão precisando”*. A entrevistada não procura emprego em jornal porque muita gente disputa essas vagas. Pode-se perceber que esse ato de buscar o emprego não é realizado de maneira constante ou sistemática, mas de acordo com as disponibilidades de Zilda, tanto em termos financeiros quanto psicológicos, de estar se sentindo bem e motivada.

As dificuldades encontradas na busca pelo emprego são apontadas por Zilda durante a entrevista. Uma delas é a exigência de experiência, fator presente em praticamente todas as vagas de emprego, o que causa desânimo e desesperança. Sobre isso, Zilda comenta: *“tá super difícil, como eu te falei da outra vez, digo para ser faxineira tem exigência de dois anos mais carteira assina, é, auxiliar de cozinheiro, eles pedem experiência de não sei quantos anos e carteira assinada, então, para todos os cargos”*. Outro aspecto bastante salientado é a grande concorrência, isto é, o número de pessoas que disputam uma vaga e, dessa maneira, a questão da qualificação profissional é ponto importante. Assim, ao ler um anúncio de jornal, às vezes bem pequeno, ela acaba indo, porque acha que tem as características exigidas. De acordo com suas palavras: *“precisa de segundo grau, não pede experiência, não pede carteira assinada, tá ótimo pra mim e a gente vai e chega lá tem uma fila de 50, 100 pessoas, uma fila enorme”*. A entrevistada relata que é comum, durante a conversa, na fila, descobrir que há pessoas com nível superior ou que falam inglês e que estão pleiteando a vaga, sentindo-se, de certa maneira, desqualificada, em uma situação desfavorável em relação ao outro candidato. Zilda explica um pouco como ela percebe essa situação: *“eu já acho que é perda de tempo porque acho que a concorrência tá muito grande e, então, eu vou gastar meu dinheiro, ficar numa fila enorme e tu chega entrega o currículo, sem falar com a pessoa encarregada de contratar, só entrega o currículo, sem nenhuma conversa”*. Atualmente, é só entregar currículo, como revela a própria fala de uma pessoa responsável pelo recrutamento: *“não, não, é o currículo e pronto”*. Para Zilda, seria mais interessante para a empresa conversar com o candidato, visto que, no papel, você pode colocar o que quiser: *“eles podem pedir comprovação ou não. Já vi muita gente pegar emprego que eles não pediram comprovação de nada, aí eu tenho tal curso, tal e tal”*.

5.1.3 Mudanças na vida dos trabalhadores: As implicações do desemprego

A primeira repercussão do desemprego, mencionada por Zilda, durante o seu relato, é no que concerne ao aspecto **físico**. Antes mesmo de ser questionada sobre as mudanças na sua vida devido ao fato de estar desempregada, a entrevistada já havia comentado a respeito da dificuldade de dormir durante a noite, notadamente em “*épocas de desemprego*”, como ela refere. Assim, sua fala é bastante clara: “*geralmente nessas épocas de desemprego, principalmente nessas épocas de chega final de mês e eu estou ficando sem dinheiro, com problemas, com contas atrasadas, eu costumo dormir demais, em épocas que eu estou com problemas, eu durmo bastante, acabo dormindo a manhã inteira, perco o sono durante a noite, às vezes vou dormir, três, quatro horas da madrugada, ultimamente até que eu estou conseguindo controlar isso um pouquinho, dormir um pouco mais cedo*”. A entrevistada comenta que o fato de não conseguir dormir deve-se à dificuldade de deixar de pensar nos problemas e uma maneira de tentar esquecê-los era jogar videogame, à noite, pois o jogo era algo em que precisava se concentrar bastante. Isso também acontecia em alguns momentos do dia, o que demonstra o quão angustiante e sofrido foi, para Zilda, estar passando por esse momento na vida, em que a problemática do desemprego era parte central e que precisava ser esquecida de qualquer forma. Ela desabafa: “*(...) tentava ler, ler, estudar um pouco, mas não adiantava, isso não fazia a menor diferença, acabava pensando nos problemas, como que latejando dentro da cabeça, sem conseguir parar um minuto de pensar. Bem, assistir um filme, TV, não resolvia, nada resolvia e jogava videogame, descobri que jogar videogame me prendia completamente, tinha que ficar concentrado para não deixar (riso) o bonequinho morrer ou coisa assim, então, era a única coisa*”.

Com relação aos **aspectos psicológicos e emocionais** que estão envolvidos na situação de desemprego, a entrevistada, antes mesmo de expô-los, comenta que tudo inclui a parte psicológica, revelando o quanto essa esfera é fundamental para ela. Em alguns trechos da entrevista Zilda comenta que se sente bastante depressiva, sendo que este sofrimento é considerado, pela entrevistada, como um efeito de ordem física e não psicológica, como compreendido pela pesquisadora. O sentimento de desânimo, a falta de interesse por algumas coisas, como procurar emprego, e a dificuldade de dormir podem apontar para um caso de depressão, fato este que não será aqui discutido em

termos de diagnóstico²⁶. Para Zilda, a depressão que ela menciona está associada à falta de dinheiro ou a dívidas, situações essas em que, revela, *“eu fico extremamente mal mesmo, com depressão mesmo, problemas vários em casa”*.

Um dos sentimentos experimentados por Zilda ao vivenciar o desemprego é o de humilhação, conforme ela mesma descreve: *“tu se sente humilhado e inferior por não ter trabalho, sabe que tem capacidade, sabe que poderia manter os filhos, mas precisa de ajuda”*. É uma sensação ‘estranha’ e difícil de ser expressa em palavras, segundo Zilda. A sensação é de incapacidade, de estar impedida de fazer algo, de estar trabalhando, como afirma, de ser excluída, não fazer parte de algo, de uma coletividade, de ser vista e reconhecida como sujeito pertencente a uma sociedade, talvez de estar à margem desta. Suas palavras revelam um pouco disso que está vivendo: *“(...) é tu sair no meio da rua, tu olhar as pessoas e saber que tu poderia estar trabalhando, poderia estar fazendo alguma coisa, sabe? Mas, não vê, não vê espaço, como se tivesse uma porta fechada, logo aqui na frente e tu não consegue ultrapassar, então, vem como eu venho, andando no meio da rua, no meio do calçadão e olha as pessoas, estão todas trabalhando, andando para lá e para cá, e eu estou fechada”*.

O sentimento vivido é ambíguo, pois a pessoa sente-se incapaz, inferiorizada e humilhada, mas ao mesmo tempo sabe que poderia estar trabalhando, que tem capacidade e potencialidades para tal, apesar de estar impossibilitada, de não ser reconhecida. Mais ainda, sua fala denuncia o sentimento de injustiça e revolta e, mesmo que explicações racionais sejam formuladas, isso não altera o conteúdo da sua vivência. Assim, sobre o fato de sentir-se incapaz, Zilda comenta: *“De eu me sentir, é, talvez não me sentir, porque sei que eu tenho capacidade, mas de me sentir injustiçada porque as pessoas não reconhecem. Na verdade, não é bem isso, o desemprego tá grande, não tem vaga para todo mundo, mas a sensação é essa, né? De que não dão, que não reconhecem a tua capacidade, que existe uma injustiça, então, é uma sensação assim, de se sentir humilhado, incapaz e injustiçado, essas sensações assim”*.

Outros aspectos também são mencionados e demonstram o impacto do estar desempregado na auto-estima do trabalhador, na sua capacidade de acreditar e de gostar de si mesmo. Com o aumento do tempo de desemprego, a pessoa tende a tornar-se mais desmotivada e desanimada em relação à procura pelo emprego, o que influencia a sua

²⁶ Apesar de a entrevistada ter mencionado que estava deprimida e de que o seu relato apontava para alguns sinais que pudessem indicar uma possível depressão, a pesquisadora considera importante salientar

capacidade de disputar com outras pessoas e reinserir-se no mercado de trabalho. Para Zilda, esse é um processo em que “(...) *eu acabo sempre ficando pra trás*”. O fato de ter terminado o segundo grau recentemente e de não ter feito um curso universitário promove o sentimento de arrependimento, pois poderia estar empregada e fazendo outros cursos para se atualizar. Diante dessas circunstâncias, é muito significativa a falta de esperança em conseguir um emprego e, desanimada com os serviços e salários oferecidos, como a própria Zilda expressa: “(...) *eu não consigo ter muita esperança, eu saio para procurar trabalho, mas sem muita esperança*”.

A preocupação também é citada pela entrevistada como um efeito do desemprego, repercutindo muito em sua relação com as crianças (filhos) e nos seus **comportamentos**. Zilda fala que fica bastante preocupada e nervosa quando o mês está terminando e o dinheiro também, demonstrando isso através de estresse, de brigas e de um comportamento que ela mesma comenta ser “sério demais”. Zilda lembra que, em outras épocas da sua vida, sentia-se mais cheia de energia, mais alegre e que, depois de “(...) *muitos altos e baixos a gente vai ficando mais duro, mais rígido*”. E isto é percebido pelas crianças, que já sabem que, quando ela está sem dinheiro, briga mais, fica mais séria e pensativa, não conseguindo brincar ou sorrir muito. A filha, segundo Zilda, costuma convidá-la para desenhar, para brincar, dizendo: “*você fica aí só pensando*”. Esses aspectos, para a entrevistada, são decorrentes do fato de estar desempregada, pois, como comenta: “*já teve determinadas épocas da minha vida em que eu brincava, em que eu sorria mais, brincava com os dois, né? Então, acho que isso é uma mudança e não sei, talvez eu esteja errada em pensar que é por causa disso, mas eu tenho a sensação de que a cada vez que eu tive um problema, uma parte, um baixo na minha vida, eu modifiquei um pouco mais, eu tenho a sensação que é por causa disso*”. E o que surpreende na fala de Zilda é que ela percebe essa mudança de comportamento como irreversível, ou seja, a feição séria e a rigidez permaneceriam, não voltando a ser do mesmo modo que era antes, mesmo que ela se encontrasse em uma situação razoável em termos financeiros ou profissionais. Segundo Zilda, “*Eu tenho a impressão também que não vou voltar a ser como eu já fui, a gente vai, tem aquela frase que diz: ‘hay que endurecerse sin perder la ternura jamaz’ mas acho meio difícil*”.

que este não era o espaço adequado e nem objetivo da pesquisa. A entrevistada informou que havia procurado um médico.

Pode-se perceber que essas situações repercutem também na **vida familiar** da entrevistada, favorecendo desentendimentos ou prejudicando os relacionamentos entre os membros da família. Outras questões familiares podem ser apontadas como decorrentes do desemprego. Uma delas é identificada na fala de Zilda, quando se refere ao filho Eron, de 15 anos, dizendo que este poderia estar contribuindo financeiramente, apesar da idade. Zilda comenta que *“em relação às outras crianças, na mesma situação que a nossa, desempregada, com uma renda super baixa, eu noto que outras crianças já tem uma responsabilidade maior, vou trabalhar e vou dar o dinheiro para ajudar em casa”*. Ainda sobre as consequências na vida familiar, a entrevistada comenta que, por estar desempregada, e não só por isso, mas por estar separada, ela desperta sentimento de pena entre os familiares. Então, Zilda fala que, quando os parentes se reúnem e alguém toca no seu nome, o comentário é: *“ah! Coitadinha, separada, tá desempregada”*, o que a deixa muito mal, com aquele sentimento de incapacidade ou de humilhação. Às vezes, ela percebe, mais por parte da família, porque são as pessoas com quem tem mais contato, que os outros acham que ela não quer trabalhar. Essa reação, por parte das pessoas, pode ser em certa medida, justificada pelo fato de Zilda ficar mais tempo em casa quando o mês está chegando ao fim e o dinheiro também. Além disso, a entrevistada ela se sente deprimida, preferindo não sair de casa, isto é: *“(...) nos dias que eu não me senti muito bem, senti meio deprimida, eu não saio (tosse), desculpa, eu realmente nesses dias eu não saio. Aí tem aquela sensação das pessoas acharem que não tá interessada, não levantou cedo”*. Segundo Zilda, um aspecto que leva os outros a acharem que ela não está interessada em trabalhar é o fato de dormir bastante. Então, não acordar cedo, ficar dormindo pela manhã significa: *“não, essa aí não quer emprego (...) fica dormindo a manhã inteira, não quer nada com a vida, não quer trabalhar”*. Isso se confirma pela crença compartilhada pela família de que ‘quem não levanta cedo não quer trabalhar’. Mesmo que Zilda realize suas atividades de casa durante a noite, a sensação é idêntica, isto é, de que os familiares acreditam que ela não quer trabalhar. E seu discurso expressa a dor de ser vista como alguém que não quer trabalhar.

A **vida social** de Zilda, em termos de atividades de lazer, amizades e relacionamentos íntimos está bastante limitada. A entrevistada comenta que, quando está desempregada, pára de sair, e quando está empregada, sai mais, vai a barzinhos ou até clubes, em parte pela questão financeira e em parte pela própria falta de interesse em sair, bem como porque o interesse de namorar também diminui. Zilda explica que, se

está namorando e perde o emprego, é possível que o namoro continue, mas, se está sem namorado e perde o emprego, o que acontece é que fica sem os dois. Para a entrevistada, é o momento em que ela fica mais deprimida e pensando em encontrar uma forma de sustentar a família. Assim, *“o social fica de lado”*. Contraditoriamente, um aspecto interessante mencionado por Zilda é que, quando ela está envolvida com o trabalho, como no caso em que era sócia do cunhado em uma empresa, a sua vida social também é deixada de lado. Assim, nota-se a importância concedida ao trabalho quando diz: *“Então, o meu interesse sobre o trabalho que era uma coisa minha, então, nesse caso, a minha vida deixa de ter importância, mais importante é o trabalho”*. O envolvimento de Zilda com o trabalho é percebido quando fala: *“nessa época eu me envolvi tanto com o trabalho que dispensei minha vida social”*. Atualmente, Zilda diz que sua vida social está restrita a visitas eventuais à casa da mãe. Com relação às amizades, há uma amiga da época de adolescência, que reencontrou após anos e com quem conversa mais.

Em termos de **consequências profissionais**, Zilda aponta que está fora do mercado e a face mais cruel deste fato é que ela está perdendo tempo, está cada vez mais desatualizada, com a certeza de que: *“(...) o que acontece é que as pessoas estão sempre na minha frente”* e de que não tem mais tempo de recuperar esse tempo perdido. Isso porque ter apenas o segundo grau, nos dias atuais, *“praticamente não é mais importante”*, fato que, para Zilda, acarreta maiores dificuldades de encontrar um emprego. Um pouco do que Zilda pensa e sente sobre as dificuldades profissionais pode ser percebido pelo trecho seguinte: *“eu sei que eu tô fora, eu sei que tô perdendo tempo, as pessoas estão lá, elas estão trabalhando, elas têm dinheiro, elas fazem curso e elas continuam crescendo e eu tô aqui parada e não posso fazer nada, não posso fazer um curso, não tenho um trabalho”*.

A esfera **econômica**, reconhecida por suas consequências drásticas na vida do desempregado, assume proporções mais complicadas para Zilda, que tem dois filhos. A renda que mantém a família provém da pensão dos filhos, paga pelo ex-marido. Zilda também recorre à ajuda financeira dos pais, quando necessita, mas prefere não pedir, pois diz sentir-se mal com essa situação. Dessa forma, o orçamento da família fica bastante reduzido, sendo difícil para ela manter o mesmo padrão de vida que tinham quando era casada. Essa situação acaba repercutindo na sua relação com os filhos, principalmente, com o mais velho, que, segundo a mãe, ainda não percebeu a situação atual deles, conforme ela expressa: *“(...) olha eu falo assim para ele: na situação que a*

gente tá, recebendo essa pensãozinha do teu pai, nós somos muito pobres, demais. E ele ainda não sabe, acho que é meio criança ainda". Além disso, o aspecto econômico acarreta conseqüências físicas e psicológicas/ emocionais, como já abordado anteriormente, e no que se refere à própria recolocação profissional. A procura por emprego é uma tarefa de certa maneira onerosa, principalmente para quem está desempregado, pois se deve contar com transporte, 'preparação do currículo' ou curso de qualificação, geralmente apontado como possibilidade de re-inserção profissional. Assim, torna-se complicado para Zilda manter a família e a busca por emprego, mesmo que ela possa contar, em alguns momentos, com uma rede de apoio, no caso, os familiares.

5.1.4 Superando as dificuldades...

Alguns esforços são empreendidos por Zilda na tentativa de superar as dificuldades concernentes à situação de desemprego, enquanto outras alternativas fazem com que ela esqueça seus problemas, ou seja, que se distraia. Com relação ao excesso de sono durante o dia, devido, justamente, à dificuldade de dormir à noite e ao fato de sentir-se tão deprimida, a entrevistada procurou um médico que lhe receitou um remédio para ansiedade, pois ela lhe disse que queria algo que 'resolvesse o seu problema', o que não aconteceu, não se sentindo nem motivada para retornar e conversar com ele. Outra estratégia que a entrevistada adotou, algumas vezes, foi a de levantar cedo, com muito esforço, e ficar o dia inteiro acordada, para dormir mais cedo. Em termos psicológicos/emocionais, as tentativas são orientadas para a 'evitação' da situação de desemprego e dos problemas decorrentes, ou seja, busca-se esquecê-los. Zilda tinha algumas estratégias como, por exemplo, trabalhar, realizando atividades diferentes do cotidiano, geralmente fora de casa, como arrumar o quintal, consertar ou construir alguma coisa em casa, tarefas essas que, segundo ela, lhe prendem a atenção. A esse respeito é interessante o comentário de Zilda de que "*eu troco o meu trabalho de dona de casa por um trabalho geralmente considerado masculino, né?*" E pode-se pensar que a troca de atividades ocorreu justamente por aquelas ditas 'masculinas' e que comumente são reconhecidas pela sociedade como tal, ao contrário do que ocorre quando se é dona de casa ou está desempregada. Zilda também joga videogame, alternativa utilizada para não pensar nas suas dificuldades, após perceber que as ações de ler, estudar ou ver um filme eram ineficazes.

No aspecto profissional, Zilda já comentou que não se sente muito motivada e que as tentativas de recolocação profissional limitam-se à entrega de currículos, procura de anúncios e do SINE. Em relação a este, a entrevistada revela a sua falta de expectativas, principalmente pelo tempo de experiência exigido para praticamente todos os cargos. No que tange às dificuldades de ordem econômica, a entrevistada busca por atividades remuneradas, como os ‘bicos’ para manter as necessidades básicas da família, já que o seu principal sustento é a pensão destinada aos filhos pelo ex-marido e a ajuda financeira da mãe, quando necessário.

Mesmo que Zilda expresse seu descontentamento sobre a situação atual, em termos pessoais e profissionais, por exemplo, ela também fala sobre seus planos e sonhos. Em relação a isso, Zilda comentou que seu pai venderá um terreno e dividirá o dinheiro entre os filhos. Apesar de não ser muito, já é o começo para planejar algumas coisas e encher a cabeça de idéias, diz Zilda. Não tendo ainda decidido se vai vender sua casa, reforma-la, comprar outra, ou então, montar um negócio para si, a entrevistada já sente que tem uma vantagem em relação a outros desempregados, pois *“dá para começar a fazer alguma coisa”*.

5.1.5 Síntese

O relato de Zilda desperta uma série de questões relacionadas à vivência do desemprego. Uma delas é a sensação vivida de que ela está em uma posição desprivilegiada em relação aos outros trabalhadores desempregados, abalando fortemente sua auto-estima. Assim, diante das dificuldades e da acirrada concorrência na busca pela recolocação profissional, Zilda sente-se desqualificada para conseguir emprego e, além disso, sofre com a culpa e o arrependimento de não ter feito um curso superior, por exemplo. Um outro aspecto importante e que pode ser percebido em sua fala é o quadro de depressão que a entrevistada sugere estar vivendo, pela dificuldade de dormir, *“trocando o dia pela noite”*, além da ansiedade e do desânimo em fazer várias atividades na sua vida. Nesse sentido, percebe-se como a problemática do desemprego pode ser destruturante para o sujeito, fazendo com que ele questione sua vida passada, e, invariavelmente, sinta-se culpado por suas escolhas.

O caso de Zilda demonstra que o desemprego é um fenômeno múltiplo, com uma diversidade de implicações, principalmente nas convicções do trabalhador e em sua capacidade de sonhar e planejar a vida. Conforme a própria Zilda descreve, a pessoa sente-se sem esperança em relação ao futuro e sem motivação para enfrentar a situação,

uma vivência que ‘endurece a pessoa’. Ainda assim, em certos momentos, a entrevistada comenta alguns projetos que pretende implementar, contando, para isso, com a ajuda do pai. Nesse sentido, apesar de Zilda, em alguns trechos da entrevista, reconhecer-se como desempregada, o fato de poder contar com alguém a diferencia das demais que, muitas vezes, não contam com uma rede social de apoio. Sua fala exemplifica isso: “(...) *eu tenho a sorte que meu pai pode ajudar. A minha situação fica semelhante a outros desempregados, aquela sensação de humilhação, de não estar conseguindo sustentar os filhos, mas tem aquela vantagem que eu tenho a ajuda dele, posso fazer esse tipo de plano, que a maioria das pessoas não pode (...)*”. Este comentário faz pensar que o reconhecimento de estar desempregado constitui uma tarefa difícil e sofrida, principalmente, porque nele (desemprego) estão arraigados preconceitos, como: ‘alguém que não quer trabalhar’, tão bem mencionados por Zilda em sua fala.

5.2 Entrevistado 2

5.2.1 História de vida e história profissional...

O segundo entrevistado, Nelson, tem 32 anos de idade, é solteiro e nasceu em Florianópolis e, conforme ele mesmo diz, “*sempre estudei aqui e trabalhei aqui*”. O pai, carioca, veio para esta cidade a fim de trabalhar na marinha e conheceu sua mãe, com quem teve dois filhos, uma filha e Nelson, o mais novo. No entanto, Nelson tem 12 irmãos, pois seu pai já havia casado duas vezes e sua mãe também já tinha uma filha. Sobre a história familiar, Nelson não comenta muito, pois, segundo ele, a família é “desestruturada”, tem uma família de um lado, outra de outro lado. Seu pai é falecido e dois irmãos seus morreram tragicamente. Atualmente mora com a mãe, que é responsável pelo sustento principal da casa.

O entrevistado tem segundo grau completo. Comentou que uma parte dos seus estudos foi realizada em colégio particular, mas as “*coisas foram apertando*” e teve que mudar para o ensino público. Começou a trabalhar durante o segundo grau, realizando várias funções em um hotel, como mensageiro, *office-boy*, auxiliar de compra. Entretanto, estudar e trabalhar ao mesmo tempo tornou-se difícil, porque a “*cabeça ficava toda confusa*”. Acabou terminando o segundo grau e não continuou os estudos, fato do qual diz ter se arrependido, já que poderia ter feito vestibular e concluído algum curso, como um irmão, que é médico, e outro, que é professor. Disse que gostaria de ter estudado numa área como, por exemplo, odontologia, educação física ou até

computação. A trajetória profissional de Nelson é bastante diversificada, tendo trabalhado como promotor da Coca-Cola, em loja de estofado, de eletrônica, como motoqueiro, pois tem uma moto, em uma gráfica, emprego em que trabalhou durante três anos e pouco, com carteira assinada, e em uma empresa de cobrança, em 2002, seu último emprego, que durou dois meses e pouco. Segundo o entrevistado, foi demitido, não esclarecendo bem os motivos da demissão. Esse acontecimento na vida profissional de Nelson “sujou a carteira”, termo utilizado quando o trabalhador muda muito de emprego, fica empregado por pouco tempo ou ocupa um cargo com salário inferior ao anterior. Para ele, este pode ser um fator prejudicial na busca por emprego, pois *“a pessoa já olha assim: a pessoa ficou dois meses é vadio”*. Pelo fato de Nelson ter uma moto, frequentemente realizava e ainda realiza alguns serviços, isto é, ‘bicos’ como motoqueiro, entregando encomenda para empresas, entregando gás, servindo de moto-táxi, o que, segundo ele, já somam seis anos de trabalho com moto. Isso aponta para o fato de que, apesar de uma trajetória de empregos diversificada, ele se caracteriza como um profissional, no caso, motoqueiro, mesmo que alguns serviços tenham sido registrados em carteira e outros não. Desde o momento em que Nelson foi demitido do seu último emprego, ele só faz ‘bicos’ para sobreviver, situação bastante difícil, visto que o rendimento depende do serviço que faz. A incerteza e a insegurança sobre quando irá realizar um trabalho é comentada pelo entrevistado: *“esses bicos são uma vez ou outra, não é sempre”, um dia pode-se ganhar e no outro dia não*. O que Nelson ganha por mês varia muito e o que recebe cobre apenas alguns gastos seus, não podendo ajudar a mãe a pagar *“condomínio, luz, alimentação, gasolina, várias coisas (...) aí, fica até, às vezes, desanimado”*.

5.2.2 A rotina, a busca pelo emprego e as dificuldades...

O dia-a-dia de Nelson é marcado pela espera por um serviço, um emprego. Todas as manhãs ele vai à Biblioteca Pública, olha os jornais e os classificados. Caso tenha algum anúncio para motoqueiro, já se dirige às empresas para levar o currículo. Depois, vai para casa e aguarda que as empresas entrem em contato e este período é de muita angústia, conforme sua fala demonstra: *“aí fico aguardando, mas até aguardar, esperar pelas empresas, o cara, se não fosse a minha mãe eu já tinha feito besteira, porque como é que tu vai arrumar dinheiro sem, sem... mesmo fazendo bico, mas é pouco, né? se eu morasse sozinho, tinha que pagar aluguel ia comer o quê? Então, fica uma coisa ruim, desemprego é a pior coisa do mundo(...)”*. Esse período de espera pode ser

pensado não apenas como um ‘esperar psicológico’, mas até em termos físicos, levando em conta o comentário de Nelson: *“fica aguardando até o telefone tocar, fica até olhando ali, será que esse telefone vai tocar hoje? Quando toca assim, já saio voando”*.

A ida ao SINE, praticamente todas as manhãs, é uma das ‘táticas’ para conseguir emprego que fazem parte da rotina de Nelson. Sobre essa possibilidade, é interessante comentar que o SINE é visto como a última tentativa, é a “UTI”, conforme Nelson, com um caráter de ‘sorte’: *“(...) última tentativa, né? Se não deu, aí tu vai, vai até (?) aí tem o dia que tu acorda assim, hoje eu nem vou porque ontem eu fui e ... aí tu vem bem desanimado, daí chega e aparece, aí tu ‘beleza’ e no outro dia tu pensa que vai arrumar, vem de manhã e a moça ‘hoje não tem nada’”*.

Quando ocorre o retorno das empresas, surge uma série de dificuldades, ou seja, a proposta não compensa porque o salário é muito baixo, tem de trabalhar direto (segunda a sábado) com a moto, rodando direto, sem o registro na carteira, o motoqueiro é responsável pela manutenção da moto, por eventuais acidentes, multas, e não pagam combustível ou apenas parte deste. Para Nelson, isso é desmotivante, pois *“tu quer trabalhar, mas, na verdade, você arranja mais prejuízo”*. Além disso, no seu relato, o entrevistado refere-se ao trabalho de motociclista como muito estressante, em função do trânsito, e também arriscado, com probabilidade de ocorrer um acidente que acarrete prejuízos financeiros ou danos físicos ao motoqueiro e até mesmo a morte. Então, em situações como estas, o motoqueiro não tem muitas garantias, como Nelson salienta: *“na hora que pifar a moto, como é que eu vou ficar? Mandam para rua, aí, eu fico sem moto, sem emprego e na maior roubada”*. Há situações em que a proposta inicial é interessante, mas depois, eles (empregadores) informam que não terá mais aqueles benefícios citados anteriormente, assim, coloca Nelson, *“eu vou trabalhar de graça”*.

Diante das dificuldades de encontrar um emprego com moto, Nelson cogita a possibilidade de buscar um trabalho em outra área. E essa opção, muitas vezes, ao contrário de ser uma escolha profissional, pensada e planejada, resume-se a um aproveitar uma dada oportunidade num determinado momento. Nesse sentido, há um fator de sorte presente em sua fala, quando ele diz: *“você pega outra coisa que aparece, mesmo porque hoje em dia não se pode escolher”*. Dessa maneira, percebe-se que a vida profissional do entrevistado está distante de ser uma escolha, efetivamente, ou uma carreira profissional. Dentre as dificuldades apontadas pelo entrevistado, uma delas refere-se à qualificação profissional e outra, à experiência, elemento fortemente presente em seu discurso. Nelson menciona que as empresas querem experiência, sendo que para

qualquer atividade é preciso ter um, dois anos de experiência, e, em geral, comprovada. A queixa principal é a de que os empregadores não oferecem uma chance, isto é, não se dispõem a ensinar, para o trabalhador aprender e mostrar que é capaz de realizar determinada tarefa que, às vezes, é bastante simples. Assim, Nelson revela: *“tu não tem chance, as empresas não dão uma chance, tipo assim, ‘eu não tenho experiência’, eles não vão nem querer saber, se você não tiver experiência, tu já dançou”*.

Nesse sentido, subjacente à idéia de conseguir um emprego está a noção de que ele precisa que lhe dêem uma chance, uma oportunidade, principalmente se não teve experiência anterior. Por outro lado, o fato de não saber realizar determinada tarefa, de não ter experiência, remete à sua desqualificação ou incapacidade de realizá-la e por isso é que ele está desempregado. Conforme o próprio entrevistado, *“o que está faltando mesmo é eu me qualificar para não ficar assim como eu tô, perdendo a chance, né?”*

5.2.3 Mudanças na vida dos trabalhadores: As implicações do desemprego

A esfera mais atingida pela situação de desemprego e, conseqüentemente, pela falta de um rendimento mensal razoavelmente estável, é a **econômica**. Para Nelson, este é um efeito duramente vivenciado e expresso claramente em seu discurso. Ele mencionou que o fato de não poder *“comprar roupas”*, por exemplo, e *“não poder ajudar em casa, sair, poder levar alguém para passear, é brabo”*. Percebe-se, então, oquão difícil e limitador é estar desempregado, principalmente em uma sociedade em que modos de vida são organizados segundo o poder de consumir. Pode-se pensar que é muito “brabo” mesmo, expressão usada pelo entrevistado, vivenciar essa experiência de desemprego.

Em decorrência da falta de dinheiro, a **vida social** da pessoa é fortemente abalada, pois deixa de fazer determinadas coisas que antes fazia, como sair com amigos, tomar uma cerveja. Para Nelson, *“tem que ter dinheiro, vou querer sair, tipo assim barzinho, você não vai sentar no barzinho e ficar olhando, tomando um copo de água, né?”* De acordo com o discurso do entrevistado, parece que outras razões, além da financeira, influenciam na sua decisão de não sair ou de rever os amigos. Por exemplo, Nelson comenta que os amigos da época de colégio, quando se encontram, convidam para fazer alguma coisa, o que se torna difícil para ele, *“porque, o que é que eu vou fazer lá? Tomar uma cerveja e depois vai ficar lá dando discurso? Ninguém vai querer saber, então, eu prefiro ficar em casa ver uma televisão, eu prefiro eu sozinho, não*

quero saber, os amigos muitas vezes não ajudam, te prejudicam, né? Então, prefiro ficar no meu canto. Dessa maneira, percebe-se que o desemprego provoca uma série de dificuldades, a pessoa tende a ficar mais só, a não compartilhar sua vivência, suas dificuldades e suas dores com outras pessoas. O contato com as pessoas fica restrito, torna-se mais superficial, visto que, até os relacionamentos mais íntimos, como namoro ou planos de se casar, são prejudicados, como Nelson coloca: *“não dá, pode ser no início, mas depois a pessoa vai ver que não tem como, vai sair com um cara que tem pouco dinheiro? (...) formar uma família, como vou formar uma família sem emprego, sem nada? não tem como”*. O que se percebe é que a vivência do desemprego, para Nelson, é marcada pelo isolamento social, pela dificuldade de realizar planos com outra pessoa e de constituir a sua própria família.

O aspecto relacionado à percepção do entrevistado em relação às outras pessoas sobre o fato de estar desempregado também foi abordado durante a entrevista. Para Nelson, as pessoas o vêem como um malandro, como alguém, de certa maneira, ‘suspeito’, pois sua fala demonstra que algumas pessoas questionam sua vida *“sai de manhã, volta à tarde, no outro dia sai de manhã, sempre nessa e às vezes até magro, né? O quê o cara tá fazendo? Tá emagrecendo...”* E com relação aos aspectos **familiares**, esse mesmo questionamento sobre o não estar empregado também é vivido com os membros da família, talvez de modo mais impactante. Em seus comentários, Nelson diz perceber, em seus familiares, o pensamento de que ele não tem vontade de trabalhar, manifestado através de perguntas sobre o motivo de ele ainda não estar empregado: *“pô ainda não arrumasse emprego? Eles pensam que a pessoa, que eu tô passeando, que eu pego a prancha e vou pra praia, né? Nada a ver, eu tô aí na correria. E eles olham até diferente, eu sinto isso, né? (...) é um troço ruim”*. Esta atitude é sentida pelo entrevistado como uma falta de interesse pela sua situação, pelos seus sentimentos, ou seja, *“ninguém quer saber como é que tu tá se sentindo, eles não tão nem aí”*. Ao mesmo tempo em que a sensação que permeia a relação com a família é de algo ruim, em alguns trechos da entrevista, uma irmã é mencionada como uma pessoa que passa dificuldades e que ele gostaria de poder ajudar, uma vez que a casa dela é um lugar para onde pode correr, a fim de brincar com os sobrinhos e esquecer as dificuldades.

As dimensões **emocionais/psicológicas, comportamentais e físicas** também são abaladas devido às consequências do desemprego. Os sentimentos de Nelson com relação a essa situação podem ser evidenciados em seu discurso, permeado pela tristeza,

pelo desânimo por tentar repetidamente conseguir um emprego e não obter êxito, pelo desamparo, explicitando que não tem ajuda de ninguém, seja da família, dos políticos ou do próprio SINE. Assim, percebe-se, em sua fala, a desesperança no futuro e a revolta de estar vivendo esta experiência, sem apoio. Os aspectos físicos, emocionais/psicológicos e de comportamento certamente apresentam fronteiras tênues, o que dificulta a separação entre esses campos e expressa o quão complexo é pensar o psicológico e o físico como desconectados. Isto pode ser percebido na fala de Nelson: *“você fica triste abatido, eu até emagreci, tô magro, porque, assim, preocupação, que vê final do ano, natal essas coisas assim, daí é um desespero (...) o ano novo né? O ano novo o cara fica, vai ficar a mesma coisa que o ano velho, daí tu fica sem ação, fica(...)”*.

O fato de ter mais tempo em função do desemprego é um fator agravante no aumento desses sentimentos, de acordo com seu desabafo: *“É que eu tinha o tempo todo preenchido, não tinha assim, como é que eu vou te falar, essa calma assim, não sabe o que vai fazer, aí tu fica sei lá, pensando cada coisa, que (?) tu fica até louco, se ficar ali só pensando, será que vou arrumar emprego não sei o quê, aí nisso, a pessoa fica até doente, porque quer trabalhar e não consigo, isso até deixa meio assim, triste, né? Triste porque não tem emprego, não tem nada (?)”*. O sentimento de estar desempregado é difícil de ser explicitado, sendo, no entanto, percebido pelas pausas e silêncios na sua fala e também pelo ímpeto de desaparecer, pela sensação de que está ‘meio morto’. O que pode sugerir que a vivência do desemprego, para Nelson, está marcada pela depressão, pelo abatimento e vontade de desistir.

“Ah! Eu me sinto assim (pausa) um fantasma, até. Às vezes, a pessoa chama, pronto, tô vivo, alguém se lembrou de mim aqui e às vezes quando tá assim passa os dias, a pessoa não recebe resposta de nada, fica um desânimo total, aí não quer nem vê TV, som, nada, quero mais é ir para uma praia e ficar lá até ficar um velhinho, mas não pode, né? Minha vontade era essa, mas tenho mãe e tudo, aí é a tal história não posso fazer isso agora porque ainda tô novo ainda, porque mais tarde como eu te falei, eu vou virar o quê, um zé ninguém, porque parado a tua cabeça começa, botar coisa na tua cabeça, até os amigos, porque amigo bom não vem “ô cara” vem te dar uma força, o amigo vem “ô não sei o quê”, aí fica brabo. Mas, graças a Deus ainda tenho cabeça, se não eu já tinha feito besteira”.

5.2.4 Superando as dificuldades...

Foram várias as dificuldades apontadas pelo entrevistado como decorrentes do desemprego. A dificuldade referente ao aspecto econômico é enfrentada por Nelson através da realização de ‘bicos’ com a sua moto, muitas vezes de caráter eventual, mas que garantem o pagamento de algumas de suas contas. Em termos profissionais, a busca por recolocação profissional perpassa a questão da qualificação profissional, isto é, a sua situação de desemprego é explicada, justificada pela falta de qualificação e, assim, sem um curso pra se qualificar, ele pensa que não poderá ter uma ‘chance’. Ao ser indagado sobre o que ele está fazendo para encontrar um emprego, Nelson comenta toda a sua rotina, que constitui quase um ritual: ler anúncio de jornal, entregar currículo e freqüentar o SINE. Ao que parece, a procura pelo emprego através do SINE apresenta-se como uma tentativa de recolocação profissional, de conseguir um emprego, mas também, como uma ação marcada pela frustração, pois, muitas vezes, Nelson está bastante animado, mas depois de receber o encaminhamento e verificar a proposta, *“ai já não dá, daí desmorona tudo porque você pensa que vai melhorar”*. Mesmo sendo considerada como uma estratégia marcada pela incerteza e dúvida, a ida ao SINE sempre ocorre, porque, segundo o entrevistado, em outros contextos é mais cruel, pois são 10, 20 pessoas, às vezes, com nível superior, que concorrem por uma vaga. Já no SINE não há tanta concorrência, uma vez que, conforme Nelson, *“a pessoa ali no SINE já tá desesperado para arrumar emprego, quer qualquer coisa”*. A alternativa para a sua situação está na qualificação e, para isso, seria necessária a ajuda deste órgão, dos políticos ou até de alguém que pudesse *“dar uma força”*.

No que se refere aos aspectos emocionais e psicológicos, as estratégias de enfrentamento remetem a situações ou atividades que fazem com que a pessoa se distraia, esqueça um pouco as preocupações e a tristeza. Nelson mencionou que vai à casa da irmã e brinca com os sobrinhos, joga bola, passeia, anda de bicicleta, pesca, pois, segundo ele: *“(...) a melhor coisa é passear, se não tu fica ali, ai vai dando uma tristeza mesmo e se o cara não for bom da cabeça, o cara se mata”*.

Até mesmo no que se refere aos seus planos futuros ou ao que pretende fazer, Nelson expressa um pouco dessa ‘confusão’ sobre qual trabalho poderia estar desenvolvendo ou o que gostaria de fazer, parecendo demonstrar uma sensação de ‘não sei para onde ir’. Em determinado momento, fala em tentar fazer um concurso *“para ver se dá”* ou ainda fazer um curso de cabista para instalação de linha telefônica, porém é preciso pagar um curso e, para isso, tem de estar trabalhando. Também falou em

montar um negócio próprio de moto-boy, mas necessitaria de um investimento inicial, o que neste momento é inviável. Ou ainda abrir um cafezinho ou trabalhar com vendas, porque está desanimado de trabalhar com moto e porque: *“até agora nada, um ano e pouco já, se eu ficar nessa, fico mais um ano, dois anos, três anos e quando vê... eu tô com quarenta anos, aí deu, vou ficar aí na sarjeta (...)”*

5.2.5 Síntese

A fala de Nelson é reveladora, uma vez que expressa tão bem como a experiência de estar desempregado pode ser vivida, principalmente através de expressões como *“é brabo”, “não é fácil”, “é difícil”* ou *“ficar num barco à deriva até ver onde vai dar isso”*. Os sentimentos de tristeza, abandono e insegurança em relação ao futuro são percebidos em vários momentos da entrevista, pela sua fala, às vezes, confusa e pelas pausas de silêncio ao contar um pouco da sua vida, por exemplo. No decorrer da entrevista, percebe-se o quanto Nelson sofre com a ansiedade de esperar que ‘algo aconteça’, quando menciona que a pessoa fica *“pensando cada coisa, que tu fica até louco”*, querendo dizer que a pressão psicológica de conseguir um emprego é tão grande que pode levá-lo à loucura.

Por outro lado, alguns planos também são mencionados, mesmo que timidamente. Em algumas situações, Nelson manifesta seu desejo de ‘tentar fazer isso ou aquilo’, como, por exemplo, *“abrir um negócio”, “voltar a estudar”, “ter uma profissão”*. Em contrapartida, suas falas seguintes denunciam um pouco da impossibilidade ter uma vida diferente: *“hoje em dia não se pode escolher”, “mas aí tem que ter dinheiro”, “já tô com 32 anos, daqui a pouco a coisa vai ficar pior”*, observações que faz, principalmente, quando comenta repetidamente sobre a sua falta de qualificação ou experiência profissional. Ou seja, a ambigüidade de sentimentos e de pensamentos faz parte do seu discurso, algumas vezes contraditório, demonstrando como a situação de desemprego pode desorganizar a vida, a fala do trabalhador e a si próprio, abalando a confiança em si mesmo, no futuro, a auto-estima e a capacidade de fazer planos, em termos profissionais e pessoais, os quais são prejudicados violentamente, tornando-se distantes, confusos ou impossíveis de serem implementados devido à realidade imposta.

5.3 Entrevistado 3

5.3.1 História de vida e história profissional...

Ricardo é um jovem de 21 anos, nascido no Oeste do Estado, em Faxinal dos Guedes, onde viveu apenas seis meses. Sua família, pais e um irmão, mudou-se para Fraiburgo, onde ele viveu até os 18 anos. Com esta idade, Ricardo, motivado pelo desejo de independência, saiu de casa, no início do ano de 2002, e foi morar em Blumenau. Ele mesmo menciona: “(...) *sempre morei sozinho, sempre quis independência, então, aos 18 anos eu resolvi sair (...) pro mundo*”. No período de um ano e meio em que morou em Blumenau, Ricardo trabalhou em diferentes lugares, sempre com carteira assinada. Seu primeiro emprego na cidade foi em uma grande rede de hotéis, onde trabalhou por alguns meses. Nesse mesmo período, começou a trabalhar em um bar como garçom, tendo ficado nos dois empregos por dois meses. Decidiu, então, deixar o emprego no hotel e trabalhar apenas no bar, já que manter os dois era muito cansativo. Permaneceu nesse emprego por cinco meses, até o fechamento do bar, e depois ficou desempregado por dois meses, aproximadamente. Sobre o emprego no bar, Ricardo comentou que não queria que assinassem a sua carteira de trabalho, pois acreditava que estaria ‘suando a carteira’ como garçom e, como ele mesmo disse, “*eu pretendo ser alguém na vida*”. O último emprego do entrevistado foi em uma casa de bingo, por quatro meses, aproximadamente, sendo que ele próprio pediu para sair, conforme suas palavras, por “*besteira*”, por motivo pessoal, porque os empregadores não queriam demiti-lo. Ricardo, então, decidiu vir para Florianópolis, local onde já estavam alguns de seus colegas. Atualmente, está se mantendo com dinheiro do acerto no último emprego. Está na cidade há pouco mais de dois meses. Ele alugou uma casa na região continental da cidade, mora sozinho e cursa o segundo grau no Centro de Educação para Jovens e Adultos, o chamado CEJA.

5.3.2 A rotina, a busca pelo emprego e as dificuldades...

Sobre o seu dia-a-dia, Ricardo falou pouco. Disse que em alguns dias sai para procurar emprego isso ocorrendo, talvez, duas vezes por semana. Nesses dias, acorda cedo e volta à tarde. Geralmente fica em casa à noite, exceto em alguns finais de semana, quando decide sair. Ricardo diz que está sempre estudando e lendo livros ou jornais, e também fica em casa pensando sobre o que vai fazer, qual emprego vai procurar, ou seja, “*quando eu não tô procurando trabalho, eu estou sempre idealizando*

projeto, o que eu vou fazer". O entrevistado comentou que há outras coisas sobre as quais ele não poderia ou gostaria de falar.

A procura por emprego mostra-se tranqüila, o que é bastante compreensível pelo fato de Ricardo ter como se manter financeiramente durante esse tempo em que não está trabalhando. Comenta que costuma ler os classificados e quando algum anúncio lhe interessa, entra em contato ou então vai a agências de emprego, no centro de Florianópolis, inclusive procura o SINE, ao qual veio três vezes. O entrevistado comenta que essa busca por emprego está sendo feita com cautela, pois tem a possibilidade de poder escolher, pelo menos enquanto não acabar o dinheiro, diz ele. Sobre isso, comenta *"se acabar eu vou tomar uma decisão que se já tivesse acabado, eu já teria tomado, ia pegar o primeiro emprego que me aparecer, e é assim que acontece"*.

Ricardo não aceitou o primeiro emprego que apareceu, e, na verdade, já dispensou algumas propostas, principalmente devido ao salário. O entrevistado comenta que esta é umas das dificuldades enfrentadas, pois, *"hoje em dia exige-se muito e paga-se pouco"*, ou seja, a exigência e o salário são os grandes problemas, para Ricardo. Segundo ele, é muito grande a exigência por parte dos empregadores *"ah! tem que ter segundo grau, tem que ter isso, tem que ter aquilo, experiência, tem que ter um monte de coisa e é tanto, você quer?"*. E conforme ele mesmo relata, caso você não aceite, há outro que está necessitando *"desesperado e ele vai aceitar essa vaga"*. E Ricardo pensa que só um desesperado pode aceitar determinados salários. Sobre isso, ele expressa bem a revolta que sente, pois é como se estivessem lhe uma esmola ou como se estivesse passando fome. Sua fala é bastante contundente a esse respeito: *"Pelo fato de eu estar precisando, eu não vou aceitar qualquer coisa, não qualquer coisa, qualquer salário, qualquer migalha, não é salário isso aí, é uma esmola isso aí, entendeu?"*. Um outro aspecto apontado durante a entrevista refere-se à falta de qualificação, um fator que, para Ricardo, é fundamental quando pensa na situação de desemprego. Segundo o entrevistado, o fato de as pessoas não possuírem uma qualificação promove o aumento do desemprego, principalmente porque elas não têm interesse em ter uma qualificação profissional. As pessoas, segundo Ricardo, pensam assim: *"Ah! Não, eu tenho uma experiência"*. E por isso não buscam estudar mais, ao contrário dele, que diz estar sempre procurando *"estudar mais um pouquinho para ver se dá"*.

Mesmo enfrentando dificuldades como essas, o entrevistado revela que as perspectivas dele aqui na cidade são boas, visto que tem experiência, se mostra uma

pessoa equilibrada, ou seja, que não se humilha por um emprego como alguns o fazem, fato que, para Ricardo, faz com que o empregador se interesse por ele e queira contratá-lo. A confiança permeia o seu discurso, principalmente em relação a encontrar um emprego, não constituindo esta uma tarefa muito difícil para Ricardo: *“cheguei digamos no domingo, se eu quisesse na segunda-feira já estaria trabalhando, mas eu quis aguardar também, não me afobar”*. E ainda, *“(...) e caso eu tivesse ido em algumas daquelas vagas, eu já estaria empregado, sim, desesperar não, preferi conhecer melhor a ilha”*.

5.3.3 Mudanças na vida dos trabalhadores: As implicações do desemprego

Alguns aspectos são comentados por Ricardo como mudanças decorrentes do fato de estar ‘parado’, ou seja, por não ter nenhuma atividade, e não, necessariamente, por estar desempregado, distinção feita pelo entrevistado. A primeira mudança percebida por Ricardo remete às conseqüências **físicas**, pois aumentou muito o seu ritmo de fumar, assim, *“pelo fato de eu estar parado, eu cheguei à conclusão, pô, porque eu to fumando demais? Pelo fato de estar parado”*. O **aspecto financeiro** também foi abalado, mesmo considerando que Ricardo tenha uma quantia em dinheiro para manutenção de suas necessidades, por determinado período. Ele explica que começou a aprender a economizar, o que não sabia fazer até então, visto que gastava facilmente: *“se eu tava trabalhando, se eu tinha R\$ 50,00 pra eu gastar é só sair de casa, apenas, R\$50,00 não é muito dinheiro, mas pra conseguir também não é muito fácil, né?”*.

Em termos **emocionais ou psicológicos e de comportamento**, a princípio, Ricardo comentou que nada mudou, mas em seguida admitiu que começou a pensar mais na sua vida, a refletir mais sobre o seu futuro, porque, quando estava trabalhando, *“sempre era casa-trabalho, quando tinha uma folga ia pra festa, né? Preciso distrair um pouco, tal”*. Ou seja, não havia um tempo para pensar em si mesmo e no que estava acontecendo na sua vida. Esse foi o aspecto que ele apontou como sendo o que mais mudou pelo fato de estar ‘parado’. Quando se investigou o sentimento vivenciado nessa situação, em como se sente por não estar trabalhando, ele revela que se sente estressado por não estar fazendo nada, por ficar parado e isso, para Ricardo, gera ansiedade, uma sensação ruim, por *‘estar parado, no meu caso, não pelo fato de estar desempregado’*, demonstrando, em sua fala, um sofrimento que não é percebido ou sentido como o de um desempregado, pois essa situação envolveria toda uma problemática que, segundo ele, não está vivendo. Suas palavras, a seguir, explicitam um pouco dessa ambigüidade

quanto a ‘estar parado’ e ‘estar desempregado’: *“Assim, pô que saco hoje, não tem nada para fazer, aquela coisa, pô, não tem o que fazer e muitas vezes não quer sair também, pô dia de semana não tem onde ir, mas, como eu me sentiria, se tivesse sem dinheiro, provavelmente eu estaria desesperado, que é o que acontece muitas vezes”*.

A esfera **profissional** não foi apontada diretamente pelo entrevistado, porque aparentemente esta não sofreu grande impacto em consequência do desemprego. O que seu relato demonstra é que Ricardo preocupa-se com a sua vida profissional, por isso está estudando e realizando planos e, no tempo em que não está trabalhando, aproveita para repensar sua vida, em termos profissionais e pessoais. O trabalho de garçom parece ser ‘algo temporário’, não sendo uma profissão à qual quer se dedicar e sim uma possibilidade de se manter financeiramente enquanto estuda e tenta outro emprego, pois, como ele mesmo já disse, *‘quer ser alguém na vida’*. Além disso, sua fala explicita claramente sua expectativa de fazer um curso superior, sendo esta uma das razões que impulsionou sua vinda para Florianópolis.

No que diz respeito às consequências na **vida social e familiar**, o entrevistado comentou rapidamente, com certa descrição. Sobre a sua vida social, Ricardo diz-se envolvido com outras pessoas, como amigos que já tinha antes de vir para Florianópolis, além daqueles que conheceu nesses poucos meses que está morando aqui. Disse que, quando possível, em termos financeiros, costuma sair nos finais de semana, à noite, com os amigos, mas quando não tem condições, ele se contém: *“Ah! não vou sábado, não vou, não posso, tenho que segurar o que tenho também”*. E durante a semana ele fica mais em casa, porque diz não ter muito o quê fazer. No entanto, mesmo que a vida social de Ricardo não tenha sido fortemente abalada, ele revela que está muito restrita, relativamente a outros momentos da sua vida. A família de Ricardo é pouco mencionada durante toda a entrevista, porque, conforme comentou, faz um ano e meio que ele não os visita, o que dificulta perceber possíveis mudanças nos relacionamentos entre os familiares.

Um aspecto também abordado durante a entrevista, remete à maneira como o entrevistado percebe o olhar dos outros pelo fato de estar desempregado. Ricardo é bastante enfático em dizer que as pessoas o olham já se perguntando: *“pô, ele não trabalha, ele vive do quê?”* E a partir dessa indagação, as idéias ou explicações são as de que *“ele deve roubar, é ladrão” (...)* *do que está se mantendo?”*, o que exige dele que se explique e conte a sua história, demonstrando, assim, que é uma pessoa trabalhadora. Ricardo revela que já houve uma situação em que a polícia chegou em sua

casa e pediu seu RG, pois os vizinhos ficaram receosos pelo fato de ele ‘não fazer nada’ e ele teve de explicar sua história mais uma vez. Ele desabafa: *“Eu trabalho, só que eles não me conhecem, meu passado, eu tô aqui, mas quem me conheceu sabe, nunca precisei apelar pra...”*. Mesmo em momentos muito difíceis que Ricardo disse ter passado, ele sempre buscou *“(...) ganhar a vida trabalhando e não na malandragem”*. Então, segundo o entrevistado, as pessoas o olham de forma diferente, com um olhar de discriminação, que o fere como sujeito. Ricardo reconhece que isso acontece, mas não apenas com ele: *“eles discriminam muito, existe isso, não só comigo”*. Ou seja, seu discurso aponta para essa questão da imagem social que os outros fazem dele, para o fato de o questionarem enquanto sujeito, como ele mesmo diz. E isso causa, em Ricardo, indignação e certa revolta, pelas explicações e justificativas que deve dar, por sua identidade que tem que ser reafirmada.

Os aspectos relativos às mudanças decorrentes do desemprego foram, até certo ponto, apontados pelo entrevistado. Pode - se dizer ‘até certo ponto’ porque Ricardo, em muitos momentos da entrevista, fala da situação de desemprego, do desempregado, mas parece não se incluir ou se reconhecer como sendo um deles, pelo menos não em sua totalidade. Em alguns trechos da sua fala percebe-se isso claramente, como, por exemplo, quando ele comenta: *“como acontece com o desempregado”, “como ele age”, ou “o meu caso é um caso a parte”*. Isso talvez possa ser entendido pelo fato de que Ricardo concebe o desempregado como aquele sujeito está desesperado, como uma pessoa que se humilha e se sente amedrontada ou como um “pobre coitado”. Em um pequeno trecho do seu relato essa compreensão do desempregado pode ser percebida: *“Tô desempregado, tô, mas eu tô procurando trabalho, mas eu tenho projetos em vista e é bem diferente. Tem pessoas não, tem pessoas que procuram trabalho, querem apenas trabalhar e (tosse), mas assim, hã, uma pessoa psicologicamente quando ele está desempregado, ela pensa em muita besteira, pensa muita coisa”*. Neste ponto ele se diferencia, se distancia, mesmo admitindo estar desempregado, ele não se vê nessa imagem que ele demonstra ter de quem está desempregado, entendimento este tão associado ao desespero. Em sua fala, por exemplo, isso fica claro: *“modéstia à parte eu não tenho medo de..., eu tô desempregado, mas não tô desesperado, apavorado, entendeu?”* ou *“embora eu esteja desempregado, eu não me desespero”*.

5.3.4 Superando as dificuldades...

Com relação às dificuldades decorrentes do desemprego, Ricardo demonstrou, em sua fala, bastante otimismo e confiança, principalmente quanto à questão financeira que permite a ele escolher as ofertas de emprego divulgadas. Este é um aspecto importante, que possibilita que Ricardo não se sinta tão angustiado e vislumbre boas perspectivas para o futuro, conforme ele aponta: *“(...) se eu colocar tudo que eu tenho em prática, tudo que eu tenho for colocar em prática, vou me dar bem, claro, mas isso é o meu caso, sendo a pessoa que está desempregada, tem filhos, aluguel pra pagar, claro, ela vai pensar bem diferente”*. Se bem que a situação vivida pelo entrevistado seja um pouco diferenciada, ele percebeu algumas mudanças na sua vida que foram indicadas como decorrentes do desemprego e, sobre essas mudanças, afirma que tem maneiras de tentar superá-las. Quanto ao fato de sentir-se estressado e ansioso, ele diz que procura conversar com os amigos, contar o que está passando, suas histórias passadas. Outra estratégia adotada por ele quando se sente assim, é ler. Ele diz que gosta muito de ler jornais, livros e a bíblia, que as histórias o acalmam e ler ajuda-o a pensar mais sobre seus projetos. Assim, *“(...) eu leio, tem gente que não lê, mas eu leio e isso me acalma, eu já começo a pensar diferente, ‘não vou fazer assim’ tal coisa vou fazer assim, né?”*.

No que concerne à dimensão econômica, as dificuldades advindas da falta de emprego são superadas devido à quantia de dinheiro proveniente do acerto de contas do seu último emprego. O entrevistado também procura recolocar-se no mercado, considerando a possibilidade de que ainda pode escolher, conforme ele comenta. As tentativas de entregar currículo em agências de emprego e de procurar em jornais continuam sendo feitas, com expectativas de que Florianópolis é uma capital turística que oferece muitas vagas na área em que procura, principalmente na temporada. Suas perspectivas em relação ao SINE são boas e ele considera o trabalho realizado por essa instituição muito bom, uma vez que não tem muita gente, como em Blumenau, por exemplo, assim como existe a possibilidade de fazer algum curso. Além disso, algo bastante salientado por Ricardo refere-se aos planos para o futuro, como fazer a Universidade: *“tem a Federal, a Estadual, mesmo que todo mundo diga que é difícil, mas não é impossível”*. Ele pensa em estudar Direito ou Publicidade e tentar passar em um concurso público, ou seja, quer trabalhar e estudar.

5.3.5 Síntese

O desemprego é um fenômeno que apresenta diversas facetas, despertando, muitas vezes, na pessoa que está desempregada, sentimentos e idéias ambíguas e contraditórias. A entrevista de Ricardo possibilitou visualizar um pouco essa ambigüidade. Estar desempregado é uma situação que, segundo o entrevistado, é repleta de desespero, levando a pessoa a não fazer mais escolhas e se humilhar, imagem essa que está distante da noção que possui de si. Ricardo em alguns momentos, se vê como desempregado, mas com algumas especificidades, pois não está desesperado, visto que dispõe de uma quantia de dinheiro e é alguém que faz planos, deseja crescer e desde jovem luta pela sua independência. Nesse sentido, isso faz com que a sua situação seja ‘um caso a parte’, e com que em alguns trechos comente que está ‘parado’ e não desempregado, expressando o quão difícil pode ser se reconhecer como tal, como alguém que sofre discriminações e que tem que se justificar perante os outros por não estar trabalhando.

Seu relato faz pensar que o reconhecimento da sua situação de desemprego é evitado, por ser considerado vergonhoso, diferenciando-se da imagem atribuída ao trabalhador desempregado, invariavelmente de cunho pejorativo. Assim, Ricardo, encara a realidade do desemprego de maneira singular, não se vendo como desempregado, mas como ‘parado’, como alguém que pode escolher os empregos, ainda que temporariamente, e que pode fazer projetos, o que vai ao encontro da noção de mais valia que tem de si, de alguém que ‘quer ser alguém na vida’. E isso pode indicar mais uma estratégia defensiva do que um ‘certo otimismo’ em relação à vida ou ao enfrentamento da realidade, pois, por mais que esteja vivendo uma situação “*à parte*”, é necessário buscar calma nas leituras dos livros e na bíblia. Outro aspecto interessante percebido em um momento de sua entrevista remete a uma decorrência da situação do desemprego, de ordem ético-moral. Ou seja, para Ricardo, existe a preocupação de conseguir ganhar a vida honestamente, de modo correto, através do trabalho e não da maneira “*mais fácil*”, “*na malandragem*”, *como muitos fazem*. Talvez fosse importante pensar que, até mesmo quando a pessoa está ‘parada’ ou ‘desempregada’, distinção colocada pelo entrevistado, ela sonha, ela tem desejos, ela quer ‘ser alguém na vida’. No entanto, com o desemprego, tudo isso se torna distante, impraticável, isto é, uma possibilidade para os outros e não para ela, devendo ser ‘esquecidos’ mesmo que por algum tempo.

5.4 Entrevistado 4

5.4.1 História de vida e história profissional...

Elton tem 25 anos de idade, ensino fundamental incompleto, pois deixou de estudar na 5ª série e é natural de Videira, onde viveu sua infância. Apesar da sua idade, o entrevistado tem uma postura, modo de se vestir e até mesmo a aparência de uma pessoa com mais idade. Elton é religioso, evangélico, sendo essa característica perceptível em todo o seu discurso. Sobre sua família, ele diz que tem quatro irmãs e três irmãos vivos e um falecido há muitos anos atrás. O entrevistado conta um pouco da sua história, mas com um certo pesar em suas palavras, pois se detém na morte de sua mãe quando tinha 12 anos de idade e no seu percurso a partir de então, vivendo na maior parte do tempo com as irmãs mais velhas, que moravam em cidades diferentes. A perda da mãe parece ter sido um momento bastante difícil, somando-se ao fato de que o pai não esteve tão próximo aos filhos durante esse acontecimento. Percebe-se que até hoje é difícil falar e lembrar as datas e as circunstâncias deste período. Elton comenta que a morte de seu irmão deixou sua mãe muito triste e debilitada, sendo que, para ele: *“Aí Deus olhou pra ela, ‘não ela tá sofrendo muito, então, vou levar pro céu, não vai sofrer tanto’ aí ele subiu, ela morreu”*. Com o falecimento da mãe, uma das irmãs levou Elton e seu outro irmão, que tinham idades próximas, ou seja, entre 12 e 13 anos, para Blumenau, com a expectativa de que nesta cidade eles pudessem trabalhar, ter mais oportunidades. No entanto, o entrevistado relembra que ele e o irmão encontraram muitas dificuldades de conseguir algum emprego, devido à idade: *“Eu era novo, não tinha como eu trabalhar porque daí eu ia procurar emprego, procurar emprego e não conseguia trabalhar”*. Elton comenta que, durante esse período, acabava vendendo picolé e assim conseguia algum dinheiro. Tempos depois, mudou-se para Florianópolis, junto com a irmã e a família desta. Segundo ele, nessa cidade, por ser turística *“a pessoa trabalha mais, tem mais oportunidade, gera mais emprego e lá não gerava tanto”*. Além disso, a irmã procurou fazer com que os irmãos não sofressem tanto pela morte da mãe, como a sua fala, lembrada por Elton, expressa: *“oh! Elton vou levar vocês pra lá então, pra, já que vocês perderam a mãe, aí, então, estão, sofrendo aí, então vocês pra lá para trabalhar, né?”*.

A procura por emprego foi uma tarefa iniciada cedo por Elton, mas demorou alguns anos para que ele conseguisse *“a sua primeira oportunidade”* como ele mesmo diz, pois era muito novo, sem estudo e sem experiência. Por intermédio da irmã, o entrevistado conseguiu seu primeiro emprego aos 17 ou 18 anos, em um posto de

gasolina, como frentista, por um período de três meses de experiência, que Elton encarou com muita seriedade, tentando aprender tudo, já que não tinha experiência anterior. Para sua surpresa, após os três meses, ele foi dispensado, lhe sendo dito: *“oh! Elton, acho que a gente não vai mais querer você aí porque não trabalha bem, não sei o quê” aí fiquei até meio...*. A perda desse emprego foi difícil, despertando em Elton um pouco de desamparo, como sua fala revela: *“Fiquei pensando: meu Deus, o quê que eu faço? tava tão bom, pagava aluguel, o quê que eu vou fazer?”*. A crença religiosa do entrevistado é referenciada como um elemento importante para suportar o período de três a quatro meses até o próximo emprego, sendo demonstrada em vários momentos do seu relato, principalmente nos momentos difíceis como o de desemprego. O segundo emprego também foi em outro posto, sendo que Elton permaneceu neste durante um ano e oito meses, após a resolução de alguns problemas enfrentados nos primeiros meses. O entrevistado relata detalhadamente como foi essa experiência profissional, em que, por inveja de outro funcionário, ele foi acusado injustamente de roubo, visto que, como Elton comenta, *“(...) eu trabalhava bem, desempenhava bem, eu não tava ligando, hoje eu sei o que é puxa-saco (...)”*. Tendo sido esclarecida a situação, o entrevistado retornou e, após muito empenho no trabalho, foi indicado e premiado como o melhor frentista dos duzentos e oitenta postos da rede em que trabalhava. Com orgulho, Elton expressa o quanto estava satisfeito com seu trabalho: *“porque eu sou frentista, essa é minha profissão”*. O entrevistado saiu do emprego porque pediu, pois queria comprar uma casa e um terreno com o dinheiro do acordo, apesar de o dono insistir para que ficasse. Em outra ocasião, Elton retornou, mas não ficou muito tempo e decidiu sair, sem explicar muito bem por qual razão. O entrevistado trabalhou como frentista em outro posto, por um ano, e também pediu as contas, mas dessa vez a fim de ir para a casa de uma irmã, que morava em Caçador. Resolveu vender o que tinha e mudou-se. Nesta cidade, também trabalhou em um posto de gasolina, tendo retornado para Florianópolis em novembro de 2002 e ficado desempregado até o início de 2003. Foi trabalhar na lavanderia da irmã, por alguns meses, mas saiu porque não gostava muito do trabalho. Atualmente, Elton auxilia a irmã, quando esta precisa, e não como empregado, pois, como ele próprio diz: *“uma mão lava a outra, porque é irmão”*.

5.4.2 A rotina, a busca pelo emprego e as dificuldades...

Elton falou sucintamente da sua rotina. Na verdade, o entrevistado expressou um pouco de surpresa ao ser investigado sobre o que costuma fazer diariamente, através de

interrogações: “*o que eu faço?*”. Ele comentou que, primeiramente, agradece a Deus pelo dia, depois, pede que este o abençoe, demonstrando o quanto a religiosidade está presente em sua vida. Quando está desempregado, ele acorda mais tarde, já que não precisa acordar cedo para trabalhar, e, principalmente, quando participa de atividades na sua Igreja que se estendem até tarde da noite (vigília). O entrevistado geralmente sai para procurar emprego, visitando postos de gasolina e preenchendo fichas. No entanto, essa procura por emprego está temporariamente interrompida, porque Elton precisa fazer uma cirurgia, como ele conta: “*(...) na verdade eu não tô indo (procurar emprego), sabe por que? Porque eu tô para fazer essa cirurgia(?) como eu já te falei, então, não compensa, tem que ficar em repouso*”. Sobre outras atividades que fazem parte do seu dia, o entrevistado diz que muitas vezes vai visitar um ‘irmão da igreja’ ou outro amigo, outras vezes fica em casa lendo a bíblia ou ajudando a irmã na lavanderia. Elton faz um curso de computação pela LBV (Legião da Boa Vontade), durante alguns dias da semana. Atualmente ele está envolvido com o pedido de seguro-desemprego, mas está encontrando dificuldades visto que o Ministério está em greve e assim, a marcação de sua cirurgia através do sistema público de saúde foi suspensa

A busca pelo emprego, aparentemente, não é uma meta prioritária em sua vida, pelo menos não por enquanto, até porque, como Elton mesmo revela, ele conta com o seguro-desemprego, o que o deixa despreocupado: “*(...) porque tô pra receber o seguro, então, tem, como já diz o nome te segurando, eu tenho um refúgio pra mim não passa fome (...) resumindo, não fico preocupado, não tem aquela rotina preocupatória, não, vou ter que trabalhar, minha conta já tá vencendo, tem cheque pra cair e vai estourar lá na minha conta, ah! Tem que no mercado pagar isso (...)*”. No entanto, a preocupação existe e a ansiedade por estar desempregado também, mas é sempre comparada com outra situação, pois ele ainda conta com a possibilidade do seguro-desemprego.

Um outro aspecto interessante que pode ser apontado no que se refere ao ‘procurar emprego’ é a questão da oportunidade. Elton, em muitos momentos da entrevista, mencionou este termo relacionando-o com a falta de emprego, ou seja, a dificuldade em ter um emprego consistia no fato de que “*ninguém dá*”. Em sua fala são frequentes comentários como “*não tinha oportunidade*”, “*aquela oportunidade*” ou “*ter oportunidade*” demonstrando que a sua trajetória profissional é notadamente marcada por circunstâncias que aparecem em determinado momento da sua vida, muitas vezes, intermediado por outra pessoa, como sua irmã e não resultado de um planejamento ou

de uma escolha profissional. Assim, um comentário bastante comum em seu relato, é o de que, apesar de querer muito trabalhar, não o conseguia porque não tinha oportunidade, pois ninguém lhe ‘dava esse voto de confiança’. E quando essa chance é concedida, a pessoa tem que demonstrar que a merece, depende somente dela, como Elton coloca: *“se tem oportunidade, você tem que ir tem que vir de você, né? Tem que vir de você aquela oportunidade que quando alguém dá (...) Bem, teve oportunidade, agora você não tendo oportunidade, né? aí fica mais dificultoso, né?”*.

As dificuldades enfrentadas nas suas tentativas de recolocação profissional são minimizadas por Elton, primeiro, porque ele espera pelo seguro e tem como se manter minimamente com alguma economia, depois, porque tem confiança em Deus. Este é um fator que parece ser bastante importante, fazendo com que Elton aceite a situação que está vivendo, de desemprego e dificuldades decorrentes, através da perspectiva da fé: *“(...) agora se eu fosse, se eu não tivesse confiança em Deus, confiança em Deus, não tivesse seguro-desemprego e não tivesse né? Uma irmã, família, alguém assim, pra me ajudar, aí, com certeza, seria mais dificultoso, seria, meu caminho seria mais dificultoso, teria que ir a luta, a batalha”*. Além disso, o entrevistado repete, em certos trechos da sua fala, que tem algumas vantagens em relação a outras pessoas, como as casadas e com filhos, que teriam mais contas a pagar, como ele mesmo explicita ao contar a situação de outra pessoa: *“Hoje sou solteiro, então, significa assim, não tenho preocupação, com família, com filhos, com isso e com aquilo e ele já tinha”*.

5.4.3 Mudanças na vida dos trabalhadores: As implicações do desemprego

Em relação a possíveis mudanças na vida de Elton em decorrência do desemprego, pouco foi exposto por ele, na verdade, arrisca-se em dizer que seu discurso aponta para o fato de que ele pouco pensa sobre essa situação. Isso pode ser deduzido em duas situações: em uma ele afirma que não se considera um desempregado, pelo menos por enquanto. Sobre essa recusa em se ver como desempregado, a fala seguinte, em que ele relata o momento em que a sua irmã lhe oferece emprego, é interessante: *“Aí, agora você me pergunta aí, qual a minha reação, qual seria a minha reação, se caso ela não me dá esse emprego? Aí eu ia ser o quê? Mais um desempregado da vida”*. Em outra ele também expressa a dificuldade de pensar em si como desempregado e de reconhecer algumas mudanças devido ao fato de não estar empregado. No momento em que foi perguntado sobre as conseqüências, em termos econômicos, emocionais/ psicológicos entre outros, Elton expressou timidamente que, no seu caso,

não havia muitas conseqüências, a não ser pelo fato de que, desempregada, a pessoa não teria um compromisso diário, como levantar cedo para ir trabalhar, pois tem família e contas a pagar, revelando o que se pode considerar como conseqüências **comportamentais**. Segundo ele, a sua situação é mais favorável do que a do seu cunhado, pois é solteiro, não tem filhos e preocupações, isto é, as implicações do desemprego seriam menores. Sobre isso o entrevistado relata: *“A minha conseqüência, nesse caso, não é tanta, como foi a dele, que já tinha mais compromisso, gastos, então, a dele é maior e a minha, é como eu falei pra você, por isso é que as pessoas hoje, tudo é movido pelo dinheiro, né? tu não vai virar um (?), pessoa que vai sair por aí roubando, matando, tu vai, tu vai, pra quê que tu tem mão, tem pé, tu tem consciência, tu tem olho, tu tem boca, né?, tu tem saúde pra trabalhar, porque não trabalhar? É ou não?”*

No que se refere às implicações de ordem **econômica**, o entrevistado não as menciona diretamente, porque está se mantendo com uma pequena economia e também porque em breve receberá o seguro-desemprego. De certa maneira, isto o faz sentir-se em uma situação diferente dos demais desempregados, não sofrendo muitas mudanças neste âmbito.

Em termos **emocionais /psicológicos**, Elton não mencionou de forma direta as conseqüências do desemprego, até mesmo porque, facilmente, pôde-se perceber em seu discurso a tendência a relativizar e até minimizar o que está sentindo e o modo como vivencia a experiência de desemprego. O entrevistado comenta sobre a preocupação decorrente do fato de não estar trabalhando, já que esta é uma atividade bastante valorizada e estimada por ele, demonstrando, ainda que não diretamente, que estar desempregado lhe ocasiona certo sofrimento. Sobre isso, ele comenta: *“Me preocupo bastante e segundo, na verdade, eu sou uma pessoa que gosta de trabalhar, Deus sabe que eu não tô mentindo, falando a verdade, sempre gostei de trabalhar”*. Nesse sentido, a fala de Elton permite compreender que ele se sente preocupado com o seu futuro, com a sua vida de modo geral, mesmo relativizando com outras situações aparentemente mais difíceis que a dele, e contando com o seguro-desemprego que irá receber e com sua crença religiosa. O trecho seguinte expressa um pouco esse pensamento: *“(...) não tem aquela preocupatória, é uma, assim, claro, a gente fica meio assim, né? Você fica pensando, agora tá tudo bem, mas depois que acabar o seguro, como que vai ficar, será?”*. O que também foi percebido durante a entrevista, no que tange à esfera emocional/psicológica, é a dificuldade de dizer o que sente, isto é,

nomear seus sentimentos. Quando se perguntou como se sente por não estar trabalhando, por não estar fazendo algo que diz que gosta tanto, Elton demonstrou uma fala confusa, como se não soubesse o quê falar ou pensar: “(...) *essa tua pergunta, na verdade, (tosse) mexe com os meus sentimentos, né? Na verdade, mexe com os sentimentos, mexe com os sentimentos da pessoa, então, na verdade, eu me sinto, como que eu me sinto?*”. Ao que parece, falar sobre isso não era tão tranquilo como em alguns momentos o entrevistado procurava demonstrar, nem tampouco livre de implicações na sua maneira de ser, pensar e agir, ou melhor dizendo, na sua subjetividade.

Ainda sobre o que sente, em certo momento, Elton expressa um pouco dessa ambigüidade de sentimentos que parece vivenciar. Por um lado, admite que há conseqüências na sua vida por estar desempregado, mas nem tantas, por outro, sente-se preocupado, mas não muito, externando ainda um pouco de revolta, mesmo que ‘disfarçada’. Sua fala seguinte exemplifica isso: “(...) *na verdade eu não me sinto muito revoltado com a vida, muitas pessoas ficam revoltada com a vida, eu não me sinto muito revoltado com a vida, não me sinto é, muito preocupado também porque no salmo 23 diz, né? (...).* Seu discurso expressa a grande dificuldade de explicitar o que sente, nomear seus sentimento e suas emoções,, ou seja, refletir sobre o que está acontecendo:”*o meu sentimento, olha, no momento, não vou mentir pra você, vou falar a verdade, no momento, o meu sentimento, é, como é que eu posso dizer? O meu sentimento é de, não é aquele sentimento de revoltado com a vida, de sair chutando qualquer coisa, preocupado com isso, preocupado com aquilo, “ah! Meu Deus, meu futuro à frente, o quê que eu vou fazer, o quê que eu vou ser, quem eu vou ser, qual é o meu futuro?”*. Apesar de se questionar e mencionar tantas vezes a palavra ‘revolta’, existe nele a crença de que tudo dará certo, não devendo se preocupar demais: “(...) *então, se a gente der lugar a ira, a ira, a preocupação, a gente vai viver sempre atacado, nunca vai pra frente*”. Além disso, o fato de ‘estar parado’ é encarado como um momento para recarregar as energias: “(...) *volta com mais energia que tu tinha antes*”.

Quando indagado sobre o modo como os outros o olham, ou seja, se ele percebe um olhar diferenciado por estar desempregado, o entrevistado revela que tem pessoas que julgam apenas pela aparência, deixando de “ (...) *ver o quê tem dentro, como que a pessoa é*”. Elton ainda comenta que: “(...) *Sempre tem aquelas pessoas que te olham, te observam, ‘não, mas você’ (...) aí olham pra você ‘ah! não, não, mas você não trabalha, mas você não, não faz isso, não faz aquilo’*” . Elton também diz que esta é

uma dificuldade que acaba enfrentando dentro da sua família, como, por exemplo, com o cunhado, que vive na mesma casa e que, segundo o entrevistado, “*gosta muito de pegar no meu pé*”, o que pode ser considerado como implicações **familiares** decorrentes do desemprego. Quando está trabalhando, Elton acorda cedo, mas atualmente, por estar desempregado, dorme até mais tarde. Então, algumas vezes, na hora do almoço, ouve piadinhas, por parte do cunhado, como: “*boa tarde, não queria dormir mais um pouco?*”. Nesse sentido, por mais que os comentários contenham um teor de ‘brincadeira’, como Elton explicita, tais circunstâncias provocam ansiedade e o sentimento de que está sendo julgado ou insultado, como ele mesmo revela: “*(...) as pessoas te olham como se fosse, pelo meu caso, eu sou uma pessoa que luta, que gosta de trabalhar, que luta pela vida, então, no meu caso assim, eu já fico meio ...quando a pessoa fica me julgando, é, fica me insultando, é porque você não trabalha, agora você está desempregado*”

Assim, o que pode ser percebido na entrevista de Elton, desde o início do seu relato, tanto pelos aspectos verbais quanto pelos não- verbais, como a entonação da sua voz, os olhos emudecidos e as pausas e silêncios bastante freqüentes, é a uma tentativa de negar ou evitar a ansiedade decorrente da problemática do desemprego. A emoção permeia a sua fala tanto no momento em que se reconhece como alguém que está desempregado como quando procura de distanciar-se de ser “*mais um desempregado da vida*”, como ele mesmo cita, pois oculta a dor de quem, desde cedo, encontrou no trabalho seu grande companheiro.

5.4.4 Superando as dificuldades...

Em termos de superação das dificuldades que estão relacionadas com a problemática do desemprego, Elton não explicitou quais as estratégias que utiliza ou poderia utilizar no enfrentamento de questões de cunho psicológico/ emocional ou familiar, mesmo que estas venham a lhe provocar mal-estar. Sua fala demonstra uma certa resistência em reconhecer que algumas mudanças ocorrem na sua vida, apesar de que algumas gerem sentimentos, como preocupação ou ansiedade. Pode-se pensar que, mais do que uma tentativa de superação, esta é uma maneira de evitar o que está acontecendo, de não pensar e sentir muito, o que pôde ser percebido em alguns momentos da entrevista, despertando em Elton interrogações como: O que sinto? Ou então: O que penso? Outro elemento que aparece fortemente no discurso de Elton é a religiosidade e a fé de que tudo dará certo, o que até certo ponto o reconforta, como ele

expressa, mas também dificulta que certos sentimentos, como a dor, a raiva e a revolta, sejam explicitados e vivenciados.

Algumas estratégias de procura por emprego que eram utilizadas por Elton estão interrompidas por algum tempo, pelo fato de ter de fazer uma cirurgia que requer repouso posterior. O aspecto financeiro pode estar relacionado a esta interrupção na procura por emprego, pelo fato de contar com uma economia e com o recebimento do seguro-desemprego. Em termos de perspectivas para o futuro, existe uma possibilidade de Elton retornar ao seu antigo emprego como frentista. Exceto esta, as expectativas futuras são poucos mencionadas por Elton. Apesar de estar fazendo um curso de computação com a intenção de melhor qualificar-se, esta não é assinalada como uma possibilidade de reinserção profissional, por exemplo. Ou melhor dizendo, em sua fala não aparecem explicitamente seus desejos e sonhos em relação ao futuro, como, por exemplo, voltar a estudar ou constituir família, entre outros. Nesse sentido, pode-se considerar que se está mais diante de modos de conformar-se com a situação de desemprego e suas dificuldades recorrentes do que de formas de enfrentamento destas.

5.4.5 Síntese

Alguns pontos mencionados por Elton merecem ser lembrados para, assim, fazer uma reflexão sobre eles. Um deles, bastante claro em seu discurso, é a dificuldade de perceber -se como desempregado, mesmo que esteja aguardando pelo benefício do seguro-desemprego. Assim, possíveis dificuldades advindas do desemprego são consideradas, por Elton, mínimas, quando não, inexistentes, ou seja, sempre há um outro trabalhador em uma situação mais difícil. Isso, de certa forma, pode constituir uma tentativa de não aceitar as emoções e os sentimentos que esta vivência pode provocar. A religiosidade, freqüentemente expressa no seu relato, pode exercer forte influência nesta maneira de compreender, sentir e viver a problemática do desemprego, marcada pela crença de que ‘tudo irá se resolver’. Nesse sentido, pode-se supor que talvez a fé religiosa ‘amarre’ ou dificulte o próprio reconhecimento da sua situação de desempregado, autorizando-o a sentir raiva, dor e tristeza pelo desemprego e também livrando-o de pensar em formas de enfrentamento para as suas dificuldades.

Um aspecto que timidamente foi levantado pelo entrevistado, em uma de suas falas, remete á questão de ordem ético-moral que parece reverberar na problemática do desemprego. Isso é percebido quando Elton expressa um julgamento moral sobre os casos de pessoas que, ao invés de trabalhar, “(...) *vai sair por aí roubando*,

matando(...)”. Neste momento, percebe-se que o pensamento moral e religioso pode servir de pano de fundo para a compreensão deste fato.

5.5 Entrevistado 5

5.5.1 História de vida e história profissional...

Daniela é uma jovem gaúcha de 21 anos, nascida na cidade de Alegrete. Um pouco tímida, a entrevistada conta sua história com zelo e descrição, demonstrando que, para ela, a privacidade é um aspecto bastante importante. Durante toda a entrevista Daniela demonstra dificuldade de falar claramente, sendo que em alguns momentos sua fala mostra-se um pouco confusa. Ela é casada há alguns anos e tem uma filha, Patrícia, de cinco anos. Sua família e a do seu esposo também são naturais de Alegrete. A vinda para Florianópolis está relacionada como a busca por melhores oportunidades de emprego, já que, segundo Daniela, na sua cidade, a dificuldade de conseguir um emprego era bastante grande. Com a conclusão do ensino técnico em contabilidade e a realização do estágio, na área, para conclusão do curso, no ano de 1999, Daniela iniciou sua trajetória em busca da sua inserção profissional. Ela descreve um pouco essa experiência: “(...) *eu tô procurando emprego desde quando assim, eu acabei o segundo grau, acabei o estágio, é, fiquei seis meses no estágio, né? Aí desde a partir dali tô procurando emprego, né? Pego deixo currículo em loja, em agência, em SINE, né?* Até o momento, a entrevistada não obteve êxito em seu intento, expressando em sua fala, principalmente pelo tom de voz, decepção e tristeza pela situação em que se encontra.

A vida de Daniela está atrelada à história profissional de Rubens, seu marido, na qual estão presentes a perda de emprego e a mudança de cidade. Sobre isso, Daniela relata que, ainda no Rio Grande do Sul, Rubens trabalhava no quartel como militar, permanecendo lá por alguns meses. Depois, foi dispensado, ficando por algum tempo desempregado. Como tinha um amigo em Florianópolis, resolveu vir para esta cidade a fim de conseguir emprego para que, em seguida, Daniela e a filha viessem também. As duas ficaram na casa dos pais da entrevistada. O marido conseguiu emprego em uma empresa de seguros, Daniela organizou sua mudança e veio para Florianópolis com a filha, onde alugaram um apartamento em um bairro continental da cidade, permanecendo aqui por quase um ano. A entrevistada relata que, nesta ocasião, sugeriram vagas de emprego para os dois na sua cidade. Sobre esse momento de mudança, ela conta que: “(...) *Aí, antes de eu vir pra cá com a Patricia, eu, me chamou, o SINE lá me chamou, acho até que era para uma loja que tem lá, de cola, sabe? Que eu fui tanto lá*

nessa loja e deixei currículo e fiz ficha e falei com o gerente e tudo, que daí na semaninha de vir pra cá com a Patricia, aí que me chamaram, né? E aí ele veio, aí depois lá, pintou uma vaga lá pra ele, mas tudo depois da gente vir, hã, da mudança vir, de gastar pra mudança vir porque foi por transportadora, né? Caro, tudo”.

Rubens foi demitido do emprego, em Florianópolis. Daniela comenta que a empresa estava reduzindo o pessoal, *“aí, colocou ele para fora”*. Devido a problemas pessoais, como a entrevistada menciona, sem entrar em detalhes, ela e a filha voltaram para Alegrete. Após algum tempo, Daniela retornou, sozinha, para Florianópolis. Em outro trecho da entrevista, ela comenta que voltou para tentar uma reconciliação com o marido e também para *“arrumar um emprego”*. Sobre isso, ela expõe: *“(...) aí depois como eu te falei, por um problema pessoal, assim, aí nós voltamos pra, aí agora em março eu retornei e tô, to procurando emprego, né? Tô vendo se eu arrumo alguma coisa pra mim, pra vê depois poder trazer ela”*. O marido conseguiu um outro emprego em uma empresa de empréstimo e, até o momento, seu salário é responsável pelo orçamento da casa.

5.5.2 A rotina, a busca pelo emprego e as dificuldades...

A descrição de Daniela sobre o seu dia-a-dia é bastante sucinta e durante toda a entrevista ficou claro que a entrevistada encontra-se bastante sozinha, pois o marido trabalha durante o dia e estuda à noite. As atividades que primeiramente são mencionadas como fazendo parte da sua rotina são os afazeres domésticos, ou seja, cuidar da casa, lavar roupa, fazer comida entre outros. As saídas de casa geralmente são para fazer alguma compra no mercado próximo e, quando possível, para procurar emprego.

A entrevistada também comenta que aproveita o dia para estudar, pois quer fazer novamente a prova de ingresso à escola Técnica, para o curso de telecomunicações, já que não passou na outra vez que prestou exame. Sobre voltar a estudar, Daniela revela, sem grande entusiasmo, que considera importante, pois pode auxiliá-la a encontrar um emprego ou até mesmo um estágio, como menciona: *“(...) vontade de voltar a estudar, até eu não tava, assim, entendeu? Não tava assim, com mais saco assim de estudar, só que tipo assim (...) Não é muita vantagem de fazer um estágio, né? Só que, só que já ia constar como uma experiência, né? E naquele tempo ali eu ia estar ganhando, não muito, mas ia, né? então, por isso”*.

A busca pelo emprego é uma atividade que, de acordo com Daniela, não pode ser realizada diariamente, pois envolve alguns gastos, como, por exemplo, com o transporte, principalmente para quem mora em um bairro distante do centro da cidade. A sua fala expressa um pouco dessa dificuldade enfrentada por ela: *“(...) eu não saio todos os dias, mesmo porque eu dependo de, de, de, de, de dinheiro, de passe assim, pra ônibus, tudo porque não tem como eu sair daqui, né? a pé pra ir lá no centro e voltar, né? Eu tenho que ter a minha ida, eu tenho que ter a minha volta, né? (...) Então, é o que te falo, tudo depende de dinheiro, então, às vezes, assim, eu não saio sempre, né?* Em algumas situações, a entrevistada, sai para procurar emprego em bairros próximos, indo à pé e voltando de ônibus ou o contrário, para, dessa maneira, economizar. A entrevistada também dirige-se ao SINE, a algumas agências de emprego da cidade ou a lojas de diferentes ramos do comércio, além de visitar empresas ou escritórios de contabilidade, distribuindo currículos ou preenchendo fichas. Essa procura por emprego, que já havia sido iniciada há anos, em Alegrete, como ela explica, estalando os dedos e dizendo: *“já faz um tempão que eu estou procurando”*, continua aqui em Florianópolis, apresentando um quadro que denuncia que, apesar de jovem e com média qualificação, o desemprego incide sobre o sujeito, sobre sua história de vida.

O relato de Daniela aponta para as principais dificuldades enfrentadas por ela no que tange a sua inserção no mercado de trabalho, entre elas, a falta de experiência. Assim, o fato de não ter experiência profissional, exceto o estágio, é um fator preponderante na sua situação de desemprego. Além disso, a entrevistada menciona que a localidade onde mora também dificulta a consecução de empregos que, muitas vezes, são oferecidos por empresas instaladas no centro da capital. A sua qualificação, ensino médio em contabilidade, segundo Daniela, em geral não é suficiente, pois os escritórios exigem que seja técnica em contabilidade com registro no CRC (Conselho Regional de Contabilidade), o que acaba gerando mais dificuldades. Outras dificuldades são mencionadas, como a própria localização do SINE, que é distante da área central da cidade para quem se desloca a pé, além da questão do primeiro emprego, como Daniela sugere: *“(...) que eles dessem prioridade pra aquelas pessoas assim, que nunca trabalharam ainda com carteira assinada, assim, né?”.* Ele ainda comenta que deveriam viabilizar mais rapidamente os cursos de qualificação profissional, pois, para a entrevistada, esta espera é desalentadora: *“(...)eu me escrevi pra dois lá e até agora nada, não saiu nenhum sorteio nada.*

5.5.3 Mudanças na vida dos trabalhadores: As implicações do desemprego

Em termos de mudanças na sua vida relacionadas ao desemprego, Daniela rapidamente aponta o sentimento de tensão que começou a vivenciar, principalmente devido à procura por emprego que se torna cada vez mais longa e desgastante, o que é bastante comum em casos de desemprego de longa duração. O trecho seguinte demonstra um pouco do que foi relatado: *É, a gente fica naquela tensão, né? Porque, porque, assim, né? É, é triste, pegar, sair de casa, pra deixar currículo nos lugares, nas agências e não ter nenhum retorno, né? Então, não pode desanimar, né?*. Essa dimensão pode ser considerada como de ordem **emocional/psicológica**, que contempla sentimentos como a ‘tensão’, referida pela entrevistada, que pode ser compreendida com o estresse, a ansiedade e a tristeza de procurar emprego e não ser correspondida em suas tentativas. Ao mesmo tempo em que admite sentir tais sentimentos, demonstrando que a situação que vive é geradora de sofrimento, Daniela expressa que não pode desistir do seu intento, que o desânimo não pode abate-la, parecendo dizer isso para si mesma. O afastamento de sua filha, que agora está vivendo com os avós, é a consequência mais difícil e sofrida para a entrevistada, por estar desempregada e não poder ajuda-la financeiramente ou trazê-la para morar com eles. Essa problemática é complexa e envolve vários aspectos, como o emocional/psicológico, o familiar e o econômico. No que se refere ao emocional/psicológico, a situação agrava ainda mais o sofrimento por estar desempregada, como ela mesma comenta: *“mal, né? Mal, mal. É ruim”*. Ou seja, ela encontra dificuldade de sentir-se satisfeita e feliz como profissional, mulher, mãe e até mesmo filha. Em alguns momentos, sua fala revela o descrédito com relação ao seu desempenho nesses papéis e como profissional. Isso pode ser entendido pelo fato de que, para Daniela, *“(...) estar empregada dá uma moral, né?* A filha está longe, ela não pode ajudá-la como gostaria, nem estar vivendo com ela aqui, neste momento, e, se mudar para lá, podem surgir outras implicações, como a questão financeira, para seus pais e o afastamento do marido, o que poderia deflagrar dificuldades de cunho conjugal. Assim, Daniela parece viver um momento de bastante conflito, pois não pode resolver muita coisa enquanto não atingir uma estabilidade financeira mínima. O trecho seguinte talvez possibilite perceber um pouco da intensidade da vivência de Daniela: *“Pra mim, o que tá pesando é isso, porque sou mãe, o que mais pesa é isso, né? Porque, porque, assim, eu amo a minha filha assim, só que lá, eu não podia tá lá, né? Dependendo dos meus pais, né? Tava pesando isso lá pra eles porque ele aqui não ganha horrores, então, então, o fato de eu vir pra cá, assim,*

não fui uma mãe desnaturada, né? Eu tô pensando nela também, né? Então, é o que tá mais somando pra mim, mais...". Nesse sentido, percebe-se facilmente que esse é o cerne da problemática enfrentada por Daniela: as conseqüências, em termos **familiares**, que a fazem sofrer como mãe, que de alguma forma a ‘acusam’ de não estar sendo uma boa mãe, de talvez estar agindo como “*uma mãe desnaturada*”.

Na esfera **social**, alguns aspectos são apontados durante a entrevista. Um deles, bastante mencionado, refere-se aos comentários que os outros fazem da sua vida ou às perguntas que as pessoas, como por exemplo, os vizinhos, fazem, situação que incomoda profundamente Daniela, uma vez que ela percebe isso como uma invasão na sua vida. Seu relato exemplifica esse incômodo: “*(...) assim, eu estou aqui e a minha filha está lá, então, condomínio, você sabe como é que é? Então, tipo assim, tem uma vizinha aqui minha, que eu falei pra ela que eu ia fazer as provas, aqui tudo, aí ela sempre me perguntava “e aí, passou?” Eu digo ‘não, não passei, mas vou tentar fazer as provas de novo’. Então, tem sempre aquela coisa, assim, entendeu? Um querendo saber da vida do outro, se arrumou emprego, se não arrumou emprego*”. Mais que uma sensação de intromissão na sua privacidade, Daniela expressa que essas perguntas dos outros representam uma espécie de interrogatório em que está sendo julgada, por estar desempregada ou por não estar cuidando da filha. Diante disso, Daniela isola-se do convívio com os outros moradores do condomínio, evitando descer até a parte térrea do prédio, como revela: “*(...) eu já nem desço mais, entendeu? Por esse fato, entendeu? Que é chato, né?* Continuando ainda a entrevista completa “*(...) porque eu não tô legal, né? Que a minha filha tá lá, né? Que não tô empregada, que não tô trabalhando, né? aí, desce? Pra quê desce? Pra ficarem indagando da minha vida, assim, perguntando assim*”.

A vida social de Daniela está limitada às saídas com o marido, que não são muito freqüentes, com exceções de alguns passeios feitos com a moto, que utiliza no seu trabalho. O convívio social com outras pessoas, como amigos, é praticamente inexistente, como ela conta: “*(...) porque não tô trabalhando, né? E nem estudando, então, não tenho colegas, mas saí, saio com ele, né? E assim, são poucas vezes, né? Eu acho que, que, que vida social que, que eu mais tive assim, quando tá minha filha presente, né?* Dessa maneira, percebe-se que a vida de Daniela está orientada para a ‘evitação’ da problemática do desemprego, de situações em que este assunto venha à tona e em que precise se deparar com o sentimento de ‘tensão’ mencionado por ela. Em virtude disto, o isolamento social é uma postura comum.

Todas essas facetas relativas às conseqüências provenientes da situação de desemprego, repercutem nas várias dimensões já mencionadas. O fator **econômico** é o mais visível e o maior complicador, pois interfere em todas as outras esferas da vida de Daniela, como não poder ajudar nas despesas da casa, o que também pode estar interferindo na sua relação conjugal. Além disso, impede que envie algum dinheiro para seus pais, auxiliando, assim, nos gastos com sua filha. Sobre isso, ela comenta: *“olha, (pausa) o que mais tá pesando assim, nesse fato aí, de eu estar desempregada, é o fato assim, de eu não poder está ajudando ele, né? E de não poder, estar, mandando dinheiro lá pra minha filha, né?”.* Muitos outros elementos estão envolvidos e dificultam ou impedem que Daniela implemente estratégias de inserção profissional, como, por exemplo, sair para percorrer os locais de oferta de emprego ou pagar algumas taxas de provas, concursos ou vestibular, opções apontadas por ela durante a entrevista.

Assim, as implicações do desemprego atingem a sua vida em todos os âmbitos. Na história contada por Daniela, isso aparece claramente, configurando uma rede com muitos entrecruzamentos, que não podem ser separados tão facilmente. As dificuldades comentadas pela entrevistada estão articuladas de tal modo que parecem dificultar qualquer movimento de reação ou de mudança. Sobre essa sensação de ‘limitação’ que Daniela parece estar vivendo, de se encontrar ‘presa’ nessa grande rede, seu relato pode ser esclarecedor: *“(...) então, tô desempregada, não aparece emprego, então, cada vez vai adiando mais as coisas, aí, ela tem que ficar lá, aí todo processo vai sendo adiado, né? Fica tudo mais difícil, mais demorado, né? Se fosse assim tão fácil, assim, já sai e já arrumar emprego, seria bom, então, o que mais tá pesando é isso. Nós estamos aqui, ela tá lá, né? É isso”.*

5.5.4 Superando as dificuldades...

Considerando as dificuldades apresentadas por Daniela em decorrência da sua vivência do desemprego, as possibilidades de enfrentamento mostram-se bastante restritas. Em termos de tentativas de recolocação profissional, como sair para procurar emprego em lojas ou agências, algumas alternativas são implementadas, mesmo que não com a eficiência esperada por Daniela. Seu relato revela, visivelmente, seu desejo de conseguir um emprego e a tão desejada estabilidade financeira, constituindo ambas as principais metas a serem atingidas. Desse modo, as dificuldades de cunho financeiro são enfrentadas com a busca por empregos ou por outras atividades remuneradas, como “bicos” e estágios. Alcançado esse objetivo, as outras problemáticas de cunho familiar,

emocional/psicológico, como ajudar o marido e trazer a filha para Florianópolis, estarão, a princípio, resolvidas.

Outra possibilidade vislumbrada por Daniela, em termos profissionais, refere-se à realização da prova do CRC, sugestão do marido, pois assim, estaria mais habilitada a disputar uma vaga de emprego. Também são consideradas as possibilidades de fazer o curso na escola técnica, algum concurso público ou então um curso universitário, como o de administração, pelo qual demonstra interesse. Aparentemente, muitos planos existem, ainda que marcados por uma certa confusão de interesses, desejos ou possibilidades reais de efetivação. As seguintes falas indicam um pouco disso: “(...) *para quem tá desempregado, né? Aparece um concurso, né? É bom fazer, né? Ainda mais, assim, em cidade grande, tá difícil, tá concorrido, exigem experiência, exigem mais um ano de carteira assinada, né? Então, pra eu que gosta de estudar, né? O bom é fazer concurso, né? Só que aí eu tô desempregada, aí...*”. Assim, percebe-se Daniela um pouco ‘perdida’, sem saber qual direção tomar na sua vida.

Outras dificuldades apresentadas pela entrevistada, como, por exemplo, o isolamento social que está vivenciando, parecem estar se agravando, e, dessa forma, mesmo atividades que não exigiriam um gasto financeiro, ela tende a evitar. No entanto, ao tentar evitar situações “chatas”, conforme ela menciona, de descer ao pátio do prédio onde mora e ter que responder um questionário quando encontrar os vizinhos, a tendência é de que o enfrentamento, para tentar superar essa dificuldade, não aconteça, mas seja evitado. Assim, em casa, sozinha, Daniela afasta-se de uma rede social que poderia, em algum momento, apóia-la.

5.5.5 Síntese

A entrevista de Daniela foi bastante importante em diversos aspectos, até naqueles que não foram registrados em gravação, mas percebidos desde o início do encontro. Ao dirigir-se à casa da entrevistada, onde havia marcado para fazer a entrevista, a pesquisadora teve dificuldades para encontrá-la. Por alguma confusão no número do apartamento, não a localizou com as informações de que dispunha. É interessante mencionar que o porteiro não a conhecia, não sabia quem era essa moradora, apesar de lhe serem repassados alguns dados de identificação e a sua descrição física. Após a entrevista, ficou esclarecido esse acontecimento e também explicada essa ‘invisibilidade’ de Daniela, até no local onde mora. Isso pode indicar que

não apenas sua identidade profissional está sendo abalada por estar desempregada, mas até a dimensão física de sua existência, pode-se dizer.

Seu relato também aponta para um aspecto da problemática do desemprego que não foi exposto diretamente, mas que pode ser inferido, ou seja, o de que a perda do emprego e suas consequências já acompanhavam o casal antes de sua vinda para Florianópolis. Com o desemprego do marido e de Daniela, em Alegrete, os dois se afastaram e ele mudou-se para outro Estado com a perspectiva de conseguir se restabelecer e trazer a família para morar com ele. O que Daniela não esclarece muito, mas menciona, é que sua vinda para Florianópolis busca, primeiramente, uma reconciliação entre o casal e evitar o fim do casamento, e depois, “*arrumar emprego*”. Pode-se pensar até que ponto a situação do desemprego e suas muitas implicações não propiciaram o surgimento da ‘tensão’ e a cobrança entre o casal? Principalmente, quando fica nítida a preocupação de Daniela em ajudá-lo financeiramente, sendo essa uma das circunstâncias que, segundo ela, “*tá pesando*”.

Outro aspecto que não pode deixar de ser salientado remete a seu papel de mãe. Com a impossibilidade de manter a família toda aqui em Florianópolis, a situação de estar sem a filha suscita na entrevistada um forte questionamento sobre seu papel de mãe. Por um lado, é vivido o sentimento de tristeza pela ausência da filha e, por outro, de que, perto dela, a filha não seria atendida como Daniela deseja. Esta é uma situação difícil e foi percebida quando a entrevistadora entrou em seu apartamento, e, logo nos primeiros momentos, Daniela mostra o álbum de fotos de sua filha, percebendo-se que outras estão espalhadas pela casa. Enquanto o emprego não aparece e o aspecto financeiro não é solucionado, essa e outras situações são, conforme ela própria comenta, ‘adiadas’, interrompidas e dolorosa e silenciosamente sentidas.

5.6 Entrevistado 6

5.6.1 História de vida e história profissional...

Gabriela tem 19 anos, nasceu em Florianópolis e até então, vive com a família no bairro da Costeira. Ela completou o segundo grau no final do ano passado e a partir desde momento começou a procurar o primeiro emprego, com bastante dificuldade como ela mesma menciona. Um pouco tímida, a entrevistada conta sobre a sua família e revela como está complicado enfrentar esse período em que se encontra desempregada. Gabriela é irmã gêmea de Tatiana, vivendo esta a mesma situação, ou seja, morando com os pais e procurando emprego. Ela também tem outro irmão, Roberto, que é casado

e vive em uma casa ao lado do pai, que a comprou para ele. Roberto está desempregado e sua esposa também, de maneira que as dificuldades aumentam ainda mais, pois nos últimos tempos, segundo relata Gabriela, é seu pai que auxilia financeiramente o casal. A filha de Roberto vive na casa de Gabriela, aumentando as despesas da casa. O pai da entrevistada trabalha na área administrativa de um banco do Estado de Santa Catarina e sua mãe é dona de casa.

A vivência de Gabriela é diferenciada, uma vez que ela está procurando pelo primeiro emprego, ou seja, não teve experiência profissional anterior. Essa situação é nova, cheia de expectativas e também, decepcionante. Isso porque em sua fala é perceptível que Gabriela, assim como sua irmã, dedicaram-se ao estudo, com alguns esforços de sua família, para, em seguida, conseguir um ‘bom emprego’, mas essa expectativa foi fortemente frustrada. A entrevistada comenta, com certo orgulho, que já conclui os estudos e que está sempre buscando se qualificar. Explica que já fez um curso de inglês e que está finalizando um curso básico de computação, no centro comunitário da sua região, pois para ela é importante ter um certificado como esse em seu currículo. Sua fala expressa um pouco dessa crença: *“(...) aí eu to fazendo aqui, só pra pegar um certificado, ah! Paguei R\$30,00 só pra um certificado, tudo que eu aprendi lá, eu já sei a maioria, então, só tô aqui mesmo pra ter um certificado na mão pra incluir no currículo pra ver se dá uma melhorada”*. A história profissional de Gabriela é um ‘vir a ser’ e está sendo trilhada aos poucos, pelos longos anos de estudo e cursos, como ela revela em sua fala. Os planos e expectativas profissionais, a espera por um emprego, por sua primeira experiência, são frustrados, cedendo lugar à desesperança e revolta, como expressa seu desabafo: *“(...) ter estudado tanto na vida, ter se matado de estudar, pra nada, entendeu? Pra quando chegar, sair do colégio não ter nem um, eles não te dão nem uma chance”*.

5.6.2 A rotina, a busca pelo emprego e as dificuldades...

No cotidiano de Gabriela, é freqüente ficar em casa e ajudar a mãe. Sobre isso ela comenta que, em alguns dias, ela se organiza para ir ao centro, geralmente para fazer mais de uma atividade, pois tem de aproveitar o dinheiro da passagem. Então, para sair e procurar emprego, isso deve ser levado em consideração. Atualmente, a entrevistada faz um curso de computação, à noite, em seu bairro, sendo esta a única atividade adicional que está sendo realizada. Em outro momento da entrevista, Gabriela comenta que seu *“dia-a-dia fica muito chato”*, restrito a sua casa e aos arredores, pois a questão

financeira é fortemente impeditiva na realização de outras atividades. Seu comentário sobre isso resume o que foi dito: *“Ah! Eu acordo e fico em casa, né? Quando, tipo assim, programo o dia que vou sair no centro, procuro alguma coisa, vou lá no SINE, mas quando não tem como, tem que economizar passagem, vou lá no centro fazer o quê? Tem que ter um objetivo, fico em casa, fico ajudando minha mãe na casa, essas coisas”*.

No entanto, a vida de Gabriela expressa um pouco desse ‘período de transição’ porque, desde o começo de seu relato, ela demonstra sua vontade de voltar a estudar, possibilidade está que será viável pelos esforços de seu pai de arcar com os custos de um curso pré-vestibular de seis meses para ela e sua irmã. Tais alternativas vislumbram um conjunto de perspectivas para a entrevistada, como a intenção de estudar Direito, Medicina Veterinária ou outro curso, como segunda opção. Nesse sentido, até o momento de iniciar os estudos, Gabriela ficará mais em casa, como ela comenta: *“(...) eu fico em casa ajudando meus pais, minha mãe e até começar os estudos, mas, agora, como não tem nada pra fazer, tem que ficar em casa”*.

A busca pelo emprego é relativamente constante, apesar das restrições de ida ao centro da cidade. As tentativas de inserção profissional, implementadas por Gabriela, são, conforme ela afirma, aquelas realizadas por todo mundo que procura emprego, como, por exemplo, distribuir currículo em diferentes lugares. E neste momento surge uma grande diversidade, desde lojas, casas de bingo ou agências de estágios, pois a prioridade é conseguir um emprego. O contato com outras pessoas, como amigas, é uma estratégia utilizada por Gabriela para enfrentar a situação de desemprego, objetivando encontrar um emprego. Essa atitude de conversar com as pessoas *“para ver se tem alguma coisa”*, confirma a sua crença de que seria mais fácil conseguir emprego tendo alguém que a indicasse, o chamado QI, isto é, ‘quem indica’, conforme esclarece Gabriela. Assim, a situação está muito difícil, principalmente por esse período de espera.

A entrevistada também menciona o SINE como alternativa na procura por emprego, mas demonstra, em alguns momentos da entrevista, sentimentos de ambigüidade com relação a essa instituição. Por um lado, o SINE é procurado pelo menos uma vez por semana, por outro, essa procura é marcada pela falta de esperança e descrédito sobre o serviço, expressando o quão confuso pode ser esse processo de busca por emprego. Está presente, em sua fala, a insegurança quanto ao trabalho realizado pelos sistemas responsáveis pela (re) colocação profissional. Contudo, percebendo-se

sem outras alternativas, Gabriela mantém a sua ida ao SINE. O trecho seguinte talvez exemplifique um pouco isso: *“Eu vou umas duas vezes por semana, duas vezes por semana ou uma quando dá, né? Eu vou quando eu posso, quando eu tenho alguma coisa pra fazer no centro, porque eu não vou só no centro pra ir no SINE, eu tenho que fazer uma coisa antes, porque não adianta eu gastar passagem para ir lá no SINE, para chegar lá e eles dizerem ‘hoje não dá, tenta outro dia ou amanhã’. Não dá para confiar, então, eu só vou lá quando tem uma coisa pra fazer no centro. (...) Eu não tenho expectativas, pra mim aquilo lá é uma enganação, assim, eu vou por desencargo de consciência assim, ‘vai ver aparece alguma coisa?’”*. Por sua vez, procurar empregos em jornais é uma alternativa totalmente rejeitada pela entrevistada, pois, segundo ela, as vagas anunciadas são para empregada doméstica ou existe a questão da experiência profissional ou da distância do trabalho, enfim, *“(...) eu não estudei tanto para ser uma doméstica e ou exige experiência ou é muito longe (...) só vai gastar teus olhos ali”*.

No que se refere às dificuldades encontradas por Gabriela nesse período de procura por emprego, duas delas são centrais em sua fala: a falta de experiência e o não-retorno da empresa ou empregador, que se apresentam mais claramente através da ‘falta de oportunidade’. Com relação à falta de experiência profissional, a entrevistada admite que esse é um ponto importante e que é difícil conseguir um emprego sem experiência anterior, pois a concorrência é cada vez mais acirrada, e esse é um aspecto presente em seu discurso, de maneira que a exigência tende a ser maior. De acordo com sua posição, as empresas não contratam pessoas sem experiência, não oferecendo a dita ‘oportunidade’. O trecho seguinte é bastante elucidativo no que diz respeito a esta problemática: *“O que está dificultando é a falta de experiência entendeu? Eles não querem saber, eles querem que você seja experiente, eles não querem dar a primeira chance. Eu não sei por medo de não conseguir alcançar a meta deles ou sei lá, por falta mesmo de emprego ou assim, sei lá, é a chance que eles não dão para as primeiras pessoas e eu não sei como explicar, acho que é muita vaga pra pouca pessoa, é quer dizer, é muitas pessoas pra pouca vaga”*. Isso ficou mais claro quando Gabriela comentou que, mesmo procurando emprego em diversos locais, ela não recebeu retorno, encontrando uma explicação para isso: *“Só que é difícil porque eles não chamam assim, entendeu? Porque eles pegam um currículo de mais um, rasgam, outros eles deixam ali, não chamam, eles pegam mais gente conhecida, aí...”*.

Nesse sentido, o tema da ‘falta de oportunidade’ aparece em sua fala, de maneira interessante, pois a falta de experiência e a falta de oportunidade estão associadas, uma servindo de explicação para outra no que se refere ao fato de estar desempregado. Por um lado, não se tem a tão desejada experiência profissional porque não se tem oportunidade de emprego e, se esta não for possível, será difícil também adquirir experiência. Isso, de certa maneira, acaba limitando a visão e compreensão da problemática do desemprego, dificultando que outras alternativas e entendimentos possam ser vislumbrados. Aparentemente, Gabriela está ‘presa’ ao discurso segundo o qual ‘eles não te dão uma chance’. A fala da entrevistada expõe seu ponto de vista, além de remeter a outras questões: *“E isso que é, que tá dificultando as pessoas a trabalharem (a falta de experiência) e o estudo também, não por minha parte que eu já completei, mas tem muitas pessoas que não tem estudo suficiente e não conseguem por causa disso. O meu mesmo é a falta de oportunidade”*.

Ainda com relação a isso, a dificuldade de encontrar emprego também é atribuída à falta de estudos, situação esta que não é compartilhada pela entrevistada, pois já concluiu os seus. No seu caso, o cerne da questão é a oportunidade, o que faz pensar o estudo com importância relativa na obtenção de um emprego, pois, em última instância, depende de uma chance, de uma ocasião. Assim, não obstante Gabriela ter concluído seus estudos, isso não lhe garante a inserção no mercado de trabalho, o que desperta nela surpresa e decepção: *“É, eu pensei que fazendo cursos e estudo, ia ficar um pouquinho mais fácil arranjar um emprego, mas olha, me enganei totalmente”*.

5.6.3 Mudanças na vida dos trabalhadores: As implicações do desemprego

Dentre as mudanças apontadas por Gabriela como decorrentes do desemprego, a de cunho **econômico** é a mais perceptível em sua fala. No entanto, cabe salientar que esta está imbricada com muitas outras dimensões da vida da entrevistada. Sobre esse aspecto, alguns pontos importantes são percebidos em sua fala, como o fato de tentar economizar o máximo, de se sustentar e também de poder estar ajudando financeiramente sua família. Desde o princípio da entrevista, a preocupação com os gastos da casa é mencionada com intensidade, com um tom de voz carregado de emoção, principalmente pelo fato de seu pai ser o único responsável pelo sustento da família. Ou seja, *“são quatro lá dentro de casa, só o pai trabalha, então, tem que tá, estar tentando economizar e fazer o máximo para mais tarde ter, pras compras”*. (...) *E, então, eu fico assim, (?) vou economizar o máximo possível, que é o pai que está*

pagando, fica uma situação assim, sem graça, médico, escola, tu ele tem que pagar entendeu? Por isso que eu queria arrumar um emprego, ter meu próprio sustento entendeu? Queria ajudar na casa, mas enquanto eu não tiver oportunidade, meu pai vai ter que pagar". Isso, inevitavelmente, abala psicológica e emocionalmente a entrevistada, fato que será explorado posteriormente, com mais detalhes, pois repercute na sua auto-estima, em sua capacidade de acreditar em si mesma.

Ainda sobre o assunto, Gabriela menciona que muitas são as mudanças, porque, devido ao fato de que não estar trabalhando e contribuindo com o orçamento da casa, sua autonomia e independência, com relação aos pais, são limitadas, pois a *"(...) pessoa não pode sair, tem que pedir para os pais, pra poder sair, daí a gente fica numa situação ' não, não vou pedir, pô, não vou pedir dinheiro pra não gastar dinheiro à toa para sair, pra ir num lugar com os meus amigos', não dá, então a maioria eu fico em casa, porque não tem para onde ir, fica uma situação constrangedora porque pra comprar as minhas roupas, tenho que pedir, tem que comprar remédio, te que pedir, tem que comprar remédio, tem que pedir. Tipo, pra marcar um consulta, tem que pedir, fica difícil, daí às vezes tu até esconde algumas coisas " não, deixa assim, quem sabe saia sozinho', deixa a tosse, não toma nada não, porque passa, pra não pedir, entendeu? Pra... pra eles.* Nesse sentido, percebe-se que as repercussões de ordem econômica vão invadindo, aos poucos as outras esferas da existência do sujeito, como a social, familiar e sua dimensão emocional/psicológica.

A **família**, como se pode perceber, é uma esfera bastante atingida pelas implicações ocasionadas pelo desemprego. Neste caso, especificamente, percebemos que Gabriela faz parte de um contexto em que outras pessoas também estão desempregadas: sua irmã, seu irmão e sua cunhada. O discurso de Gabriela revela que o pai está sobrecarregado com esta função de manter a família, expressando, em alguns momentos, sentimentos de pena em relação ao pai e de culpa por não estar colaborando financeiramente. Assim, a expressão *"economizar o máximo"* é freqüente em sua entrevista ou ainda outras, como não levar o pai à *"bancarrota"*, isto é, à falência. A entrevistada também comenta a necessidade de *"estudar bastante pro meu pai ver que o dinheiro dele está valendo a pena, entendeu?"* Atitude esta, diferente da tomada pelo seu irmão. Percebe-se, em momentos de sua fala, que Gabriela quer fazer muito, quer ajudar em casa ou estudar para não decepcionar. Nesse sentido, ficar em casa ajudando os pais, não pedir dinheiro ou evitar sair são alternativas utilizadas para manter a convivência familiar mais tranquila, ou seja, *"(...) fazer as coisas pra minha mãe, pra*

ela não ficar brigando”. Para Gabriela ‘briga é normal em qualquer família’, mas o que a incomoda é o fato de sua irmã ou mãe, gastarem sem necessidade. Seu modo de falar expressa o sentimento de raiva em relação a isso: *“pô, dá licença, eu tô economizando tempo, para elas ficarem desperdiçando com coisas inúteis?”*.

.Em termos **sociais**, a fala acima revela como, aos poucos, a pessoa limitada pela questão financeira afasta-se de alguns programas com os amigos, pois envolvem dinheiro, fazendo com que a sua vida fique restrita à casa e à família. Gabriela, em algumas situações, omite o fato de não sair por falta de dinheiro, não compartilhando a sua situação com os colegas. Ela comenta: *“(…) com os amigos por perto, convidam pra ir algum lugar eu digo que não posso, né? Tu vai lá com eles, eles vão jantar, comer alguma coisa e tu não (pausa) não, aí não, tu diz ‘ ah! Agora não posso, agora não tenho tempo”*. Já quando se sente mais à vontade e íntima dos amigos, ela acaba comentando mais sobre sua vida e revelando: *“pô, eu não tenho dinheiro”*. Mas lembra que, para outras pessoas, prefere comentar educadamente que *“não tenho tempo, que é básico”*. Aparentemente, atividades de lazer tornam-se bastante raras, até quando não envolvem dinheiro.

Ao se investigar se Gabriela percebe alguma mudança no tratamento dos outros com relação ao fato de estar desempregada, ela comenta que nada mudou. Para a entrevistada, o tratamento continua “normal”, porque as pessoas que ela conhece *“nunca falaram nada, não, nem tocam no assunto, entendeu?”*. De modo que, contraditoriamente, mesmo afirmado como ‘normal’, o assunto desemprego é, de certa maneira, evitado pelos outros. Talvez, tocar nesse assunto provoque ansiedade, sendo preferencialmente, tratado como um tema proibido? A entrevistada também comenta que algumas pessoas perguntam se ela já conseguiu emprego e a incentivam, dizendo-lhe que irá conseguir um emprego bom, ou seja, “dando uma força” segundo ela. Mais adiante, Gabriela revela que acredita que os outros provavelmente comentam, imaginando determinados comentários, como: *“estão sempre pedindo dinheiro pro pai, não sai assim por contas própria, essas coisas, pois isso é comum”*.

O aspecto **emocional/ psicológico**, como já foi mencionado anteriormente, é abalado, provocando sentimentos, muitas vezes, ambíguos. Para Gabriela, a situação de desemprego e a busca frustrada por um emprego geram sentimentos de inutilidade e desânimo, uma espécie de não-reconhecimento pelo que fez até então, visto que encontrou as mesmas dificuldades que alguém que não estudou. Seu relato exemplifica isso: *“Ah! A pessoa, todo desempregado, né? Que não consegue um emprego se sente*

um inútil, né?(...) Às vezes a gente pensa que não vale a pena, tu estudar tanto pra, pra ta aí, até pessoas formadas, como teve aí, concurso para porteiro, teve testes, é horrível. Tu se sente uma inútil". Outro aspecto interessante que ela relatou pode ser considerado como um certo desconforto com relação a outras pessoas que estão empregadas, pois estão sempre sinalizando que ela não está trabalhando, ou seja, que ela não está 'ali', "*trabalhando, crescendo, entendeu?*". Isso abala sobremaneira a auto-estima, a confiança em si e no futuro, nas suas expectativas profissionais: "*E você fez curso, estudou até, completou o segundo grau, não consigo nada, entendeu? É uma sensação muito ruim, é horrível, mas sentir um tipo assim, não é nem inveja, entendeu? Pô, vai ficando desinteressado, é horrível (pausa) tudo*". A vivência de Gabriela é permeada pelo sofrimento, por ainda estar dependendo dos pais, por ter que adiar alguns planos e ter sua esperança estremecida.

5.6.4 Superando as dificuldades...

Em termos de superação das dificuldades, dentre as estratégias apontadas por Gabriela, poucas são efetivamente implementadas. Algumas delas continuam sendo utilizadas, na tentativa de sua inserção profissional, como a procura por emprego nos locais mencionados pela entrevistada, por exemplo, o SINE, assim como em outras agências de emprego e estágios.

De modo geral, Gabriela busca manter-se bastante ocupada, realizando muitas atividades, na tentativa de 'esquecer' as dificuldades, entre elas: "*(...) trabalhar em casa ou estudar para recompensar esse tempo em que não to trabalhando*". Ao mesmo tempo em que isso pode representar algo positivo, pois Gabriela poderá sentir-se mais ativa, mais animada e capaz de realizar alguns projetos, também pode estar servindo para ocultar uma vivência de dor e tristeza que não é autorizada a ser sentida e lamentada. Até que ponto tanta movimentação de sua parte não expressa toda a pressão e responsabilidade que estão recaindo sobre si? Um trecho do seu relato pode auxiliar a pensar sobre isso: "*A gente sempre arranja alguma coisa pra fazer, a gente nunca fica parado, é isso, a vida, a gente arrumar alguma coisa pra fazer ou como pode, não tem muito que fazer, cuidar da casa (...)*". Ou seja, manter-se sempre ocupada, fazendo as coisas corretamente, ajudando nos afazeres domésticos e estudando para fazer valer o investimento do pai nela, deixam-na sem muito tempo para pensar e refletir sobre o que está vivenciando e de que maneira.

É interessante apontar que os planos de continuar os estudos, bem como o desejo de fazer faculdade, poderão contribuir para a superação de algumas dificuldades de Gabriela. Percebe-se que, mesmo desanimada, com o sentimento de se sentir inútil, a entrevistada continua planejando seu futuro, desejando mais para si em termos profissionais e pessoais. Dessa forma, possibilidades são vislumbradas por ela, metas são estabelecidas e muito disto é devido ao seu contexto, no caso o apoio dos pais.

5.6.5 Síntese

A entrevista de Gabriela desperta muitas questões e reflexões, sendo uma delas o desemprego entre jovens, atualmente bastante comum. O que faz pensar de que maneira essa problemática incide sobre o jovem, que, como no caso da entrevistada, ainda não iniciou sua vida profissional e está disputando pelo primeiro emprego. O desânimo e tristeza são freqüentes, a própria fala de Gabriela confirma que a vivência é permeada por sentimentos ambíguos, como inutilidade e questionamento sobre suas escolhas, ou seja, até que ponto é válido estudar se não consegue empregar-se? Ao mesmo tempo, ela procura continuar os estudos e profissionalizar-se, expressando suas expectativas futuras. Também é interessante mencionar que a entrevistada conta com uma rede social de apoio, ou seja, a sua família, fato fundamental para o surgimento de sentimentos e atitudes de enfrentamento. Sobre a família, não se pode deixar de lembrar que Gabriela não é a única que está desempregada, o que configura um quadro mais desalentador para a jovem e para os demais membros de sua família, talvez, despertando dores de velhas questões.

5.7 Entrevistado 7

5.7.1 História de vida e história profissional...

O entrevistado Alberto é natural de Ijuí, Rio Grande do Sul, tem 23 anos e ensino médio completo. Durante a entrevista, comenta bastante sobre sua vida, especialmente a sua relação conturbada com a ex-esposa. O pai, assim como toda a sua família, é proveniente do Rio Grande do Sul, e a mãe do Paraná, local onde se conheceram. Após se casarem, moraram por um tempo no estado do pai, mas devido ao clima frio, decidiram mudar-se para o Paraná. Alberto conta que os pais se separaram e o pai constitui uma nova família, enquanto a mãe não. Ele não fala sobre os irmãos, ao todo cinco, três do relacionamento deles de casados e dois por parte de pai. Alberto comenta que, à medida que foi crescendo, foi para escola “*tudo certinho, tirando bastante nota*

boa”, no entanto, a conclusão do ensino médio foi marcada por interrupções, concluindo-os em Florianópolis.

Seu primeiro emprego, com carteira assinada, foi em um mercado, quando cursava o terceiro ano do ensino médio. Segundo ele, conciliar os dois tornou-se difícil: *“Aí, entre o estudo e o trabalho, tava muito pesado, o trabalho estava pesando demais, aí larguei dos estudos, mas isso terminando o ano já”*. Em uma segunda tentativa, Alberto retornou aos estudos e neste mesmo período conheceu sua futura esposa, o que, segundo ele, dificultou mais uma vez o término dos estudos, pois: *“(...) não dava para conciliar a escola, o serviço e visitar a minha esposa (...) aí desisti”*. A partir desse momento, o relato de Alberto dirige-se mais para o seu relacionamento com a sua futura esposa, fortemente marcado por brigas, desentendimentos, rompimentos e por uma gravidez escondida. Sobre isso ele comenta que sofreu demais e que ainda sofre, pois vive longe de sua filha de três anos, aproximadamente. Ele estava desempregado, o que tornava a situação mais angustiante. Nessa época, um tio o convidou para trabalhar em São Paulo, em uma empresa, e ele resolveu aceitar, como conta *“E aí, meu tio em São Paulo: ‘você não quer trabalhar aqui comigo? ‘Eu tava desempregado, ainda com uma criança pra criar, aí eu vou’*”. Alberto comenta que estava muito bem neste novo emprego, mas acabou retornando ao Paraná por causa de ‘sua esposa’. Depois de algum tempo, conseguiu um novo emprego em um mercado, onde ganhava muito pouco e tentou organizar sua vida com a noiva, mas segundo ele, era impossível depois de tantas “brigas e confusões”. Alberto, então, pediu as contas no seu emprego e decidiu vir para Florianópolis, em agosto de 2000, pois sua tia, que mora aqui, *“(...) disse que aqui emprego é bom, disse que aqui eu ia ganhar mais”*, o que o entrevistado confirma, pois terminou seus estudos e trabalhou como segurança em um Shopping, também com carteira assinada, ganhando mais do que no Paraná. O entrevistado conta que durante esses dois anos, aproximadamente, em Florianópolis, viajou para Londrina com a intenção de ficar mais com sua filha, mas não foi possível a reconciliação.

Alberto retornou a Florianópolis, começou a trabalhar em um mercado, com perspectivas de iniciar um negócio com o patrão e com a possibilidade de fazer um curso de eletrotécnica. No início de 2002, Alberto decidiu voltar para Londrina e reconstruir sua relação com sua noiva. Sua fala exemplifica um pouco desse momento que estava vivendo: *“Aí, eu falei para ela que eu não podia ir, mas daí ela insistiu e disse que dinheiro não era importância, aí ta bom, pedi as contas, todo mundo revoltado comigo dentro de casa, de novo porque ela é dona de uma escolinha, então,*

ela tem dinheiro, daí minha mãe falou ‘você vai estragar a sua vida’, eu falei não, a família inteira, minha filha tá em jogo, não posso deixar minha filha crescer sem pai’. A tentativa de reconciliação foi iniciada, casaram-se em junho de 2002 e Alberto começou a trabalhar em um açougue, por intermédio de uma cunhada. No entanto, o conflito entre o casal crescia, fazendo com que em outubro do mesmo ano eles se separassem. Alberto pediu as contas e, mesmo seu patrão insistindo para que ficasse, dizendo-lhe que em breve receberia aumento, decidido, retornou para Florianópolis, em maio de 2003, voltando a morar com sua tia, que tem uma pousada no norte da ilha. Sobre isso ele comenta: *“Eu tava trabalhando, tava, só que a minha tia falou ‘você vai viver de açougue até quando? A sua filha tá crescendo, você vai querer ajudar a sua filha, aí você vem pra cá’”.* Durante um período de três meses Alberto ficou desempregado.

A trajetória profissional de Alberto é notadamente marcada por períodos de emprego e desemprego e por uma diversidade de serviços em que a instabilidade e incertezas estão presentes, assim como na sua vida pessoal. Empregos em supermercados, açougue e como segurança delineiam a sua história profissional, determinada por várias mudanças de cidades e, ao que tudo indica ainda sem uma definição.

5.7.2 A rotina, a busca pelo emprego e as dificuldades...

Sobre o seu dia-a-dia, o entrevistado explica que, atualmente, acorda cedo, auxiliando a sua tia na limpeza da pousada. Nos dias em que vem ao centro da cidade, geralmente com o carro da tia, vem ao SINE, no entanto, nos últimos dias, ficou na pousada, pois sua tia viajou. Geralmente, compra o jornal para verificar se tem algum anúncio de emprego e algumas vezes, escuta o rádio, caso algo lhe interesse, telefona e vai até o local. Ele comenta que gosta de ler livros e que anteriormente, desenvolvia outras atividades na praia, com alguns colegas, como jogar bola, mas, atualmente, perdeu o contato com eles e está mais difícil de fazer outras coisas. Ele também conta que está sem bicicleta e sem o seu carro, que ficou em protesto, no Paraná. Assim ele diz: *“Eu tô meio isolado naquele mundo lá”.*

Procurar emprego no SINE, jornal, rádio e em empresas de emprego, preenchendo fichas e entregando currículo, é uma atividade fundamental para Alberto. É importante salientar que esta vivendo com sua tia na pousada, o que lhe permite realizar algumas atividades: ajudar na limpeza, cuidar da pousada na ausência do

responsável, entre outras. Sobre esta questão, ele diz que não se trata de um ‘bico’, mas de uma ajuda, já que mora lá, não recebendo uma remuneração pelo que faz. Ele comenta: “(...) *é o seguinte, ela quer me pagar alguma coisa, só que é aquele negócio que eu falei pra você, é minha própria família, eu tô cuidando, eu tô morando lá pra ela, ela me deu um quarto pra mim morar grande, eu acho que não tenho que cobrar nada, é minha família*”. Ele acrescenta que sua tia, de certa maneira, o paga, emprestando-lhe o carro, comprando sapatos ou algo de que precise, e que ele acaba aceitando. Antes, seu pai o ajudava financeiramente, mas atualmente não.

A dificuldade salientada pelo entrevistado no decorrer do seu relato refere-se ao fato de ele ser de outro Estado. Segundo Alberto, quando faz alguma entrevista de emprego, quase sempre perguntam porque ele veio para cá e voltou para Londrina, deixando o seu emprego, o que, de acordo com entrevistado, demonstra receio, por parte do empregador, em contratá-lo. Ele expressa bem o que quer dizer com esse ‘medo’: “(...) *a pessoa já fica meio inibida, fica meio inibida, fica, eu fico meio suspeito “vá lá que esse cara dá a louca e pede as contas?” Entendeu? Eu acho que fica meio(...)*”. Esse seria um fator que dificulta a busca pelo emprego, pois, muitas vezes, as empresas dizem que vão entrar em contato, mas isso não ocorre. Esse não-retorno, para Alberto, seria explicado pelo fato de ter deixado o emprego aqui e voltado para sua cidade.

5.7.3 Mudanças na vida dos trabalhadores: As implicações do desemprego

Alberto é bastante sucinto ao falar sobre as mudanças na sua vida pelo fato de estar desempregado. Para ele, a questão prioritária é a **econômica**, pois estar desempregado torna-o alguém ‘sem crédito’ e isto está relacionado com o fato de não poder consumir, pois a sociedade atual, “(...) *o mundo tá envolvido no dinheiro*” e, dessa maneira, o desemprego impõe ao sujeito essa forma de privação, ou melhor, essa exclusão. O entrevistado ilustra um pouco o que diz: “*A dificuldade de você estar desempregado é o seguinte: você não tem crédito, você não tendo crédito, como é que você vai consumir? Então, essa é a dificuldade*”. E essa primeira repercussão, pode-se dizer assim, entrelaça-se a muitas outras dimensões, pois, para Alberto, sem emprego e, provavelmente, sem dinheiro, “*você não é nada*”. Ou seja, você não existe ou não tem nenhum valor em uma economia capitalista, repercussão que pode assumir dimensões maiores e mais diversificadas. Em relação a isso, dois aspectos são mencionados por Alberto: um deles é a perda do carro, que foi a protesto, e outro é a conta bancária, que não pode ser mantida como antes.

Na sua fala, Alberto expõe, de maneira bastante clara, a relação entre a esfera econômica e a dimensão **emocional/psicológica** do sujeito desempregado. Para o entrevistado, estar desempregado “*abala o emocional*”, o que pode ser compreendido pela maior preocupação que ele passa a ter, principalmente, com relação à falta de dinheiro e às perdas materiais, que lhe são prejudiciais. Sobre isso ele coloca: “(...) *abala o emocional porque eu me sinto preocupado, porque o seguinte, o meu carro ficou em protesto, (?) vai embora, aí veja bem você compra a roda (...)* *Aí, você por causa do desemprego, você, entendeu? Meu carro tá indo a protesto, fica com o emocional abalado, só que aquele negócio, nada que Deus e um emprego não superam.* O sentimento experimentado por Alberto, por estar desempregado, é de agonia. Estar vivenciando essa grande aflição e esse sofrimento a que a própria palavra agonia remete, pode ser atribuído ao fato de ter de pagar suas contas e no momento não ser possível, mesmo de questionar sua vinda para Florianópolis, pois lá em Londrina talvez pudesse estar trabalhando, mesmo que ganhando pouco.

Neste momento, dois aspectos merecem destaque: o primeiro refere-se a esse processo de ‘perda’, quando o desempregado começa a se desfazer de coisas que foram conquistadas, que são desejadas. Então, parece que há um pouco de sofrimento pela perda, que abala o sujeito, provocando dor e raiva. Apesar de expressar esses sentimentos em seu discurso em seu modo de falar, outra questão é percebida: a de que o abalo emocional vivenciado será superado por meio de Deus e de um emprego. Essa frase é repetida diversas vezes, expressando sua convicção religiosa, isto é, a de que será ajudado. Talvez a fé possa explicar, de certa forma, a colocação de Alberto sobre esse sentir-se abalado emocionalmente, mas não demais a ponto de o sujeito ‘perder a paciência’ e tomar atitudes drásticas, por assim dizer. Suas palavras expressam bem o que está sendo dito: “*Emocional eu te disse, a gente fica abalado, mas (...) também não pode ficar abalado que nem tem muitos caras que têm mente fraca, fica abalado, vai assaltar. Eu não, eu já tenho paciência, é o que eu disse pra você, nada que Deus e um emprego não possam fazer depois*”.

Outras duas dimensões são apontadas por Alberto em termos de conseqüências geradas pelo desemprego: a dimensão física e a social. Na dimensão **física**, os efeitos do desemprego são apontados pelo entrevistado quando afirma ter engordado mais de dez quilos, isso devido ao fato de que “(...) *sem emprego você fica nervoso e fica comendo, vai comendo, comendo, físico é isso*”. Em termos **sociais**, o Alberto pontua que, atualmente, está restrito ao local em que vive, que é mais distante do centro da capital,

dificultando seu deslocamento. Ele comenta que sua intenção é pedir transferência da igreja evangélica da qual participava, em sua cidade, para Florianópolis, pois poderia auxiliar a sua comunidade e assim, pode-se supor, ampliar seus contatos sociais.

5.7.4 Superando as dificuldades...

O primeiro ponto salientado por Alberto sobre as formas de enfrentamento das dificuldades decorrentes da situação de desemprego, refere-se à tentativa de esquecer um pouco os problemas. A princípio, o entrevistado revela que busca consolação em Deus, através da oração. Depois, diz que costuma ler um livro para descontrair, por exemplo. Segundo ele *“não fico querendo pensar muito, senão, se fica meio agoniado”*. Ao que parece essa é uma alternativa cujo objetivo é afastar um pouco essa sensação desconfortável, de mal-estar pelo fato de estar desempregado, ou melhor, nessa ‘agonia do desemprego’, como Alberto descreve. Por outro lado, ele comenta que esta estratégia não consiste em uma fuga, mas é uma maneira saudável de lidar com a situação, visto que deixa de vivenciar a dor e a tristeza gerada pelo desemprego, ao menos momentaneamente. Sua fala exemplifica isso: *“Só que eu não posso fugir dos problemas, porque existe, é meu, só que precisa esquecer um pouco de vez em quando pra não ficar aquela coisa... angustiado, se não, se não você fica muito triste”*.

Em termos de entendimento da situação de desemprego e de como pode se organizar para se inserir novamente no mercado de trabalho, percebe-se que Alberto mantém sua procura por emprego, utilizando diferentes estratégias. O SINE, por exemplo, é uma tentativa de recolocação que o entrevistado assinala, dizendo que costuma vir algumas vezes por semana, pois não há outra maneira de saber das vagas oferecidas por este sistema. Isso é avaliado negativamente por Alberto, pois, dessa maneira, conseguir um emprego via SINE assume um caráter de sorte ou ‘ajuda divina’, já que em determinado dia o sujeito vem e não tem nada para ele e em outro, em que não vem, tem uma vaga a ser preenchida, ou seja, como ele mesmo expressa *“acho que é estar na hora certa, no momento certo”*. E isso também cria ansiedade para quem está procurando emprego.

O entrevistado vislumbra boas perspectivas para o seu futuro, como voltar a estudar para tentar o vestibular para Educação Física e, nesse sentido, ele comenta que já iniciou algumas leituras. No entanto, é necessário conseguir um emprego, sua principal meta no momento, para se sustentar e pagar um cursinho pré-vestibular. Assim, os planos profissionais continuam e, embora estejam temporariamente

estacionados, eles não foram esquecidos, talvez pelo fato de que a experiência de desemprego para Alberto não é nova, pois estar desempregado é uma vivência relativamente comum em sua trajetória profissional, marcada pela mudança de cidades e de empregos. Ele próprio menciona, em determinado momento do seu relato: “(...) *no meu último desemprego(...)*”, o que, embora lembrado como comum, não significa dizer livre de sofrimento.

5.7.5 Síntese

Desde o início da fala de Alberto, torna-se visível as imbricações da sua vida profissional com a pessoal, ou seja, a maneira como os rumos de seu relacionamento conjugal foram configurando a sua trajetória profissional e vice-versa. O período de emprego e desemprego, marcado por rupturas e mudanças de cidades aponta para uma sucessão de ocupações, aparentemente sem uma escolha profissional de fato, mas no sentido de aceitar uma determinada oportunidade por necessidade ou porque iria casar ou porque teria um filho.

No que tange às implicações subjetivas do desemprego, Alberto é sucinto e não se estende muito sobre o assunto, mesmo admitindo que se sente abalado emocionalmente. Aparentemente, o aspecto financeiro assume maiores implicações na situação de desemprego, levando em conta que tem seus desdobramentos na esfera emocional/psicológica, fazendo-o sentindo-se preocupado, agoniado e triste, sentimentos estes, mencionados por Alberto, que devem ser ‘esquecidos’ para viver melhor e com menos tristeza, sem serem considerados uma fuga. O esquecimento parece ser uma boa alternativa, enquanto ‘Deus não ajuda e um emprego não apareça’. Isso revela o quanto a religiosidade está presente em sua vida, talvez influenciando o modo como Alberto lida com as implicações do desemprego e com as formas de enfrentá-lo.

Outro aspecto interessante refere-se à questão ético-moral que aparece na fala de Alberto relacionada à vivência do desemprego. No momento em que ele comenta sobre as conseqüências de estar desempregado, um outro aspecto começa a emergir, o de ordem ético-moral, despertando dúvidas sobre o que poderia ser feito quando a pessoa está desempregada. Nesse sentido, Alberto menciona que o sujeito que está desempregado e tem “mente fraca” pode assaltar, por exemplo. Essa questão é colocada na perspectiva de um terceiro e não de si próprio, o que possibilita diferenciar-se e reafirmar sua posição de sujeito com ‘mente forte’ e paciente frente às dificuldades.

5.8 Entrevistado 8

5.8.1 História de vida e história profissional...

Ivete tem 50 anos, nasceu em Bagé, no Rio Grande do Sul, cidade onde viveu até o primeiro ano de vida. Mudou-se para Pelotas, onde passou toda a sua infância. Bastante simpática, a entrevistada conta, calmamente, um pouco da sua vida. Ela comenta que sua família vivia bem, para a época, que seu pai tinha um bom emprego e que não passavam por muitas dificuldades financeiras, concluindo então, que teve uma infância muito boa. Na sua adolescência, Ivete conta que seu pai teve uma crise financeira, o que fez com que se mudassem para Porto Alegre, onde estudou e se casou. Em seu relato, esses são dois aspectos bastante enfatizados, como também o fato de não ter concluído o ensino médio técnico em contabilidade e de ter se divorciado. Estas são situações mencionadas em seu discurso, uma vez que lhe trouxeram grande sofrimento. Sobre seu casamento, Ivete conta que se casou aos 22 anos, viveram juntos 12 anos e tiveram dois filhos e uma vida bastante confortável, em termos econômicos, conforme expressa: *“Também tive uma boa vida, em matéria de ... de estabilidade quando casada, meu marido era bem empregado, a gente tinha condições, não trabalhava, cuidava dos meus filhos(...)”*. O término do casamento foi marcado por muita decepção, como Ivete descreve, pois seu marido tinha mais duas famílias, provocando uma série de complicações, emocionais, familiares e financeiras. Ela comenta que os bens foram vendidos porque seu marido tinha algumas dívidas, fazendo com que, ao final da separação, Ivete ficasse apenas com móveis e eletrodomésticos. A entrevistada relata que este foi um período bastante complicado, pois teve muitas dificuldades com sua filha, em decorrência do fim do casamento. Em meio a essa situação, Ivete voltou para Pelotas, a fim de ficar mais próxima de sua mãe, o que define como um erro, pois deveria ter enfrentado os problemas, naquela época. Durante os sete anos em que morou em Pelotas, a entrevistada revela que teve de enfrentar a situação de separação e retornar ao mercado de trabalho, trajetória marcada por sonhos e arrependimentos: *“Então, foi um ‘baque’, daí, eu voltei a trabalhar, tinha muita vontade de voltar a estudar, queria fazer a faculdade, tudo. Mas, daí a minha situação financeira não permitiu, não tinha muito, mas tive, tive oportunidades de trabalho boas, perdi, joguei fora”*.

Ao vir para Florianópolis, a passeio, com alguns parentes, Ivete resolveu, em poucos dias, morar na cidade. Nos nove anos em que está residindo nesta cidade, morou

em diferentes locais e, recentemente, mudou-se para um bairro do continente, junto com seu filho, que a acompanha durante todo esse tempo.

Começando uma nova vida, Ivete fala da sua trajetória profissional, de seus medos e dificuldades. Ainda em Pelotas, Ivete comenta que trabalhou como governanta de hotel e gerente de uma grande lavanderia, empregos estes que ela não descreve muito, mas que cita com certo orgulho. Porém, ao vir para Florianópolis, Ivete teve que “*ir a luta*”, “*tocar o barco*” como menciona, trabalhando em diversas atividades. No primeiro ano na cidade, trabalhou no comércio, como vendedora. Depois, a situação foi ficando mais complicada, ou seja, “*foi difícil, daí, precisava trabalhar*”, apresentando, de certa maneira, uma justificativa pelos seus empregos posteriores, como o de copeira em um hotel, onde trabalhou por aproximadamente dois anos, parte com carteira assinada, outra não. Isso porque, neste mesmo período, Ivete manteve esse emprego e o de cozinheira em uma creche, para ampliar o orçamento familiar. Os últimos empregos de Ivete foram de empregada doméstica, sem carteira assinada. Em um deles, trabalhou na casa de uma jovem estudante, por poucos meses, decidindo sair para trabalhar em outra casa, sem carteira assinada, porque o novo patrão ofereceu uma casa, sem conta de água ou luz e o salário, o que interessou a ela e o filho, pois economizariam, por algum tempo. Ivete está desempregada há três meses, aproximadamente, sendo que sua saída se deu pelo fato de o patrão ir morar em outra região. Mesmo pedindo que Ivete fosse trabalhar com ele, a entrevistada disse que não ficaria longe dos filhos e netos.

A re-inserção profissional foi acompanhada pelo retorno aos estudos, por momentos de emprego e desemprego, mencionando que já ficou seis meses desempregada. Há cinco anos, Ivete tentou concluir o ensino médio, mas não terminou, afirmando que havia se saído muito bem e que deseja muito fazer uma faculdade. Ou seja, a entrevista de Ivete demonstra, em vários trechos, suas expectativas profissionais, assim como expressa muitas de suas dificuldades e questionamentos sobre o que deveria ter feito no passado. Neste momento, ela está matriculada no telecurso, aguardando o início das aulas. O filho de Ivete, de 22 anos, está trabalhando e atualmente é o principal responsável pelo sustento da família.

5.8.2 A rotina, a busca pelo emprego e as dificuldades...

Ivete descreve sua rotina diária sem muitas minúcias. Comenta que acorda cedo todo dia, geralmente quando seu filho levanta para trabalhar, e inicia seus afazeres domésticos. Eventualmente, faz alguns produtos, como rosca, sanduíche ou brigadeiro,

para vender. Ela também costuma ler bastante, principalmente a Bíblia, pois é religiosa e participa da Igreja como professora, aos domingos, atividade que descreve como sendo bastante prazerosa. Ela assim descreve: “(...) *normalmente eu levanto bem cedo, faço o que tem pra fazer ou faço alguma coisa, roscas pra vender ou (...) eu sou professora da escola dominical da minha igreja, que é uma atividade religiosa, então, eu gosto muito de ler, eu gosto de ler várias coisas, tanto do religioso como de outro*”. Além disso, Ivete participa de outras atividades vinculadas à Igreja, como visitar casas ou participar de eventos sociais e culturais. A entrevistada relata que costuma caminhar bastante por seu bairro, aproveitando alguns momentos para entregar seu currículo ou preencher fichas em lojas, por exemplo. Atualmente, Ivete está saindo mais de casa, pois está procurando outro local para morar com o filho, já que na kitnet em que vivem é muito pequeno.

A procura pelo emprego é pouco sistemática, caracterizada principalmente por saídas ao centro ou no seu próprio bairro para entregar currículos. Ivete comenta um pouco sobre esse processo: “(...) *já deixei currículo na cidade inteira, eu caminho, saio, faço, inclusive aqui em volta eu já andei por tudo (...) daí o que aparecer, eu pego. E às vezes não é o certo, certo é você se preparar para alguma coisa para ficar, não ficar por um tempo e depois sair e é o que tenho feito, eu já vendi jóia, eu já vendi, faço chocolate caseiro, sabe? Mil coisas, durante todo esse tempo. Nunca fico totalmente parada, mas eu não tenho serviço estável, faz muito tempo*”. Sua fala é esclarecedora no sentido de que descreve como o período de desemprego é vivido, tanto em termos de estratégias de recolocação no mercado quanto ao enfrentamento das dificuldades do desemprego. A situação de estar desempregado envolve uma série de atividades para a manutenção da sua sobrevivência, além de continuar a procurar emprego. Por outro lado, a própria entrevistada questiona seu modo de agir, pois ‘pega o quê aparecer’, não se qualificando ou profissionalizando para um emprego ‘estável’.

Ivete também costuma ir ao SINE algumas vezes ao mês, no entanto, essa é uma tentativa descrita por ela como bastante frustrante. Isso porque a entrevistada aponta que o trabalhador dificilmente consegue algum emprego através desse sistema. Além disso, é um espaço em que o atendimento é mecanizado, deixando a pessoa que o procura mais desanimada ou até mesmo envergonhada por estar procurando emprego. Ela comenta: “*Tu já entra assim, para assim, que tu tá indo pedir alguma coisa, sabe? Então, tu já chega, medo, não é medo, é com vergonha*”. Essa é uma das dificuldades que a entrevistada diz enfrentar ao procurar emprego, entre outras como a falta de

qualificação e a idade. Com relação à primeira, Ivete comenta que, para quem está desempregado é complicado, aperfeiçoar-se, estudar ou fazer cursos profissionais, pois geralmente estes são pagos ou requerem custo com transporte. E como no momento o SINE não está viabilizando os cursos de qualificação, a situação piora, para Ivete, pois essa seria uma alternativa para quem está desempregado. O segundo aspecto mencionado refere-se a sua idade. Para a entrevistada, este é um fator que já dificultou sua admissão em um determinado emprego, como, por exemplo, o de recepcionista de um edifício Isso acaba fazendo com que, por receio, a pessoa aceite qualquer emprego. Sobre isso Ivete relata: *“Mas, é, a vida da gente é complicada, é insegura, tem insegurança, a idade, assusta. A idade faz com que a gente aceite qualquer coisa que apareça”*.

5.8.3 Mudanças na vida dos trabalhadores: As implicações do desemprego

Ivete comenta que muitos aspectos da sua vida sofrem conseqüências, em decorrência da situação de desemprego ou até pelo subemprego. A entrevistada assinala que está sempre trabalhando, mesmo que seja em um emprego temporário ou por conta própria, e que, mesmo realizando alguma atividade, o chamado ‘bico’, sente insegurança por vivenciar essa situação, tanto a de desemprego quanto a de subemprego. Em termos **econômicos**, a entrevistada menciona que, não ter um emprego estável, com uma remuneração fixa, acarreta o receio de assumir uma prestação, por exemplo, e adquirir materialmente as coisas. E se compara a outras pessoas que, por estarem empregadas, mesmo ganhando pouco, conseguem planejar sua vida, pois ao final do mês receberão seu salário. Como ela descreve: *“(...) mas tu não vê a segurança que tu sabe que tu podes fazer uma prestação, que tu pode, que é arriscado, tudo é arriscado, então, tu, sei lá, tu vive sempre insegura, parece que, parece assim, que quando a gente tem carteira assinada e tem uma serviço estável, tu, mesmo ganhando menos, tu consegue adquirir mais”*. E conclui *“(...) é bem ruim a gente viver na insegurança”*. Sendo assim, essa insegurança financeira estende-se a outros âmbitos, repercutindo na segurança em si mesma, na sua auto-estima, na sua capacidade de realização. Para Ivete, outro aspecto pode ser somado a este, sendo mencionado anteriormente, ou seja, a sua idade. Esta é considerada como um fator problemático para que ela consiga um emprego, gerando insegurança e conflito, em termos emocionais/psicológicos.

Na dimensão **emocional/psicológica**, a temática da idade remete a questões com diferentes implicações. Uma delas refere-se ao fato de que está envelhecendo, sem sentir-se assim. E envelhecer a assusta, pois aos poucos vai percebendo que não pode escolher muito dentre as possibilidades de emprego que aparecem. Em decorrência disto, Ivete comenta que começa a questionar sua capacidade, se realmente poderia estar trabalhando em outro serviço, como, por exemplo, em uma atividade que lhe fosse prazerosa. Percebe-se, pela fala de Ivete, que ao aceitar qualquer emprego, ela não acredita que poderia fazer outra atividade, que seria incapaz para tal, isto é, o sujeito passa a ter um sentimento de descrédito em relação a si mesmo: *“(...) aí você passar a aceitar qualquer outro emprego como, empregada doméstica, como pra cuidar de um doente e aí tu acha que não mais capacidade pra...então, como é que a pessoa que vai te empregar vai achar que tu tem?”*.

Além disso, os trabalhos desenvolvidos por Ivete, garantiriam apenas a sua sobrevivência e não a sua satisfação pessoal e profissional, o que provocaria mais frustração, como ela mesma descreve: *“(...) a necessidade te empurra pra fazer o que aparece na hora. E aí tu fica frustrado, na verdade é que você se frustra, acho que é isso que faz com que você mesmo ganhando não dê prazer, até adquirir as coisas sabe?”* Essa frustração, de acordo com a entrevistada, seria responsável pela imobilidade do sujeito, não conseguindo romper essa situação geradora de sofrimento e desesperança: *“(...), mas, é frustrante, que a gente... acho que essa frustração vai fazendo com que a gente não ... que continue desempregada”*. O que se percebe em seu discurso e que a própria entrevistada menciona é um sentimento de derrota, de fracasso, pois as outras pessoas estariam em condições de lutar, enquanto ela se sente em desvantagem, sem possibilidade de aceitar algo melhor, ou seja, *“(...) a gente tá, não serve pra nada, tem que aproveitar da onde der”*. Outro aspecto interessante relacionado à idade e que está bastante presente em sua fala, refere-se ao que ela poderia ter sido, ou seja, à mulher e à profissional que não foi no passado e para que, agora, os planos e sonhos tornam-se mais distantes e mais difíceis de serem realizados, em função da idade, conforme Ivete aponta em determinado trecho da entrevista:

“Porque eu, na verdade, eu no meu caso, especialmente, vejo que eu podia, eu poderia ter uma profissão, todas as minhas amigas da época, todas elas, uma é gerente de banco, a outra é.... diretora de uma escola, a outra é advogada, um dos

rapazes é advogado, então, são poucos, acho que eu e mais uma ou duas daquele grupinho que a gente estudava junto, morava perto, que eu consegui encontrar, é eu e uma outra que trabalha numa loja pequena assim, sabe? Num serviço também assim meio, não tem assim, uma carreira, que se ‘formou em’.

Nesse sentido, uma série de sentimentos é desencadeada, como o arrependimento por aquilo que deixou de fazer ou pelas escolhas feitas na sua vida, o que acaba gerando frustração e culpa. A comparação com as colegas é torturante, pois remete à idéia de que ela também poderia ter se tornado uma profissional. Dessa maneira, Ivete sofre por um processo de autoculpabilização por sua situação atual, considerando que “(...) *tudo deu errado, que você errou lá atrás, em vez de tocar a ficha na hora, ali, fica pensando ‘porque que eu não fiz isso, porque que eu não fiz aquilo?’*”. Todo esse cenário marcado pelo sofrimento, segundo a entrevistada, a torna mais sensível com relação às adversidades da vida, buscando explicar o presente pelo seu passado, o que, de certa maneira, dificultaria pensar em modos de enfrentamento das dificuldades. Assim, o relato de Ivete é esclarecedor ao correlacionar a idade às possíveis implicações emocionais/psicológicas para o sujeito desempregado, apontando de que maneira a subjetividade do trabalhador pode ser atingida e de que maneira as expectativas futuras e a imagem de si podem ser bruscamente modificadas: “*Porque no início, quando a gente começa, quando eu comecei, as primeiras vezes que eu fiquei mais tempo desempregada foi por causa da idade e aí começa tudo, aí desencadeia toda uma, a gente sai de ... de, de uma vitrine e passa pra outra, sabe? Sabe assim, a vitrine que você poderia ser, eu tinha sido gerente de loja, coisa assim, gerente de loja*”. O termo ‘vitrine’, utilizado por Ivete, representa tudo aquilo que ela imaginava para si, seus sonhos, suas idealizações, ou seja, uma Ivete diferente de hoje.

Ao ser investigado como a entrevistada se sente por estar desempregada, novamente aparecem, em seu discurso, os sentimentos de culpa e arrependimento. Ivete afirma que se sente ‘despreparada’ para o mercado de trabalho e, conseqüentemente, menciona que se sente mal com a situação de desemprego, pois gostaria de estar trabalhando. Mas, salienta que gostaria de fazer algo que lhe desse prazer, como, por exemplo, trabalhar com crianças. Nesse sentido, o questionamento sobre o que poderia ter feito reaparece, assim como a dor de quem sempre se culpa pela vida atual: “*Então, eu acho que seria bem mais feliz se eu pudesse estar desempregada, procurando*

alguma coisa que me fizesse feliz e o fato de eu ter que procurar um trabalho que é só pra mim poder sobreviver. Às vezes mal e porcamente sobreviver, acho que eu sou uma pessoa um pouco ... frustrada por ter feito escolhas erradas, em relação a estudos, a vida, à profissão. Eu sou uma pessoa que, que tem a consciência de que porque a minha vida tá assim hoje, que eu não precisaria estar assim como eu estou, eu poderia muito bem ter uma profissão hoje”.

Neste trecho, assim como em outros momentos da fala de Ivete, podem ser apreendidos alguns elementos que apontam para as implicações em termos **profissionais**. Por estar despreparada profissionalmente, como ela apontou, não ter concluído o ensino médio e não ter uma profissão, uma carreira, termo por ela utilizado, a sua inserção no mercado de trabalho mais complicada. Ivete expressa, em seu relato, que seus planos profissionais foram, com o tempo, frustrados. À medida que permanecer distante do ‘fazer algo que gosta’ e se mantiver amarrada às ocupações que só lhe garantam a sobrevivência, Ivete estará mais frustrada, mais despreparada, conforme menciona.

No que diz respeito à possibilidade da a entrevistada perceber ou sentir um tratamento diferente por parte das pessoas, pelo fato de estar desempregada, ou seja, no tocante ao ‘olhar dos outros’, Ivete, num primeiro momento, é enfática: *“com certeza, com certeza, com certeza”*. Em seguida, pondera e comenta que talvez essa seja uma impressão somente dela, isto é, *“Não sei se é a gente, não sei se é a gente que acha, mas é interessante que até, eu, eu até costume ah! me policiar muito em relação à isso, mas às vezes até procura evitar falar sobre se está trabalhando”*. Mesmo expressando essa ambigüidade, por um lado afirmando sentir um tratamento diferenciado e por outro, cogitando a possibilidade de que essa seja uma sensação sua, Ivete deixa claro que de uma maneira ou de outra evita falar sobre o assunto que lhe causa ansiedade, isto é, o desemprego. Geralmente a entrevistada costuma *“cortar as pessoas quando perguntam”* se está trabalhando. Uma das razões é porque seu filho sustenta a casa e isso parece lhe causar certo desconforto, pois afinal ele precisa *“cuidar da vida dele”* e ela *“precisa se encontrar”*. A outra, mais explícita, é que, para Ivete, existe a noção de que a pessoa, quando está desempregada, está *“passando fome”*, ou seja, se *“não tá trabalhando, tá passando fome, sabe?”*. E este não é o seu caso, ela insiste em dizer.

Além disso, Ivete relaciona essa questão do ‘olhar do outro sobre si’, considerando a sua situação de desemprego, principalmente, pela a idade. Segundo a entrevistada, é um momento repleto de incertezas e dúvidas: *“(...) a gente fica meio perdido, tu acha*

que tu é uma pessoa ainda jovem, jovem, né? De repente é cômodo para ti, assim, de repente é cômodo para ti que tu é velho, que tu tá quase velho, sabe?”. E isso, segundo Ivete, repercute na maneira como os outros a olham e a tratam, com um sentimento de pena, pode-se dizer. Ela assim desabafa: *“Porque é uma fase complicada essa, até isso, as pessoas te olham, sabe? ‘tá desempregada, coitadinha, já ta ficando velha, de idade’ (...) Então, são coisas assim, naquela hora tu te dá conta que a pessoa que tá olhando te vê como uma pessoa envelhecida, mas por dentro eu não me sinto assim, entende? Não aceito, não me acho”*.

Essas são questões importantes que repercutem, ainda que indiretamente, na sua **vida social**, pois alguns contatos começam a ser evitados, ocultando ou minimizando a angústia desencadeada pelo tema desemprego. Em determinado momento da sua fala, Ivete comenta que chega a fantasiar um pouco para evitar que as pessoas conversem sobre trabalho, por exemplo. Isso poderia apontar para uma certa superficialidade nas relações, no entanto, em sua descrição, a entrevistada comenta que tem algumas atividades sociais, vinculadas a sua religião, principalmente. Desta forma, estes vínculos permitem que Ivete disponha de uma rede social significativa, os amigos da igreja ou as crianças das quais ela é professora aos domingos. Além disso, sempre que possível, ela costuma fazer outras programas, como a uma pizzaria com o filho e seus amigos, já que tem um bom relacionamento com jovens. Ou então, passear com os netos, ir à praia, ler, assistir filmes, ir ao cinema, teatro, sendo que neste caso, só quando dispõe de algum dinheiro.

Em termos **físicos**, a entrevistada menciona rapidamente que, com a situação de desemprego, a pessoa fica mais tempo em casa, sem aquele compromisso diário de sair para trabalhar, o que faz com que relaxe quanto à aparência. Assim, Ivete comenta que se arruma menos, fica mais acomodada, come mais e isso também vai gerando mal-estar. Sua fala descreve essa situação: *“(...) se tu tem que sair todo dia, trabalhar, tu te, te arruma, tem satisfação em te levantar, se arrumar, tu tem a obrigação, junto com a satisfação, faz com que tu vai te tornando uma pessoa melhor, né? Até mais bonita e de repente se tu tá em casa, tu vai te acomodando, de repente tu tá com a aparência péssima (...) É todo um ... é bem ruim. É mexe assim, mexe até, até, come mais, come, engorda ou emagrece e você fica frustrado e se frustra*.

5.8.4 Superando as dificuldades...

O relato de Ivete apontou algumas das estratégias de superação da situação do desemprego, principalmente em termos econômicos. Pelo fato de a entrevistada morar com seu filho e este, atualmente, estar arcando com as despesas da casa, as dificuldades financeiras persistem, porém, com menor intensidade. A entrevistada comenta que a primeira maneira de buscar enfrentar essa dificuldade, é procurar ser bastante econômica, evitando depender das pessoas e sempre pensando em alternativas, como aprender a fazer coisas. Segundo ela, “*já deu para ganhar um dinheirinho*” com o que aprendeu em programas de televisão ou em cursos que realizou em seu bairro. Existe também a possibilidade, assinalada por Ivete, de fazer produtos em casa para vender, como doces, sanduíches e roscas, sendo que para isso ela precisa ter com o material em casa, o que na acontece todos os dias. Além disso, a entrevistada comenta que o seu apartamento é pequeno e com pouca infra-estrutura o que dificultaria investir nesta atividade.

Para tentar superar as dificuldades em âmbito profissional, Ivete voltou a estudar para concluir o segundo grau, pois poderia, no futuro, fazer uma faculdade, como a de pedagogia à distância ou letras, mesmo que seja para ver como se sai, comenta. Com estas palavras, a entrevistada expressa muitos de seus planos e sonhos, visto que, concluindo a faculdade, poderia dar aula particular para crianças, atividade que pode ser desenvolvida por pessoas com mais idade e que a satisfaz. Caso isso não seja possível, Ivete ainda aponta outra possibilidade, que é um curso técnico de acompanhantes em transportes escolares, que, segundo diz, seria algo que gostaria de fazer. A procura por emprego continua, entregando currículo em lojas, indo ao SINE, mesmo que diga que é improvável conseguir algum serviço por esta via. Outro aspecto interessante comentado rapidamente pela entrevistada quando pensa a problemática do desemprego e possíveis formas de enfrentamento é a organização de cooperativas, principalmente na área de artesanato, atividade mencionada por ela. Apesar de Ivete não tenha se debruçado sobre essa questão, ela aponta para o “*trabalhar junto*” como uma alternativa viável.

Ivete não compartilhou as possíveis formas de enfrentamento às dificuldades emocionais/psicológicas por ela mencionadas. O seu discurso aponta para a tentativa de manter-se bastante ocupada com várias atividades, principalmente a de cunho religioso. A questão que surge é: Até que ponto esse “fantasiar as coisas” que Ivete refere em sua fala não oculta a dor e o desamparo de quem está começando muitas coisas aos 50 anos, fato este bastante presente em sua entrevista?

5.8.5 Síntese

A história de Ivete é bastante ilustrativa, visto que descreve a vivência de uma mulher divorciada que, aos 50 anos, questiona sua vida, a ‘carreira profissional’ que não teve, a trajetória de empregos bastante incerta, as oportunidades que não aproveitou, enfim, que se questiona e se culpa pela situação em que se encontra. Seu relato expressa as dificuldades que as mulheres enfrentam no mercado de trabalho, mulheres que antes se dedicavam ao lar, aos filhos, que deixaram de lado seus planos profissionais. Principalmente para aquelas que, como Ivete, deparam-se com a questão da idade, percebendo que as possibilidades vão diminuindo e que o poder de escolher torna-se mais difícil, em num mercado de trabalho mais e mais competitivo. No caso de Ivete, um aspecto interessante deve ser levantado e pode ser importante no enfrentamento da problemática em questão, que é a religiosidade. Isso no que diz respeito aos vínculos sociais que a entrevistada mantém com sua igreja e às atividades que ali exerce, o que pode indicar que ela se sinta apoiada por uma rede social maior que a família.

O despreparo profissional ao qual a entrevistada refere é sentido e vivenciado como fracasso, frustração, culpa e até vergonha por ter de procurar emprego e, freqüentemente aceitar ‘o que aparecer’. Sentir-se culpada por estar desempregada é bastante comum em sua fala, acarreta sofrimento e a faz buscar diferentes formas de superação, pois depende apenas de si mesma. A entrevistada também menciona que o próprio governo, representado por instituições como o SINE promove e mantém essa situação. Assim, seu relato demonstra a ambigüidade que o trabalhador expressa ao se encontrar desempregado: o individual ou o coletivo, ou seja, a autoculpabilização e o questionamento da realidade social e das políticas públicas de emprego.

6 DISCUSSÃO GERAL DOS RESULTADOS:

A história de vida e de desemprego de cada entrevistado é marcada pelo contexto social em que o mesmo está inserido, por suas possibilidades e dificuldades, por aquilo que é particular e coletivo e que, em constante movimento, possibilita a construção da sua subjetividade. A história dos trabalhadores entrevistados pode ser pensada a partir da centralidade que o trabalho assume em suas vidas, na “(...) *gênese e no fazer-se do ser social*”, como aponta Antunes (2001), ao defender a categoria trabalho como fundamento básico da atividade humana.

Para os trabalhadores desempregados, essa centralidade perpassa a questão do ‘não - trabalho’, tão fundamental na vivência do desemprego. Ou seja, o fenômeno do desemprego é vivido pelo trabalhador como a ausência de trabalhar, de construir-se como ser produtor de si e do espaço social e cultural do qual faz parte. Estar desempregado produz mudanças em diversos âmbitos para os trabalhadores, muitas vezes, dolorosas, outras, não estão tão claras para eles como fruto do desemprego. Através da fala de cada trabalhador desempregado essa vivência pode ser expressa, não em uma única voz, mas em um conjunto de vozes que, inegavelmente, têm algo a dizer.

A partir das palavras dos trabalhadores desempregados e também do que foi expresso pelo olhar, pela entonação da voz, pelas interrupções e silêncios, alguns aspectos importantes da vivência do desemprego podem ser apontados, retomados e repensados. Com o intuito de analisar as vivências dos trabalhadores desempregados, é possível construir seis campos de análise. São elas: *Reconhecimento do Desemprego*, *Conseqüências Psicológicas*, *Conseqüências Sociais*, *Conseqüências Ético - Morais*, *Estratégias de Enfrentamento* e *Perspectivas Futuras*.

6.1 O Reconhecimento do Desemprego

O discurso dos entrevistados aponta posturas diferentes diante da problemática do desemprego e de suas implicações. O reconhecimento do desemprego na vida dos trabalhadores desempregados mostra-se com diferentes intensidades, tendendo desde o reconhecimento de si como desempregado até o não-reconhecimento desta situação em sua vida. A multiplicidade de posições do trabalhador frente ao desemprego reflete a singularidade de cada história e a própria construção da subjetividade.

Ao considerar o reconhecimento do desemprego, esta vivência é caracterizada pelo fato de o trabalhador não ter vínculo empregatício formal nem remuneração mensal fixa e adotar o comportamento típico de procurar emprego. Além disso, algumas mudanças na sua vida tendem a ser percebidas pelo trabalhador como decorrentes da situação de desemprego, ou seja, o sujeito se sente e se reconhece como alguém que está desempregado e este fato pode vir a acarretar implicações de diferentes ordens: econômica, social, emocional/psicológica, familiar, profissional, física ou comportamental, conforme a proposta de Caldas (2000)²⁷. Esta postura é assumida pela maioria dos entrevistados e, algumas vezes, mesmo não explicitando diretamente quais as mudanças decorrentes do desemprego, estas eram expressas no decorrer de suas falas.

Outra possibilidade percebida durante as entrevistas é a dificuldade de reconhecer-se como trabalhador desempregado, mesmo que esteja procurando emprego em diferentes locais, como, por exemplo, o SINE, bem como de identificar algumas conseqüências devidas ao desemprego. Com relação a isso, o que se percebe é uma tentativa de ‘evitar’ a realidade do desemprego, com suas prováveis implicações psicossociais. Além disso, identificou-se, através da fala dos entrevistados, a tendência de ‘minimizar’ as conseqüências do desemprego em sua vida, ou seja, a vivência do desemprego é comparada com situações de outros trabalhadores, freqüentemente mais difíceis ou problemáticas. Neste caso, dois trabalhadores apresentaram esse discurso mais visivelmente, ao dizer que “*nada mudou*” com o desemprego, como Ricardo explicitou em momentos da entrevista ou que “*não havia pensado nisso*”, conforme comentou Elton. Até mesmo a conseqüência de ordem econômica, que é notadamente mais visível entre os entrevistados, foi pouco enfatizada pelos dois trabalhadores desempregados. Isto é compreensível, pois esses dois entrevistados contavam com uma quantia de dinheiro para a manutenção de suas necessidades básicas, pelo menos por um período. O aspecto interessante é que o fato de que estar atendido em suas necessidades financeiras fazia com que as outras dificuldades fossem relativizadas e os sentimentos, disfarçados.

Assim, embora para Ricardo ainda existisse a possibilidade de ‘escolher’ um emprego, de não perceber mudanças em termos profissionais, de não se sentir ‘desesperado’ com a situação de desempregado ou de manter sua vida social e amizades como antes, a vivência do desemprego era permeada pelo sofrimento. Em alguns

²⁷ Para informações mais detalhadas sobre as diferentes implicações do desemprego mencionadas pelos trabalhadores, ver Anexo5 (tabela 3).

trechos do seu relato, Ricardo expressou o estresse de “*estar parado*”, de sofrer discriminação de vizinhos que questionavam de que maneira sobrevivia e de buscar consolo em leituras, como a bíblia, como forma de se acalmar. Da mesma maneira, Elton, Alberto e Ivete contavam com a religiosidade como um elemento consolador nos momentos de tristezas e abatimento com relação ao desemprego. Elton, habitualmente, considerava a sua situação melhor do que as de outros trabalhadores, chefes de família, visto que ele contava com o apoio da irmã e com seguro-desemprego, para breve. Por outro lado, expressava em seu discurso, através da importância atribuída ao trabalho, o quanto era sofrido estar ‘sem trabalho’, “*sem aquele compromisso diário*”, conforme colocava, e como se sentia ‘julgado’ com os comentários do cunhado, por estar desempregado.

Assim, a questão do reconhecimento do desemprego, mostra-se uma questão complexa, com variadas maneiras de expressá-la e vivenciá-la, apontando que, para o trabalhador desempregado, perceber-se nesta situação é, freqüentemente, sofrido.

6.2 Consequências Psicológicas

Em relação às consequências psicológicas do desemprego para os trabalhadores desempregados, algumas pesquisas como as de Seligmann - Silva (1986; 1994), Sarriera (1993) e Lima & Borges (2002) apontam para a emergência de uma série de implicações psicológicas, bem como físicas e familiares, entre outras, promovidas pela desarticulação da prática social, provocada pelo desemprego, ou seja, pelas “*rupturas dos laços de sociabilidade construídos no trabalho*”.(Seligmann - Silva citado por Lima e Borges, 2002). Nesse sentido, as consequências da vivência do desemprego descritas pelos entrevistados possibilitam a compreensão do fenômeno social do desemprego como propulsor de diversas dificuldades psicossociais.

A revisão apresentada por Sarriera (1993) sobre as consequências do desemprego em jovens, vai ao encontro do que foi identificado entre os entrevistados, ou seja, consequências na saúde física e mental do trabalhador, ocasionando estresse e depressão, além de outras implicações, como a diminuição da rede social e a desestruturação do auto-conceito do jovem, abalando fortemente a auto-estima²⁸. A pesquisa de Peres (2003) também corrobora essas colocações, apontando o desemprego

²⁸ Essas informações são mencionadas por Sarriera (1993) e, em diferentes pesquisas, por: Banks e Jackson (1982), Banks e Ullach (1987,1988), Holmes e Rahe (1967), Blanch (1990), Álvaro (1992) e Feather (1990) e Buendia (1987), respectivamente.

como causador de sofrimento psicológico marcante aos trabalhadores, justamente pela exclusão e segregação que a ele estão associados. Para o autor, o desempregado não é reconhecido socialmente, por estar alheio à lógica capitalista de ter um emprego e estar produzindo, e isso influencia na imagem que o sujeito constrói de si mesmo, sendo esta, freqüentemente, negativa.

Na maioria dos casos analisados, isto é, em seis dos entrevistados, as conseqüências psicológicas estão claramente presentes, cada qual com peculiaridades e intensidades diferentes. Para Nelson, Zilda, Ivete e Daniela, especialmente, o desemprego atinge de forma violenta as bases da sua *auto-estima* e de sua ‘identidade global’, que envolve a identidade de ser trabalhador e a sua identidade psicológica, ou melhor, a noção que o sujeito tem de si mesmo. Assim, em alguns momentos da entrevista de Daniela, por exemplo, era bastante comum emergir questionamentos sobre seu papel de mãe, de esposa, e também de filha, isto é, por não estar próxima da filha, por não auxiliar o marido e estar sobrecarregando os pais, acarretando mais e mais dúvidas sobre quem é e o que é capaz de realizar.

Os *sentimentos de desânimo, incapacidade e desesperança* em relação aos acontecimentos futuros também são conseqüências psicológicas comuns no discurso dos entrevistados, promovendo o questionamento sobre a sua vida, sobre que era anteriormente, o que deixou de fazer e o que poderia ter se tornado. No caso de Ivete, essa questão é bastante visível, principalmente, quando fala sobre a ‘vitrine’, ou seja, quando utiliza a analogia para explicar o que poderia ter sido na vida e para identificar todos os desejos e expectativas que precisaram ser modificados, isto é, para dizer que a ‘vitrine’ se transformou. Esse sentimento é intensificado pela idade de Ivete e pelo medo do envelhecimento, desencadeando mais insegurança em relação ao futuro e sobre si mesma. Como tão bem descreve Seligmann-Silva (1994):

O desemprego faz saber ao indivíduo, sem palavras, silenciosamente, o vazio e a falta de alternativas, o que significa ter perdido a base sobre a qual sustentava sua identidade e continuidade como ser humano. O ‘ser - assim - como - era’ é suplantado pelo ‘ser - assim - como - sou’, destruído, identificado agora com os aspectos rechaçados pela sociedade, pelo grupo familiar e por si mesmo (p. 282).

O estudo de Lira & Weinstein²⁹ (citado por Seligmann - Silva, 1994) com desempregados chilenos é bastante útil, uma vez que demonstra como as implicações do desemprego, lentamente, configuram um quadro que as autoras denominam de ‘psicopatologia do desemprego’. Elas identificaram alguns aspectos psicológicos freqüentes na vivência de trabalhadores desempregados, tais como: *impotência individual, sensação de carência de sentido de vida, ausência de normas e autodistanciamento*.

Em relação ao primeiro aspecto mencionado pelas autoras, ou seja, a *impotência individual* vivida pelos trabalhadores desempregados, é importante salientar que esta acarreta um forte sentimento de vulnerabilidade e desamparo no trabalhador, fazendo com que o sujeito se sinta impotente com relação à vida e para tomar suas próprias decisões. Isso é percebido no discurso de Nelson, principalmente, pela espera por algo, por um emprego, por um curso ou por “*uma força*” que façam com que sua vida melhore. E quando isso não acontece é um “*desânimo total*”, “*uma tristeza mesmo*”, comentando até possibilidade de pensar em “*fazer uma besteira*” e desabafando: “*se não for bom da cabeça, o cara se mata*”. A dificuldade de planejar o futuro também constitui uma consequência psicológica para os trabalhadores desempregados, expressando à *sensação de carência e sentido de vida* que Lira e Weinstein (citado por Seligmann - Silva, 1994) apontaram em sua pesquisa. Assim, pode-se dizer que a experiência do desemprego promove no trabalhador dificuldades de vislumbrar seu futuro e de viver o dia-a-dia como um vir-a-ser.

O outro aspecto assinalado é a *ausência de referência e normas* cotidianas impostas pela atividade de trabalho, que também são sentidas psicologicamente pelos entrevistados, Nelson, Zilda e Ivete. A falta de compromisso diário, o fato de cumprir horário, de sair de casa e arrumar-se para trabalhar são mencionados como situações de grande mudança no cotidiano de suas vidas e também são geradoras de sofrimento. As mulheres, principalmente, dedicam-se às atividades domésticas e à educação dos filhos, mas em geral estas funções são reconhecidas como sendo de menor ‘status’ e como um ‘não trabalho’ quando comparadas ao emprego formal, reconhecido socialmente. Sobre isso, Zilda comenta que, com freqüência, envolvia-se em atividades ditas ‘masculinas’

²⁹ As autoras chilenas realizaram um estudo importante de acompanhamento psicológico aos desempregados, num contexto social em que o seu país enfrentava a ditadura militar marcada pela repressão e por restritas possibilidades de apoio à referida população. Lira e Weinstein, a partir de suas observações, apontaram para os aspectos psicodinâmicos relacionados à frustração e ruptura com o

para esquecer do desemprego e fazer algo que fosse diferente do que habitualmente realizava e que lhe proporcionasse mais prazer.

O *auto-distanciamento* refere-se ao sentimento de estranhamento que o desempregado passa a ter em relação a si mesmo, como se ele percebesse o quão distante se encontra da imagem que idealizou de si, vendo-se como alguém que falhou na realização de seu projeto de vida. O sujeito sente-se alheio à própria vida. Em todos os entrevistados, exceto Ricardo, este sentimento pôde ser percebido, cada um expressando de maneira própria, mas com a dor de quem fez escolhas equivocadas no passado, de quem imaginou que seu futuro seria diferente. Em diferentes aspectos da vida do trabalhador, isso pode ser identificado pelos empregos aceitos, pelos que foram deixados, pelas mudanças de cidades, pelas estratégias de (re) inserção profissional, pelo que faz ou deixa de fazer na vida.

A *culpabilização* pela situação de desemprego é outra consequência psicológica bastante freqüente na fala dos entrevistados, caracterizada pela busca de explicações, na sua história, para o desemprego atual. Nelson, Zilda e Ivete vivenciam justamente isto, sendo que a última chega a afirmar que sabe exatamente o porquê de estar passando por esta situação hoje. O desempregado, gradativamente, personaliza o problema, considerando-se inútil e culpado por não conseguir emprego, e dessa forma, a auto-desvalorização e a auto-acusação são sentimentos comuns na experiência do desemprego. Menéndez (citado por Seligamnn - Silva, 1994) realiza um estudo com trabalhadores desempregados da Espanha, enfatizando esse sentimento de fracasso pessoal que freqüentemente os trabalhadores compartilham diante do fenômeno do desemprego. Nesse sentido, a faceta mais cruel do desemprego é a sua personalização, ou seja, o desemprego é assumido pelo sujeito como uma realidade estritamente individual, uma consequência de sua história passada. A fala dos entrevistados caminha nesta direção e aponta para um discurso culpabilizante e ‘imobilizante’.

Assim, dentre as implicações do desemprego para o trabalhador desempregado que freqüenta o SINE, algumas questões interessantes podem ser delineadas. Uma delas remete ao complexo imbricamento das implicações desta situação na vida do sujeito. As fronteiras entre os diferentes campos que são atingidos pelo desemprego são tênues e interdependentes, dificultando uma possível separação entre eles. Nesse sentido, muitas vezes, os entrevistados, ao apontarem consequências do desemprego em termos

financeiros, já o estavam fazendo em sua dimensão emocional/ psicológica, por exemplo. Como Daniela expõe em um momento de seu relato, a difícil situação financeira enfrentada impede que esteja junto de sua filha, intensificando as dificuldades psicológicas e familiares e adiando os projetos para o futuro. O entrevistado Nelson também comenta rapidamente que sentimentos de tristeza e desânimo são expressos em seu corpo, através do emagrecimento e abatimento, ou seja, através de reações psicossomáticas. Isso faz pensar que a problemática social do desemprego é um fenômeno múltiplo, provocando no trabalhador desempregado diversas implicações psicológicas.

6.3 Consequências Sociais

O *distanciamento cultural* e o *isolamento social* também são implicações do desemprego mencionadas por Lira & Weinstein (citado por Seligmann Silva, 1994) e claramente expressas nas falas dos trabalhadores desempregados. No primeiro caso, o sujeito entende a realidade a sua volta como desvinculada da sua vida, a sociedade é o espaço das realizações pessoais e profissionais e as pessoas são vistas como bem sucedidas, sendo estas concepções e ideologias freqüentemente veiculadas pelos meios de comunicação de massa. O desempregado sente-se à parte, à margem desta realidade, como não pertencente a uma coletividade. Isso faz lembrar a colocação de Zilda, que se sentia “*fechada*”, como se existisse uma porta entre ela e as outras pessoas e não conseguisse ultrapassá-la. Os outros “*estão trabalhando, andando para lá e para cá e eu estou fechada*”, ou seja, as pessoas estão crescendo profissionalmente e ela está “*sempre atrás*”, sentido-se inferiorizada em relação aos outros.

Em termos de *isolamento social*, esta é uma vivência presente em praticamente todos os entrevistados, em maior ou menor intensidade e resguardando as devidas particularidades de cada história. Para Zilda, Nelson e Daniela o isolamento social assumia proporções mais visíveis, como por exemplo, a tendência de “*prefiro ficar no meu canto*”, no caso de Nelson, e de evitar encontrar os vizinhos, procurando não descer do apartamento, na situação de Daniela. Ambos procurando evitar o confronto com outras pessoas que pudessem perguntar se havia conseguido emprego, situação esta sentida como desagradável e como uma invasão de privacidade, para Nelson e Daniela, respectivamente. A entrevistada Gabriela também procura evitar sair nos finais de semana com os amigos devido à questão financeira. No entanto, durante sua fala ela não comenta quaisquer outras atividades de lazer que não envolvam dinheiro, o que pode

apontar também para uma estratégia defensiva a fim de evitar situações em que o assunto ‘estar trabalhando’ seja comentado. Essa dificuldade é compreendida quando a entrevistada comenta, apenas com amigos mais íntimos, que não sai por falta de dinheiro e não por falta de tempo, como revela para os demais.

Alberto, em seu relato, demonstra certa tranquilidade em relação ao isolamento social, apesar de expressar que também se sente sozinho e mais restrito em casa, relacionando tal situação com a dificuldade de locomoção já que está morando na praia, distante da região central da cidade. Também relaciona isso com o fato de estar longe da igreja da qual faz parte e não necessariamente com o fato de estar desempregado. Dessa maneira, a fala dos trabalhadores reflete o que, evidentemente, é umas das principais implicações da situação de desemprego, ou seja, a perda ou empobrecimento do convívio social. Le Guillant (citado por Lima e Borges, 2002) aponta que justamente isto promove o isolamento e solidão, condições estas que favorecem o surgimento de distúrbios mentais.

De uma maneira ou de outra, a maior parte dos entrevistados revela que sair de casa para encontrar os amigos, por exemplo, tornou-se uma atividade ocasional, devido à questão financeira, segundo a fala dos trabalhadores, ou porque não sentem interesse ou vontade para tal. Enfim, o isolamento social está associado com o fato de que, ao estarem desempregados, os entrevistados sentem-se desinteressantes, desagradáveis, alguém que está ‘no lugar errado’, conforme Nelson menciona *“porque o quê que eu vou fazer lá? Tomar uma cerveja e depois vai ficar lá dando discurso? Ninguém vai querer saber”*.

6.4 Consequências Ético-Morais

O discurso dos trabalhadores desempregados aponta para a emergência de uma consequência do desemprego de ordem *ético-moral*, pode-se assim dizer. Os entrevistados homens, em suas falas, expressaram a preocupação ou questionamento de caráter moral no relato da vivência do desemprego. Nelson, Alberto, Ricardo e Elton, cada um de maneira particular, mencionaram que o desemprego pode fazer com que a pessoa, *‘faça uma besteira’ ‘perca a paciência’, ‘ganhe a vida na malandragem’ ou ‘saia roubando’*, por exemplo. No entanto, essa questão, do quê é ‘certo e errado’ é pensada na perspectiva de uma terceira pessoa, ou seja, freqüentemente, é através da perspectiva de um ‘outro’, também desempregado e que conhece essa realidade, que

esta questão é abordada pelos entrevistados. Esta terceira pessoa também se depara com as mesmas dúvidas e anseios compartilhados por eles.

Talvez isso indique que o trabalhador desempregado ao se ver nesta situação de ‘transgressão’, vivencie esta experiência como uma espécie de ruptura com sua própria identidade, com o conceito e imagem de si e tal visão é pode demais desoladora para o sujeito.

6.5 Estratégias de Enfrentamento do Desemprego

Esta categoria de análise pode ser compreendida como os ‘modos’ que os trabalhadores desempregados utilizam para enfrentar as dificuldades decorrentes do desemprego. Essas estratégias estão relacionadas à manutenção das necessidades básicas dos trabalhadores, bem como às tentativas de (re) inserção no mercado de trabalho. De maneira a facilitar o reconhecimento e entendimento dessas estratégias de enfrentamento no relato dos entrevistados, a pesquisa de Azevedo (1998) é utilizada como ponto de partida, uma vez que propõe dois campos: *Estratégias de Sobrevivência* e *Estratégias de Recolocação no Mercado de Trabalho*. Ainda que ambas mantenham direta interdependência, a primeira, segundo a autora, está relacionada com a garantia das necessidades básicas do trabalhador como, por exemplo, alimentação e moradia, quando este se encontra desempregado; e a segunda, refere-se às táticas utilizadas pelos trabalhadores para sua inserção no mercado de trabalho, tanto formal quanto informal³⁰.

No que tange às *Estratégias de Sobrevivência*, o discurso dos entrevistados revela algumas alternativas para obter recursos financeiros, atendendo, mesmo que minimamente, suas necessidades básicas. As principais fontes de renda e modo de sustento dos entrevistados dizem respeito, prioritariamente, ao auxílio de familiares. Ou seja, todos os entrevistados contam com a ajuda de parentes, salvo Ricardo, que afirma manter-se sozinho, com o dinheiro proveniente do acerto no seu último emprego. Zilda, Nelson e Gabriela recebem apoio financeiro dos pais, enquanto Elton, Alberto, Ivete e Daniela contam com outros parentes como irmã, tia, filho e cônjuge, respectivamente. Apenas dois entrevistados contam com a ajuda da família e também com uma pequena renda, como por exemplo, Zilda que utiliza a pensão do ex-marido, destinada aos filhos, para a manutenção da casa, e Elton, que vive com a irmã e o cunhado e dispõe de uma economia para os principais gastos. Além disso, espera pelo seguro-desemprego que irá

³⁰ Ver Anexo 5 (tabela 4).

receber em breve. É importante lembrar que, segundo todos os entrevistados, este apoio financeiro não é livre de sofrimento para quem recebe, visto que gratidão e a culpa são sentimentos presentes na vivência de quem está sendo mantido ou ajudado pela família.

Pode-se perceber, com essas colocações, que a rede social de apoio aos desempregados é fundamental no enfrentamento das dificuldades decorrentes do desemprego, principalmente no sustento das necessidades básicas desses trabalhadores. Nesse sentido, a possibilidade de o trabalhador desempregado dispor do apoio da família e amigos neste momento em que o acesso ao mercado de trabalho está restrito ou impedido, pode permitir ao desempregado sua sobrevivência, primeiramente, e também a articulação de estratégias de inserção profissional. Além disso, pode ser a possibilidade de construir um canal de comunicação entre família e desempregado e um espaço de acolhimento para quem está abalado com a problemática do desemprego, como os próprios entrevistados apontam durante seu relato.

Assim, a rede social de apoio apresenta-se como uma estratégia válida no enfrentamento das dificuldades decorrentes do desemprego, em detrimento das outras mencionadas pelos entrevistados, freqüentemente desanimadoras. De modo que, apesar de, freqüentemente, o convívio social sofrer conseqüências negativas, o apoio de outras pessoas mostra-se como fundamental para o desempregado. Percebe-se também que, quanto mais restrita é a rede social tanto mais evidentes são as implicações psicossociais do desemprego. Pode-se pensar no caso de Nelson, por exemplo. A religiosidade na vida do trabalhador desempregado apresenta-se como um elemento diferenciador, pois os entrevistados que demonstram ter uma crença religiosa apresentam uma postura de maior 'conformidade', expressa através de frases como: *"nada que Deus e um emprego não resolvam"*, servindo a religião como possibilidade de construção de vínculos sociais.

Cabe mencionar que todos os entrevistados buscam a sobrevivência com a realização de 'bicos', como Zilda, que trabalhou como pesquisadora por um período ou em uma loja, quando a funcionária ficou doente. Para Nelson, esta também é uma realidade comum, isto é, realizar entrega de encomendas com a moto para 'ganhar um dinheiro', mas, como ele coloca, *"esses bicos são uma vez ou outra, não é sempre"*. A entrevistada Ivete foi a única a mencionar que adota como estratégia de sobrevivência, a confecção de produtos caseiros para vender aos vizinhos ou nas proximidades onde mora. Apesar de ocasional, esta atividade lhe rende algum dinheiro. Assim, o 'bico' é

uma alternativa instável e provisória, utilizada enquanto o trabalhador não retorna ao mercado de trabalho formal, objetivo compartilhado por todos os entrevistados.

Os empregos informais ou temporários são considerados um período de transição, em parte pela ausência de registro na carteira profissional e pela não-comprovação desses empregos como experiência profissional, em parte pela não-identificação e insatisfação com o trabalho, uma vez que, freqüentemente, aceita-se qualquer atividade devido à necessidade. Este fato ficou bem claro na fala de Nelson e Ivete, quando expressam a impossibilidade de ‘escolher’ ou quando se dizem obrigados a ‘aceitar qualquer coisa’. Este é uma tendência verificada no estudo de Peres (2003), com trabalhadores desempregados que utilizam o ‘balcão de empregos’ em uma cidade de São Paulo, demonstrando, habitualmente, seu interesse em trabalhar “no que tiver”. De uma maneira ou de outra, este processo reflete o sofrimento vivido pelos trabalhadores, visto que a ansiedade e a preocupação estão presentes em quem se pergunta ‘o que vou fazer para sobreviver?’.

Em termos de *Estratégias de Recolocação no Mercado de Trabalho*, pesquisas como de Azevedo (1998) e Sarriera (1997) apontam para diversas alternativas adotadas por trabalhadores desempregados na procura por empregos. Geralmente, as agências de empregos (públicas e privadas), os jornais e a entrega de currículo em empresas são as alternativas mais mencionadas pelos entrevistados. As outras possibilidades citadas como modo de (re) inserir-se profissionalmente, como, por exemplo, o retorno aos estudos ou a realização de cursos de qualificação assumem papel de destaque no discurso de todos os entrevistados. Estas possibilidades são percebidas pelos trabalhadores como credenciais para a entrada no mercado de trabalho e obtenção de um emprego. A rede social de apoio também é importante como difusor de informações, o que foi apontado por Zilda, Alberto e Gabriela que, freqüentemente, são avisados de alguma oferta de emprego por parentes ou amigos.

Os meios de comunicação, como jornais e rádio, utilizados no processo de (re) inserção do trabalhador no mercado de trabalho, apesar de serem apontados como um dos mais comuns (Azevedo, 1998; Sarriera, 1997), evidenciam posições divergentes entre os entrevistados, quer pelo fato de atingir um grande número de pessoas, e neste caso, a concorrência, segundo Zilda e Nelson, é muito maior, quer pelo custo financeiro do jornal. Além disso, as ofertas de emprego nem sempre são atraentes, pois são empregos por conta própria (autônomo). A entrega de currículo em lojas e empresas, bem como o preenchimento de fichas é a estratégia ‘básica’ utilizada pelos

entrevistados, como Gabriela comenta. No entanto, é interessante observar na fala de alguns entrevistados que a atual exigência por currículo em qualquer processo de seleção constitui um aspecto negativo. Para Zilda, esta é uma exigência que impede que o candidato se apresente ao empregador, não apenas pelo ‘papel’, mas pessoalmente.

A procura por emprego em agências, pelos entrevistados, no caso o SINE, desperta uma série de questões bastante pertinentes na reflexão sobre as estratégias de enfrentamento ao desemprego e sua eficácia. O discurso dos entrevistados, ao apontar o SINE como estratégia de recolocação no mercado, é fortemente marcado pela ambigüidade. Ao mesmo tempo em que os entrevistados descreviam sua vinda ao SINE com a expectativa de que poderiam conseguir um emprego, eles externavam o sentimento de incredulidade em relação à instituição, exceto Ricardo e Elton que expressaram ter expectativas de conseguir emprego via SINE. Em geral, a procura por emprego através deste sistema é uma espécie de “desencargo de consciência” segundo Gabriela, ou uma alternativa marcada pela “sorte”, como se naquele dia a oportunidade fosse aparecer, idéia expressa por Nelson e Alberto, ou ainda, uma atitude questionada pelo trabalhador, como, por exemplo, não saber porque continua indo, no caso de Ivete. Em alguns casos a vinda ao SINE é praticamente diária, sendo permeada pela frustração e desânimo, mas também pela expectativa de que, em determinado dia, ‘tudo pode melhorar’.

Este processo de tentativa de (re) colocar-se profissionalmente é permeado por uma série de dificuldades que são compartilhadas pelos entrevistados. A maioria deles expressa que o nível de exigência dos requisitos solicitados pelos empregadores nos diferentes contextos de busca por emprego é o maior complicador para a efetivação da contratação. Ou seja, a exigência de escolaridade, qualificação profissional e idade dos trabalhadores são os itens mais mencionados e que acarretam maior ansiedade para os sujeitos. Isso porque o ‘discurso da qualificação’ é recorrente em todos os relatos, isto é, é imperativa a realização de um curso de qualificação, geralmente de caráter técnico, para a obtenção de um emprego.

A questão da qualificação, tão em voga nas discussões sobre as mudanças no mercado de trabalho e o aumento do desemprego é abordada criticamente por autores como Antunes (1999), Laranjeira (1997), Cattani (1996), Pochmann (2001) e Gonçalves (2003), por exemplo. Nesses autores, a reflexão sobre qualificação e formação profissional se faz presente, questionando o conteúdo, o caráter ideológico que subjaz, bem como suas implicações para os trabalhadores. Antunes (1999) contesta as

reivindicações dos empresários quanto à qualificação dos trabalhadores, no sentido de que, geralmente, faz-se essa exigência em virtude do grande contingente de mão-de-obra disponível, como, por exemplo, desempregados e não necessariamente pela qualificação em si mesma.

Para Gonçalves (2003), o uso ideológico da qualificação deve ser cuidadosamente analisado, uma vez que a própria mídia promulga a necessidade de qualificação dos trabalhadores para manutenção e obtenção de um emprego, enfatizando sobremaneira a responsabilização do trabalhador, ao mesmo tempo em que trabalhadores ditos ‘qualificados’ permanecem nas estatísticas de desemprego. Esse é um sentimento bastante comum entre os entrevistados, a de que a realização de um curso, qualquer que seja, determine sua (re) inserção profissional. No caso de Zilda, Nelson, Gabriela e Ivete, especialmente, esta é uma expectativa comum, geradora de frustração, já que os cursos de qualificação profissional, em sua maioria, são pagos, o que torna esta uma estratégia de recolocação profissional inviável. Além disso, a espera pelos cursos disponibilizados pelos órgãos públicos destinados a políticas de emprego mantém ainda mais esse sentimento de desamparo e falta de apoio que os entrevistados claramente expressam em suas falas.

Com relação às *consequências psicológicas do desemprego*, cabe mencionar que algumas estratégias de enfrentamento também são engendradas pelos trabalhadores desempregados, neste âmbito, uma vez que promovem tanto mal-estar em suas vidas. Os entrevistados mencionaram tentativas por eles utilizadas com o objetivo de superar ou lidar melhor com as dificuldades decorrentes do desemprego. A tendência de *manter-se ocupado* é bastante freqüente na fala dos entrevistados, através da realização de atividades, como fazer trabalhos domésticos e outras funções dentro e fora de casa, estudar, ler, entre outras. Gabriela comenta, em um momento da entrevista, que “*a gente nunca fica parado*”, assim como Nelson, Zilda, Alberto e Ricardo também empreendem algumas táticas, peculiares a cada um, como jogar videogame, no caso de Zilda. Essas e outras situações expressam o desejo de que, ao se manterem ocupados, possam ‘*esquecer os problemas*’, neste caso, o desemprego, ainda que por alguns momentos.

Outra possibilidade identificada no relato dos entrevistados consiste em *evitar determinadas situações* que são consideradas desagradáveis pelos trabalhadores ou até mesmo geradoras de sofrimento. Nos casos de Daniela, Ivete e Elton isso se percebe claramente, pelo fato de evitar sair de casa, ‘fantasiar’, disfarçar para as pessoas

algumas situações ou ainda pela dificuldade de dizer o que está sentido e de expressar emoções, respectivamente. Assim, o *‘esquecimento’* e a *‘evitação’* são eixos importantes para a compreensão da vivência do desemprego, bem como na organização de estratégias de enfrentamento das conseqüências psicológicas.

De certa maneira, isso indica não uma possibilidade de enfrentamento e superação das dificuldades, como é comumente apontado pelos entrevistados, mas sim uma estratégia defensiva utilizada no confronto com o sofrimento advindo da vivência do desemprego. Ou seja, as estratégias de enfrentamento expressam, em maior ou menor grau, a insuficiência e ineficácia do alcance de seus objetivos, que seriam, em última instância, a possibilidade de ultrapassar as dificuldades por meio da construção de formas saudáveis de superação.

6.6 Perspectivas Futuras

Em termos de planos e perspectivas futuras partilhadas pelos trabalhadores desempregados, algumas alternativas são pensadas, mesmo levando em conta o quadro desalentador que lhes aflige. Diante das dificuldades, tão bem explicitadas pelos entrevistados desempregados, pela dor e desânimo presentes em seu discurso, a possibilidade de vislumbrar alternativas e de pensar no futuro pode, num primeiro momento, expressar contradição. No entanto, a fala de cada um revela, mesmo que discretamente, os sonhos, aspirações e desejos de realizações na sua vida, ‘dentro e fora do trabalho’(Antunes, 2001).

Os entrevistados mencionaram, freqüentemente a intenção de concluir estudos, isto é, concluir o ensino médio ou fazer um curso superior. Alguns explicitam diretamente ser esta uma meta a ser implementada em breve. É o caso de Gabriela, Alberto e Ricardo, que contam com o emprego para viabilizar seus estudos ou com ajuda do pai. No caso de Gabriela, Zilda, Daniela e Ivete esse desejo também é compartilhado, contudo, as possibilidades reais de realizá-lo, mostram-se mais distantes ou difíceis, segundo seu relato. Segundo elas, a obtenção de um emprego é condição primária para esta e outras perspectivas, visto que contam com filhos e família, mencionando, várias vezes, outras prioridades. Para Nelson e Elton, esta mesma colocação é válida, isto é, a da expectativa do emprego, apontando que, pensar no futuro, perpassa a questão do emprego. Além disso, os dois entrevistados expressaram um aspecto interessante sobre a dificuldade de ter planos e expectativas futuras, uma vez que o discurso de ambos é marcado pela confusão. Para Nelson, existe a

possibilidade de vislumbrar alternativas, contudo, estas são diversas e até incoerentes, como montar um negócio próprio, realizar um curso técnico, abrir um café ou mudar de área, trabalhando, talvez, como vendedor. Quanto a Elton, percebeu-se, pelo seu relato, um empobrecimento de planos e perspectivas, exceto no que diz respeito ao fato de conseguir um emprego. Mesmo mencionando muito pouco sobre o que pensa do futuro, ele mostra-se otimista, considerando que tudo terminará bem, expressando, assim, um aspecto religioso bastante forte.

O que se percebe é uma diversidade de alternativas presentes no relato dos entrevistados, como, por exemplo, os estudos, e estes incluem a realização de cursos técnicos, de faculdade e de qualificação profissional nas mais variadas áreas, a realização de concursos públicos com a expectativa de um emprego estável ou ainda o interesse de realizar atividades autônomas (negócio próprio). Essas possibilidades, levantadas pelos entrevistados durante a entrevista, são permeadas pela dúvida e incerteza, mas também pela expectativa de que a vida pode melhorar com a realização de algumas dessas alternativas. Assim, percebe-se facilmente que querer ‘ser alguém na vida’ ou não ser um ‘zé ninguém’ são expectativas partilhadas por todos, alguns com um contexto e com uma rede social de apoio que facilite a possibilidade de planejar seu futuro, outros, nem tanto.

Nesse sentido, o discurso dos entrevistados a respeito das perspectivas futuras sinaliza de que maneira os trabalhadores desempregados compreendem a problemática do desemprego e quais alternativas vislumbram para este. Visivelmente, o fenômeno do desemprego e suas implicações são entendidos como uma experiência individual, o que implica em alternativas deste mesmo caráter e não em uma compreensão social, com ações coletivas. A entrevistada Ivete foi a única a mencionar como alternativa ao desemprego e enfrentamento de suas dificuldades, a organização de cooperativas. O ‘trabalhar junto’ foi apontado como uma possibilidade de ação dos trabalhadores, descaracterizando, mesmo que por um momento, a tendência de conceber as medidas individuais como as únicas ou mais eficazes soluções para o desemprego. A experiência do Movimento dos Trabalhadores Desempregados – MTD, criado em 2000, no Rio Grande do Sul, aponta para a direção de ações coletivas articuladas pelos trabalhadores, reivindicando, neste exemplo, o atendimento de alguns direitos básicos, como trabalho e moradia. (Goulart, 2001).

Para Singer (2001) trata-se de adotar ‘soluções não-capitalistas para o desemprego, o que remete à construção de um novo espaço de produção, pautado na

cooperação e solidariedade e não na competição. A Economia Solidária, segundo o autor, consiste na emergência de um novo setor econômico de produção e consumo em que diferentes e pequenas empresas (cooperativas) mantêm intercâmbio e oferecem proteção umas às outras. Essa alternativa propõe diferentes bases na produção e uma oportunidade de reintegrar aqueles que estão excluídos da economia formal. Pochmann (2001) também discute nova alternativa para o desemprego, propondo políticas públicas diferenciadas de atenção ao desempregado, sendo estas orientadas dos serviços de assistência social ao trabalhador.

Cabe mencionar que não se trata de propor quais são as soluções para o desemprego, mas de oferecer um outro ‘olhar’ sobre a compreensão do desemprego, lembrando que, pensar em ações coletivas no enfrentamento desta problemática, remete a um trabalhador desempregado menos marcado pela culpabilização e pela imobilidade social.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de pesquisa consiste em um constante movimento de olhar, de observar o fenômeno a sua frente, aproximando-se e distanciando-se a cada momento. Ádua tarefa, esta em que o pesquisador, ao adentrar em campo, vislumbra uma diversidade de possibilidades, de situações e de vivências. A questão do desemprego investigada nesta pesquisa despertou uma série de aspectos a ele relacionados, os quais, invariavelmente, exigiam múltiplos ‘olhares’ para uma problemática tão complexa.

O fenômeno social do desemprego produz conseqüências para o trabalhador desempregado, em termos sociais, psicológicos, morais, por exemplo, assim como, na construção da sua subjetividade. Nesta pesquisa, a vivência do desemprego foi articulada com diferentes aspectos da vida do trabalhador: a história de vida, a trajetória profissional, os relacionamentos familiares, o convívio social, entre muitos outros. Foi possível, neste estudo, ir além das estatísticas de desemprego e dos serviços de atendimento a esta população, neste caso, o SINE, e vislumbrar um pouco mais esse sujeito desempregado. Ou seja, entender esta vivência como uma experiência permeada pelo sofrimento, pela insegurança e pelo desamparo.

Esses são sentimentos freqüentes nas falas dos entrevistados, que expressam o receio de serem reconhecidos ou que eles mesmos se reconheçam como alguém ‘malandro’ ou que ‘não quer trabalhar’, ou ainda, como alguém que pode ‘perder a paciência’. Deste modo, o desemprego, ao impor dificuldades econômicas e profissionais na vida do trabalhador, também confere ao sujeito o questionamento de si mesmo, de suas potencialidades e de seus sonhos. O desemprego desestrutura a auto-estima do sujeito e, como coloca um dos entrevistados, o torna ‘alguém sem crédito’.

A importância do trabalho, como um meio de subjetivação do homem e de inserção social na coletividade, é discutida por vários autores, entre eles, Tittoni (1994), Grisci (1999) e Fonseca (2000), apontando para sua centralidade em nossa sociedade. A perda do emprego e a vivência de ‘não-trabalho’ é sentida pelos trabalhadores como um ‘impedimento’, privando o sujeito de realizar uma atividade reconhecida socialmente e de pertencer a um grupo social, como, por exemplo, os empregados. Bárbara (1999), Dejours (1999), Selligmann - Silva (1994) e Lima & Borges (2002) conferem a essa forma de ‘ruptura’ a responsabilidade por diversas implicações psicológicas, acarretando forte sofrimento para quem o vivencia. O desemprego, assim, atinge o trabalhador subjetivamente, desestruturando a identidade do ‘ser trabalhador’, da

imagem que tem de si. Isso promove o afastamento do convívio social, possibilitando ainda mais que o trabalhador isole-se em culpa e desesperança.

A fala dos entrevistados aponta para um aspecto interessante da vivência do desemprego, ou seja, a ambigüidade de sentimentos e pensamentos que estão presentes ao se estar desempregado. Em alguns momentos os trabalhadores percebem as consequências desta situação em sua vida, em outros, as desconsideram. Ora não percebem um olhar ou tratamento diferente dos outros pelo fato de estar desempregado ora afirmam sofrer discriminação. Em certas ocasiões sentem-se fracassados e culpados por suas escolhas no passado e em outras, como alguém injustiçado. Assim, a experiência do desemprego provoca uma multiplicidade de consequências, dificuldades e vivências, em geral contraditórias e difíceis de serem percebidas e explicitadas pelos trabalhadores. Esse processo não é livre de dúvidas, sofrimento e defesas psicológicas que, de uma maneira ou de outra, dão um sentido diferente a toda essa “agonia”, segundo Alberto.

Nesse sentido, a frase expressa por um dos entrevistados: “Estou desempregado, não desesperado” reflete, em certa medida, um pouco dessa ambigüidade, pois oculta a dor e o sofrer de quem está sem trabalho, de quem busca distanciar-se do desespero, mas utiliza repetidas vezes tal expressão em seu discurso. Talvez, por não ter encontrando um termo mais adequado para essa vivência.

Essa problemática para os trabalhadores desempregados também perpassa a questão das estratégias de enfrentamento às dificuldades decorrentes do desemprego. Este aspecto assume papel importante, uma vez que os resultados obtidos por tais estratégias, freqüentemente desanimadores, tendem a promover a culpabilização do trabalhador. Isso porque, apesar das várias estratégias utilizadas pelos entrevistados, como a tão referenciada qualificação profissional, a distribuição de currículos pelas empresas ou o cadastramento em agências de empregos, entre elas, o SINE, conseguir um emprego para esses trabalhadores é uma tarefa difícil. Mesmo que alguns entrevistados questionem o contexto econômico atual, bem como as políticas e serviços voltados para o desemprego, o sentimento de culpa e fracasso é bastante comum quando não se obtém o esperado emprego.

Nesse sentido, percebe-se, nesta pesquisa, que a avaliação dessas estratégias de enfrentamento do desemprego pelos trabalhadores ainda é muito restrita. O discurso de muitos entrevistados expressava a reivindicação por um serviço de apoio aos desempregados que fosse eficiente, condizente com a realidade desses trabalhadores,

assim como mais humanizado. E, por outro lado, em alguns momentos, a fala dos trabalhadores refletia a convicção de sua falta de capacidade para empregar-se e inserir-se profissionalmente, como se fosse um problema de ordem estritamente pessoal. Assim, o SINE, por exemplo, é visto, paradoxalmente, como ‘vilão’ e ‘herói’, como a possibilidade de ajudá-lo ou de mantê-lo mais distante do trabalho. Esse discurso imobiliza o trabalhador, limitando suas possibilidades de ação e reflexão, pois, mantém o trabalhador nas ‘idas e vindas’ diárias ao SINE.

Diante disso, a pesquisa permite apontar possíveis sugestões a essa instituição, responsável pelo atendimento a essa população de trabalhadores, sendo que algumas delas partem das falas dos próprios entrevistados. Em primeiro lugar, pode-se pensar o *serviço de atendimento* a essas pessoas de uma forma mais humanizada e integrada às várias ações do SINE, ou seja, um atendimento que compreenda a realidade vivida por esses trabalhadores e perceba que ir ao SINE procurar emprego pode ser uma tarefa permeada pelo sofrimento. Trata-se de escutar mais esse trabalhador e tentar atender suas reais necessidades. A possibilidade de desenvolver um trabalho de *orientação profissional* com essa população é importante, uma vez que o ‘trabalhar em qualquer coisa’ reflete o desespero e o despreparo profissional dessas pessoas, que muitas vezes, não sabem qual emprego estão procurando e nem o quê poderiam fazer. O desenvolvimento de um *serviço social* aos trabalhadores, visto que muitos freqüentam o SINE a tempo, identificando os recursos disponíveis na família e até em sua comunidade, ampliando a rede social dos trabalhadores e fomentando ações coletivas seria outra medida bem vinda. Neste âmbito, poderiam ser organizadas parcerias com outras instituições, para criar, por exemplo, espaços destinados à educação e formação profissional e até mesmo organizar cooperativas e oficinas de trabalho. A proposta de um *atendimento psicológico* em grupos mostra-se de grande importância, uma vez que esta problemática produz implicações subjetivas, geradoras de sofrimento. Assim, longe de essas sugestões constituírem-se em soluções ao serviço público de emprego e ao desemprego, trata-se de pensar em alternativas de atendimento ao desempregado que sejam mais saudáveis e menos carregadas de culpa e desesperança.

Nesse sentido, pensar o fenômeno do desemprego, com suas inúmeras consequências pode possibilitar a construção de novos elementos na compreensão da própria concepção de trabalho e de sujeito, bem como do que o desemprego representa na nossa sociedade. Trata-se, talvez, de repensar a vida ‘dentro’ e ‘fora’ do trabalho, (Antunes, 2001) como possibilidade de emancipação do homem, de autonomia, com a

construção de uma ‘vida cheia de sentido’. E partir desta perspectiva, para o autor, é compreender que o sentido conferido pelos homens ao trabalho pode ser bastante diferente daquele que é atribuído à lógica do capital, pautada pela produção de mercadorias e pelo estranhamento. Como coloca Antunes (2001), o trabalho continua a manter sua centralidade em nossa sociedade, mesmo com a emergência de novas formas de trabalho. A tendência de crescimento do desemprego parece denotar isso, ou seja, o aspecto crucial do trabalho em nossas vidas. Por isso, essa temática precisa ser incansavelmente investigada, em estudos futuros, sendo compreendida cada vez mais em sua complexidade. Talvez, a questão da informalidade e das estratégias de enfrentamento ao desemprego possam ser melhor pesquisadas e as implicações subjetivas desta situação para os trabalhadores aprofundadas, em seu aspecto ético-moral, por exemplo.

Enfim, a partir desta pesquisa pode-se perceber as complexas imbricações entre a história pessoal do sujeito e sua história de trabalho e, também, de desemprego. As experiências anteriores do sujeito, as crenças compartilhadas pela família, por seu grupo de amigos, a concepção de mundo, a valorização atribuída ao trabalho e as rupturas com este, como o desemprego, permitem compreender as diferentes vivências do desemprego para os trabalhadores. As implicações da perda do emprego e a procura por emprego são sentidas diferentemente, uma vez que são somadas a muitas outras histórias, dentro e fora do trabalho (Lima e Borges, 2002). O sujeito é construído na vivência do trabalho e na do ‘não-trabalho’, nos longos anos de sua vida, sendo que concebê-lo isolado de uma dessas dimensões é pensá-lo descontextualizado e fragmentado.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abramo, L. W. (1988). A subjetividade do trabalhador frente à automação. In: R.T, Neder; N.H.B, Souza. (orgs) et alli. Automação e Movimento sindical no Brasil. (pp.133-176). São Paulo: Huicitec.
- Alexandre, F. F. (2002). A crise do trabalho e as transformações no emprego. In: Reestruturação e o fim da segurança no emprego no Banco do Brasil. (pp.21-42).São Paulo: F.F Alexandre.
- Alves, A. J. (1991). O planejamento de pesquisas qualitativas em Educação. Caderno de Pesquisas, 77, 53-61.
- Alves, M. A. (2001) Apontamentos sobre a informalização do trabalho no Brasil. Revista Humanitas, 4 (2), 105-117.
- Antunes, R. (1997). Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 4^a ed. São Paulo: Cortez; Editora da Universidade Estadual de Campinas.
- Antunes, R. (1999). Mercado Informal, empregabilidade e cooperativismo: as transformações das relações de trabalho no mundo contemporâneo. Cadernos de Psicologia Social e do Trabalho, 2 (1), 55-72.
- Antunes, R. (2001). Os sentidos do Trabalho. Ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. 5^a ed. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Aued, B. W. (1997). Profissões no passado – profissões no futuro: pensar a sociedade em tempos de transição. Revista de Ciências Humanas, 15 (22), 9-30.
- Azevedo, J. T; Bogre, M.C (et alli). (1998). As estratégias de sobrevivência e de busca de emprego adotados pelos desempregados. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, 1 (1), 15-42.
- Bárbara, M. M. (1999). Reestruturação Produtiva, Qualificação, Requalificação e Desemprego: Percepção e Sofrimento do Trabalhador. Revista Psicologia Ciência e Profissão, 19 (1), 30-49.
- Bardin, L. (1994). Análise de Conteúdo. Lisboa: edições 70.
- Bastos, R. L. A. (1999). Desemprego Tecnológico. In: A.D, Cattani (org). Trabalho e Tecnologia. Dicionário Crítico.(pp.60-61) Petrópolis: Vozes.
- Bittencourt, C. B. (2002). O significado da qualificação profissional para desempregados. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.
- Brasil. (1999). Capacitação de Conselheiros das Comissões de Trabalho e

Emprego A Experiência da CUT de 1998 a 1999. (pp.5-66). Brasília, Ministério do Trabalho e Emprego.

Brasil. (2002a). Intermediação de Mão-de-Obra - Termo de Referência para o Sistema Nacional de Emprego. (pp.1-59). Brasília, Ministério do Trabalho e Emprego.

Brasil. (2002b). Relatório de Intermediação de Mão - de - Obra - IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. (pp.1-19). Rio de Janeiro, Universidade Estácio de Sá.

Braverman, H. (1981). Trabalho e Capital Monopolista. A degradação do trabalho no século XX.(pp.215-246). Rio de Janeiro: Zahar.

Bresciani, L. P. (1999). Reestruturação produtiva: o que há de novo para o mundo do trabalho? Cadernos de Psicologia Social e Trabalho, 2 (1), 39-54.

Cacciamali, M. C. (2001). Informalidade, Flexibilidade e Desemprego: Necessidades de regras e de políticas públicas para o mercado de trabalho e exercício da cidadania. GEOUSP: Revista da Pós-Graduação em Geografia, 10, 77-90.

Carmo, P. S. (1992). A Ideologia do Trabalho. 6^a ed. São Paulo: Moderna.

Caldas, M. P. (2000). Demissão: Causas, Efeitos e alternativas para empresa e indivíduo. (pp.189-255). São Paulo: Atlas.

Carone, I. (1989). A dialética marxista: uma leitura epistemológica. In: S.T.M, Lane, (org). Psicologia Social: O homem em movimento. (pp.20-30). 7^a ed. São Paulo: Brasiliense.

Cattani, A. D. (1995). Processo de Trabalho e Novas Tecnologias. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Cattani, A. D. (1996). Trabalho e Autonomia. Petrópolis: Vozes.

Cattani, A.D. (1999). Taylorismo. In: A.D, Cattani (org). Trabalho e Tecnologia. Dicionário Crítico. (pp.247-249). Petrópolis: Vozes.

Ciampa, A.C. (1989). Identidade. In: S.T.M, Lane.(org). Psicologia Social: O homem e movimento. (pp.58-75). 11^a ed. São Paulo: Brasiliense.

Ciampa, A. C. (1987). A estória do Severino e a História da Severina. Um ensaio sobre Psicologia Social. (pp. 152- 168, pp. 197- 201). São Paulo: Brasiliense.

Coutinho, M. C. (2003). Perfil de Trabalhadores Desempregados da Grande Florianópolis. [on-line]. XI Congresso Brasileiro de Sociologia, Universidade de Campinas, São Paulo. Disponível em: http://www.sbsociologia.com.br/Xicongresso/gt16_ter02_09.shtml.

Cruz, R. M. (1999). Formação Profissional e Formação Humana: os descaminhos da relação homem-trabalho na modernidade. In: B.W, Aued (org). Educação para o (des) emprego. (pp.175-189). Rio de Janeiro: Vozes.

Dejours, C. (1999). A Banalização da Injustiça Social. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

Del Prette, A.(1993). O desemprego crônico no país: aspectos sociais e psicológicos. Estudos de Psicologia, 10 (1), 120-129.

DIEESE.(2002a). Principais Conceitos da Pesquisa de Emprego e Desemprego. [on-line].Disponível em: <http://www.dieese.org.br/ped/pedmet.html>. Acesso em 19 de jan.2002.

DIEESE.(2002b). Elementos para compreender a controvérsia sobre as taxas de desemprego no Brasil. [on-line]. Disponível em: <http://www.dieese.org.br>

DIEESE. (2003a). Pesquisa Mensal de Emprego. MTE/ FAT e Convênios regionais. [on-line]. Disponível em: http://www.seade.gov.br/cgi-bin/pedmv98/ped_01.ksh. Acesso em 11 de jan.2004.

DIEESE (2003b). PED - Pesquisa de Emprego e Desemprego. Convênio DIEESE/SEADE,MTE- FAT e convênios regionais. [on-line]. Disponível em: <http://200.235.10.195/icv/TabelaPed?tabela=6>. Acesso em 01 de jun.2003.

DIEESE. (2004). PED - Pesquisa Mensal de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de São Paulo – Janeiro de 2004. [on-line]. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/pedv98/jan04/janeiro.pdf> . Acesso em 05 de mar.2004.

Etges, N. J. (1996). Sociedade do trabalho sem trabalho: desemprego estrutural e emergência do novo. Revista Perspectiva, 14 (26), 13-37.

Felisberto, R.F.T. (2002). Tenho um diploma universitário, mas não tenho emprego. Histórias, vida de pessoas que vivem a experiência do desemprego. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Fernandes, S. R. P. (2000). Mudanças tecnológicas e o trabalho na contemporaneidade: aspectos subjetivos. Psico, 31 (1), 23-37.

Fernandes, F. Tecnologia cortou 10,8 milhões de empregos. (2004, Janeiro 18). Folha de São Paulo, p. B1.

Fonseca, T. M. G. (2000). Trabalho e Subjetividade. Revista de Ciências Humanas, 28, 35-49.

Forrester, V. (1997). O Horror Econômico. São Paulo: Universidade do Estado de São Paulo.

Franco, M. L. P. (1998). Porque o conflito entre tendências metodológicas não é falso. Cadernos de Pesquisa, 66, 75-80.

Friedmann, G; Naville, P. (1973). Tratado de Sociologia do Trabalho. (pp. 19- 44). São Paulo: Cultrix, Ed. Da Universidade de São Paulo.

Fromm, E. (1983). O conceito marxista de homem. (pp.89-101). Rio de Janeiro: Zahar.

Gomes, R. (1994). A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: M. C. S. Minayo (org). Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes.

Godim, S. M. G. (2001). et alli. Aconselhamento profissional a desempregados: relato de uma experiência de formação acadêmica para o psicólogo organizacional e do trabalho. Revista Psicologia: Organizações e Trabalho, 1 (2), 45-72.

Gonçalves, I. L. (2003). As múltiplas faces da qualificação.[on-line]. XI Congresso Brasileiro de Sociologia, Universidade de Campinas, São Paulo. Disponível em:
http://www.sbsociologia.com.br/Xicongresso/gt16_ter02_09.shtml.

Goulart, P. M. (2001). O Movimento dos Trabalhadores Desempregados – MTD e suas estratégias contra o desemprego: uma abordagem psicossocial. Dissertação de Mestrado não publicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

Goulart, I. B.; Guimarães, R. F. (2002). Cenários Contemporâneos do Mundo do trabalho. In: I.B, Goulart (org). Psicologia Organizacional e do Trabalho: Teoria, Pesquisa e Temas Correlatos. (pp.17-36). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Grabois, A P. (2004). Taxa de desemprego fica estável e surpreende. [on-line]. Disponível em:
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dimenstein/noticias/gd271103.htm>. Acesso em 11 de jan. 2004.

Grisci, C. L. I. (1999). Trabalho, Tempo, Subjetividade e a Constituição do Sujeito Contemporâneo. Revista de Ciências Humanas, 1 (1), 87-106.

Guareschi, P. A; Grisci, C. L. I. (1993). A Fala do Trabalhador. Petrópolis: Vozes.

IBGE (2002). Indicadores IBGE dezembro de 2002. Pesquisa Mensal de Emprego-Estimativas para o mês de dezembro de 2002. [on-line]. Disponível em:
<http://www.ibge.org.br>. Acesso em 24 de jan.2003.

IBGE. (2003). Pesquisa Mensal de Emprego – PME - Nova metodologia. [on-line]. Disponível em:
http://www.ibge.net/home/estatística/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/pmemet3.htm. Acesso em 18 de jan.2003.

Jacques, M .G. (1999). Identidade e Trabalho. In: A. D. Cattani (org). Trabalho e Tecnologia. Dicionário Crítico.(pp.127-131). Petrópolis: Vozes.

Jacques, M. G. C. (2003). Abordagens Teórico-Metodológicas em Saúde-Mental e Trabalho. Texto encaminhado para publicação.

Jakobsen, K.; Martins, R.; Dombrowski, O. (orgs), Singer, P.; Pochmann, M. (2001). Mapa do trabalho informal: Perfil socioeconômicos dos trabalhadores informais da cidade de São Paulo. (pp.07-23). São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

Laboratório de Ensino à Distância. (2002). Capacitação para Conselheiros de Trabalho e Emprego. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina. Não - publicado.

Larangeira, S. M. G. (1999). Fordismo e Pós-Fordismo. In: A. D. Cattani (org). Trabalho e Tecnologia. Dicionário Crítico. (pp.89-94). Petrópolis: Vozes.

Laranjeira, S. M. G. (1997). O trabalho em questão: transformações produtivas e a centralidade do trabalho no século XXI. Revista de Ciências Humanas, 15 (22), 39-63.

Lessa, S. (1997). Centralidade do trabalho: qual centralidade? Revista de Ciências Humanas, 15 (22), 39-63.

Leite, C. B. (1994). O século do desemprego. São Paulo: LTR.

Leite, M. P. (1994). O futuro do Trabalho: Novas Tecnologias e Subjetividade Operária. (pp.25-41). São Paulo: Scritta.

Leontiev; A. (1978). O Desenvolvimento do Psiquismo. Lisboa: Livros Horizontes.

Lukács; G. (1979). Ontologia do Ser Social.(pp.01-49) São Paulo: Ciências Humanas.

Liedke, E. R. (1999). Trabalho. In: A. D. Cattani (org). Trabalho e Tecnologia. Dicionário Crítico. (pp.268-274). Petrópolis: Vozes.

Lima, M. E. A. (1996a). Os programas de qualidade total e seus impactos na subjetividade. Revista Qualidade de produção, Qualidade dos Homens, s.n, 184-197.

Lima, M. E. A. (1996b). Pesquisa em saúde mental e trabalho. Coletâneas ANPEPP, 1 (11), 27-35.

Lima, M. E. A; Borges, A. F. (2002). Impactos psicossociais do desemprego de longa duração. In: I. B. Goulart (org). Psicologia Organizacional e do Trabalho: Teoria, Pesquisa e Temáticas Correlatas. (pp.337-355). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Marques, J. C. (1992). A construção da subjetividade e as mútuas influências na esfera do trabalho. Psico, 24 (2), 119-132.

Marx, K. (1968). O Capital. (pp.8-17). Rio de Janeiro: Civilização.

Marx, K.; Engels, F. (1984). A Ideologia Alemã. (1º capítulo) São Paulo: Moraes.

Marx, K. (1998). O Capital: crítica da economia política. (pp. 211-231). Livro 1. 16ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Mattoso, J. (2001). O Brasil desempregado: como foram destruídos mais de 3 milhões de empregos nos anos 90. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

Minayo, M. C de S; Sanches, O. (1993). Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? Cadernos de Saúde Pública, 9 (3), 239-250.

Minayo, M. C. de S. (1994). Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. (pp.07-30). Petrópolis: Vozes.

Miqueluzzi, O. (1997). Neoliberalismo e Flexibilização: consequências e alternativas para os trabalhadores e seus sindicatos. Revista de Ciências Humanas, 15 (22), 63-75.

Moura, P. C. (1998a). A crise do emprego. Uma visão além da economia. (pp. 93-149). Rio de Janeiro: Mauad.

Moura, E. P. G. (1998b). Projeto Mãos à Obra. Programa de Intervenção Psicossocial aos Trabalhadores Desempregados de Pelotas. Pelotas, Rio Grande do Sul. Não - publicado.

Nardi, H. C.; Tittoni, J.; Bernardes, J. S. (1999). Subjetividade e Trabalho. In: A. D. Cattani (org). Trabalho e Tecnologia. Dicionário Crítico. (pp. 240-246). Petrópolis: Vozes.

Navarro, P.; Dias, C. (1994). Análises de contenido. In: J. M. Delgado; J. Guitiérrez (orgs). Métodos y técnicas cualitativas de Investigación em Ciencias Sociales. (pp.109-139). Madrid: Ed Síntesis.

Olabuénaga, J. I. R. (1999). Metodologia de la Investigación Cualitativa. (pp.165-189) 2ª ed. Bilbao: Universidade de Deusto.

Padoim, E. T. (2000). Educação e Inserção no Mercado de Trabalho: Um estudo a partir da Intermediação de Emprego. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Palangana, I. C; Inumar, L. A. (2001). A individualidade no âmbito da sociedade industrial. Psicologia em Estudo, 6 (2), 21-28.

Parker, B. (1999). Evolução e Revolução: da internacionalização à globalização. In: S. R, Clegg; C. N, Hardy; W. R, Nord. Handbook de estudos organizacionais.(pp.400-427). São Paulo: Atlas.

Peres, R. S.; Silva, J. A.; Carvalho, A. M. R. (2003). Um olhar psicológico acerca do desemprego e da precariedade das relações de trabalho. Revista Psicologia Teoria e Prática, 5 (1), 97-110.

Pochmann, M. (1999). O trabalho sob fogo cruzado. (pp.39-48). São Paulo: Contexto.

Pochmann, M. (2000). A batalha pelo primeiro emprego. São Paulo: Publisher Brasil.

Pochmann, M. (2001). O emprego na globalização. São Paulo: Boitempo Editorial.

Prado Filho, K. (orador). (2002). Uma análise genealógica das Práticas de Trabalho no capitalismo. (gravação em cassete). Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina.

Prado Filho, K. (2000). Prefácio. Revista de Ciências Humanas, Edição Especial temática Psicologia e Reestruturação Produtiva, 1-10.

Queiroz, M. I. P de. (1987). Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. Revista Ciência e Cultura, 39 (3), 272- 286.

Revuz, C. (1997). Ouvir os desempregados para compreender a relação com o trabalho? Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp, 3, 10-35.

Rocha-Coutinho, M. L. (1998). Análise do Discurso em Psicologia: algumas questões, problemas, e limites. In: L. Souza, et alli. Psicologia: Reflexões (Im) Pertinentes. (pp.317-345). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Rosa, M. I. (1994). Trabalho, Subjetividade e Poder. São Paulo: Letras&Letras.

Sarriera, J. C. (1993). Aspectos Psicossociais d Desemprego Juvenil: uma análise a partir do fracasso escolar para a prevenção preventiva. Psico, 24 (2), 23-39.

Sarriera, J. C.; Sá, S. D.; Teixeira, G. R. (1997). Valores, Atribuições e Estratégias de Procura de Emprego: um estudo transcultural. Psico, 28 (1), 123-148.

Savchenko, P. (1987). Que es el trabajo? Moscou: Progreso.

Sawaia, B. B. (1999). Comunidade como ética e estética da existência. Uma reflexão mediada pelo conceito de identidade. Psykhé, 8 (1), 19-25.

Scherer, A. L. F.(1999). Globalização. In: A. D. Cattani (org). Trabalho e Tecnologia. Dicionário Crítico. (pp. 114-126). Petrópolis: Vozes.

Segnini, L. R. P. (2001). Entre o desemprego e a engrenagem dos empregos precários. Contemporaneidade e Educação. Revista Semestral Temática de Ciências Sociais e Educação, 6 (9), 135-151.

Seligmann-Silva, E. (1986). Desemprego e Saúde Mental. In: V. A. Angerami; M. H. C. de F. Steiner (org). Crise, Trabalho e Saúde Mental no Brasil. (pp 104-117). São Paulo: Traço.

Seligmann-Silva, E. (1994). Desgaste Mental no Trabalho Dominado. (pp.255-293) Rio de Janeiro: Cortex.

Silva, I. H da. (1999). Novas Tecnologias. In: A. D. Cattani (org). Trabalho e Tecnologia. Dicionário Crítico. (pp.169-173). Petrópolis: Vozes.

SINE/SC.(2003a). O _____ que _____ é. [on-line]. Disponível em: <http://www.sine.sc.gov.br/oquee.htm>. Acesso em 30 de jan.2003.

SINE/SC (2003b). Resenha sobre o Mercado de Trabalho, Julho, 92.

SINE/SC (2003c). Resenha sobre o Mercado de Trabalho, Agosto, 93.

SINE/SC (2003d). Informativo Mensal do Nível de Emprego, Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, Florianópolis, maio, 2003. [on-line]. Disponível em: <http://www.sine.sc.gov.br>. Acesso em 19 de jun.2003.

SINE/SC (2003e) Indicadores de Emprego e Desemprego em Santa Catarina. Ministério do Trabalho e Emprego – Relação Anual de Informações Sociais/1995-2001, Secretaria de Desenvolvimento do Estado/SC, IBGE-PNDA.

SINE/SC (2003f). Situação de Produção de Posto de Atendimento. Região de Florianópolis, 01 de janeiro a 31 de julho de 2003. Ministério do Trabalho e Emprego, Governo do Brasil.

SINE/SC (2003g). Trabalhadores inscritos por Faixa Etária/Gênero X Grau de Instrução. Região de Florianópolis, 01 de janeiro a 31 de julho de 2003. Ministério do Trabalho e Emprego, Governo do Brasil.

Singer, P. G. (2001). Globalização e Desemprego. São Paulo: Contexto.

Tavares, L. C. (1992). Sobre a produção da subjetividade. Psico, 24 (2), 133-140.

Tittoni, J. (1994). Subjetividade e Trabalho. Porto Alegre: Ortiz.

Trigo, R. A. E. (1999). As Transformações do Mundo do trabalho: a experiência de funcionários de uma empresa pública em processo de privatização. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

Universidade Federal de Santa Catarina (2001). Relatório Final do Projeto Programa de Intervenção Psicossocial com Trabalhadores Desempregados na Grande Florianópolis. Florianópolis, Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, Laboratório de Psicologia do trabalho, Departamento de Psicologia. Não-publicado.

Veja (2002). América Latina te 17 milhões de desempregado. [on-line]. Disponível em: <http://www.vejaonline.uol.com.br/servelet/newstorm.noticia.apresentação>. Acesso em 11 de dez. 2002.

Vitorello, M. A. (1998). Trabalho e Construção da Subjetividade: O caso dos motoristas de caminhão. Dissertação de Mestrado não publicada, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre Rio Grande do Sul, Brasil.

Wickert, L. F. (1999). O Adoecer Psíquico do Desempregado. Revista Psicologia Ciência e Profissão, 19 (1), 66-75.

Zanella, A. V; Ros, S. Z. (2002). Constituição do sujeito social/apropriação do conhecimento e formação em serviço. Revista de Ciências Humanas, Edição Especial Temática Psicologia e Reestruturação Produtiva, 53-69.

9 ANEXOS

Anexo1

Tabela 1

Instituições, número de resumos analisados e área de conhecimento.

| INSTITUIÇÕES | MESTRADO | DOUTORADO | ÁREA DE CONHECIMENTO |
|---|-----------|-----------|--|
| Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) | 04 | — | Direito, Sociologia Política, Psicologia e Psicologia Social |
| Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) | 04 | — | Psicologia Social, Serviço Social e Ciências Sociais |
| Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) | 04 | — | Administração, Ciências Jurídicas, Geografia e Psicologia Social |
| Universidade de São Paulo e Ribeirão Preto (USP) | 03 | 01 | Direito, Psicologia, Psicologia Experimental e Psicologia Social |
| Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) | 02 | — | Economia e Direito |
| Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) | 02 | 01 | Administração, Sociologia e Psicologia Social e Institucional. |
| Universidade federal de Minas Gerais (UFMG) | 01 | | |
| Universidade de Santa Maria (UFSM) | 01 | — | Integração Latino Americana |
| Universidade de Campinas (Unicamp) | 01 | — | Sociologia |
| Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) | 01 | — | Economia |
| Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) | 01 | — | Administração |
| Universidade de São Marcos | 01 | — | Psicologia Social |
| TOTAL | 25 | 02 | 27 |

Fonte: Banco de teses da CAPES (2002) Disponível em: www.periodicos.capes.gov.br

Anexo 2

Tabela 2

Número de resumos analisados por ano e assunto abordado nas pesquisas

| ANO | NÚMERO DE RESUMOS | ASSUNTO ABORDADO |
|------|-------------------|--|
| 1987 | 03 | <ul style="list-style-type: none"> • Papel do seguro desemprego na proteção aos trabalhadores. (A. Alfredo Bertine de T. Banderia/UFPE) • Análise das atitudes de indivíduos num contexto de crise brasileira (82-84). (Archimedes Baccaro/PUC-SP) • Investigação sobre a relação entre FGTS e desemprego. (Maria de Lourdes Alves Leite/UFPE) |
| 1989 | 01 | <ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa com trabalhadores da zona sul de São Paulo sobre casos de depredações e saques num cenário de recessão e desemprego. (Siroh Paula Yone/PUC-SP) |
| 1990 | 01 | <ul style="list-style-type: none"> • Análise sobre o movimento de luta contra o desemprego em São Paulo na década de 80. (Almir Del Prette/USP) |
| 1991 | 04 | <ul style="list-style-type: none"> • Estudo sobre o processo de modernização em um parque salineiro, analisando as conseqüências para trabalhadores e comunidade. (Ademir Araújo da Costa/UFRJ) • Investigação sobre a identidade de participantes de um grupo de solidariedade a desempregados. (Rachel Pereira Balsalobre/USP) • Histórico sobre o emprego como direito aos trabalhadores, abordando o FGTS e a estabilidade por tempo de serviço. (Valeria Medeiros de Albuquerque/UFRJ) • Estudo sobre a análise das taxas de desemprego e o mercado de trabalho para homens e mulheres. (Wasmalia Socorro Bivar/PUC-RJ) |
| 1996 | 01 | <ul style="list-style-type: none"> • Análise da construção da identidade de um profissional demitido frente à substituição de mão-de-obra por tecnologia. (Lenita de Azevedo Freitas/PUC-SP) |
| 1997 | 02 | <ul style="list-style-type: none"> • Estudo sobre o significado atribuído à trabalhadores de Sorocaba sobre a situação de desemprego, discutindo sua trajetória profissional. (Luís Albino Blumer Gil/PUC-SP) • Análise sobre as mudanças no mercado de trabalho, globalização e a utilização de novas tecnologia, apontado estas como propulsoras de situação de desemprego. Discute a dificuldade o Estado em implementar políticas de combate ao mesmo. (Valdir Iusif Dainez/UNICAMP) |
| 1998 | 03 | <ul style="list-style-type: none"> • Estudo de caso em duas empresas do Oeste catarinense sobre a posição dos trabalhadores frente às mudanças do trabalho num contexto capitalista e globalizado. (Célio Alves de Oliveira/UFSC) • Revisão de literatura sobre o desemprego, atentando para parâmetros macroeconômicos e institucionais e também para fatores como educação e políticas de combate ao desemprego. (Marcos Licínio da Costa Simões/UFRJ) • Estudo comparativo entre três empresas do setor petroquímico do Rio Grande do Sul sobre os impactos da reestruturação no processo de trabalho de operários. (Rosinha da Silva Machado Carrion/UFRGS) |
| 1999 | 03 | <ul style="list-style-type: none"> • Revisão teórica sobre a economia brasileira e sua relação com a economia mundial, constatando que a participação desta aumenta enquanto a brasileira tende a competir menos. (Jeffrey Hoff/UFSC) |

| | | |
|------|----|--|
| | | <ul style="list-style-type: none"> • Análise sobre as consequências da globalização nas relações de trabalho, abordando a legislação brasileira e as forma contratuais de trabalho. (Maria Margareth Garcia Vieira/UFSM) • Revisão teórica sobre a flexibilização dos direitos do trabalho e suas repercussões no mercado de trabalho. (Sonia Aparecida M. Tomaz de Aquino/USP) |
| 2000 | 04 | <ul style="list-style-type: none"> • Investigação sobre a qualidade de vida de trabalhadores desempregados candidatos às vagas do SINE e as estratégias por eles apresentadas. (Adriana Cristina Ferreira Caldana/USP-Ribeirão Preto) • Estudo sobre a produção de subjetividade contemporânea a partir de trabalhadores de uma empresa de teleatendimento, considerando a ameaça de desemprego constante. (Daniela Alves de Alves/UFRGS) • Análise a partir de um referencial psicanalítico sobre as relações entre o desemprego e o surgimento de sintomas depressivos. (Luis Roberto Benia/UFRGS) • Estudo sobre a importância da subjetividade na adesão de trabalhadores ao programa de adesão voluntária numa instituição bancária. (Regina do Carmo dos Santos Calderon/Universidade de São Marcos) |
| 2001 | 05 | <ul style="list-style-type: none"> • Estudo sobre as consequências do desemprego de longa duração na saúde mental de trabalhadores metalúrgicos desempregados de Belo Horizonte. (Adriana Ferreira Borges/UFGM) • Investigação sobre as relações entre gênero e a saúde mental de mulheres usuárias e psicólogas de um serviço de saúde mental em Porto Alegre através do significado atribuído ao sofrimento vivido por elas. Identificou-se na pesquisa a importância da esfera do trabalho e o contexto alarmante de desemprego. (Gianine Sandri/UFSC) • Estudo sobre as consequências do desemprego utilizando como instrumento o questionário de saúde geral Goldberg. Através dos resultados percebeu-se o quanto a situação de desemprego deteriora o estado de bem estar psicológicos dos indivíduos. (João Carlos Tenório Argolo/UFRN) • Pesquisa sobre o significado da situação de desemprego para profissionais que concluíram o 3º grau completo e estão desempregados. (Regina de Fátima Teixeira Felisberto/UFSC) • Estudo sobre a construção da identidade de indivíduos participantes de organizações ditas flexíveis como corporativas populares, considerando o cenário sócio econômico marcado pelo desemprego e transformações no mercado de trabalho. (Raquel Gonçalves Caldeira Brant Losekann/UFRJ) |

Fonte: Banco de teses da CAPES (2002) Disponível em: www.periodicos.capes.gov.br

Anexo 3**ROTEIRO DE ENTREVISTA:****A) Informações sobre o Entrevistado:**

- Sexo:
- Idade:
- Naturalidade:
- Estado Civil (casado, solteiro, concubinato, separado/divorciado e viúvo)
- N° de filhos e idade (estrutura familiar)
- Grau de Escolaridade (analfabeto, ensino fundamental incompleto, ensino fundamental completo, ensino médio incompleto, ensino médio completo, superior incompleto e superior completo)

B) Situação de Emprego X Desemprego:

- Você está desempregado atualmente? Há quanto tempo (duração do desemprego)? E qual o motivo da demissão?
- Qual foi seu último emprego (carteira assinada) ou outra atividade remunerada? Fale a respeito.
- Quais outras atividades você realizou nos últimos meses para obter recursos financeiros?
- Quem é o principal responsável pelo sustento da família?

C) Implicações do Desemprego:

- Como é o seu dia-a-dia (o que costumar fazer)?
- Quais as principais mudanças na sua vida em decorrência do desemprego? (considerar os aspectos econômicos, profissionais, emocionais, comportamentais, físicos, familiares ou sociais).
- Como você sente por estar desempregado?
- Como você pensa que as outras pessoas o vêem pelo fato de você estar desempregado?
- Você faz alguma coisa para tentar superar essas dificuldades (econômicas, profissionais, emocionais, comportamentais, físicas, familiares ou sociais) impostas pela situação de desemprego? Fale a respeito.

D) Alternativas utilizadas para recolocação profissional:

- O que você faz para conseguir emprego (estratégias utilizadas)?
- Você vem frequentemente ao SINE? Quais suas expectativas em relação ao SINE?
- O que você pensa sobre o desemprego? Qual (is) alternativa (s) você pensa que seria (ou seriam) necessária (s) para resolver essa situação?

E) Comentários Gerais:

- Você gostaria de falar algo mais? Algum aspecto não ficou claro durante a entrevista? Dúvidas ?

Anexo 4

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado

Consentimento Pós- Informado

Estudo sobre a vivência do desemprego

Eu, _____ confirmo que a entrevistadora, Gizelle Regina Cardoso, esclareceu-me sobre este estudo, sendo que compreendi os seguintes pontos:

1. A entrevista concedida à entrevistadora refere-se a uma pesquisa de dissertação de mestrado de Gizelle Regina Cardoso, da linha temática “Práticas Sociais e Constituição do Sujeito”, do curso de pós-graduação em Psicologia, da UFSC.
2. O objetivo deste estudo é investigar a vivência dos trabalhadores desempregados freqüentadores do SINE da cidade de Florianópolis, identificando possíveis implicações subjetivas decorrentes da situação de desemprego e quais as estratégias utilizadas para enfrentar as dificuldades decorrentes do desemprego.
3. A minha colaboração nesta pesquisa é muito importante pois permitirá conhecer melhor a realidade vivida por trabalhadores desempregados e até mesmo possibilitar que novos estudos sejam realizados nesta área.
4. Minha participação nesta pesquisa é espontânea e estou ciente de que posso participar ou não deste estudo. Isto não implicará em quaisquer ganhos pessoais, bem como não resultará em prejuízos pessoais. Respondendo às perguntas da entrevistadora, estarei participando da pesquisa.
5. A entrevista poderá ser gravada em fita cassete, de acordo com o meu consentimento, sendo que, posteriormente, a entrevistadora irá transcrevê-la e coloca-la à minha disposição, caso seja meu interesse, para possíveis correções ou esclarecimentos.
6. Todas as informações colhidas serão sigilosas e serão utilizadas para este estudo. Estou informado (a) que os nomes serão alterados de maneira a preservar minha identidade.
7. Caso eu tenha alguma dúvida, posso contatar a pesquisadora, Gizelle R. Cardoso, pelo telefone (48)3480568. Por fim, eu concordo em participar desta pesquisa.

Participante: _____ Data: _____

Entrevistadora: _____ **Data:** _____

Anexo 5

Tabela 3:

Relação Geral das implicações da vivência do Desemprego

| Implicações | Aspectos mencionados pelos entrevistados |
|--------------------------------|--|
| Econômicas | Auxiliar no orçamento familiar, impossibilidade ou dificuldade de manter as necessidades básicas (independência) e de consumo, ausência de crédito para adquirir bens materiais, perda de bens materiais e dificuldade de planejar o futuro (segurança financeira). |
| Emocionais/Psicológicas | Sentimento de desânimo, inutilidade e de incapacidade, revolta, humilhação e fracasso, perda da confiança e identidade de trabalhador, baixa auto-estima, frustração, estresse, sentimento de “tensão”, agonia, desgaste emocional, ansiedade, preocupação, sentir-se ‘morto’ (“fantasma”), muito triste e deprimido, julgamento de si mesmo, culpa, arrependimento das escolhas feitas, mal-estar consigo próprio em diferentes papéis (mãe, mulher, esposa ou filha, por exemplo), questionamento da sua vida, seu passado, sofrimento por não estar trabalhando (“parado”), sentir-se desamparado, injustiçado, excluído e envergonhado, refletir mais sobre a sua vida, medo de envelhecer e de enlouquecer, dificuldades de dizer o que sente e minimizar ou ‘mascarar’ as emoções. |
| Sociais | Isolamento social, evitar sair de casa para não gastar dinheiro, convívio social limitado, evitar falar sobre a situação de desemprego, ‘fantasiar’ ao falar com as pessoas sobre o desemprego, sentir-se invadido pelas pessoas quando perguntam se está trabalhando, falta de interesse de sair com colegas (‘prefiro ficar no meu canto’), atividades sociais ou de lazer restritas à família ou atividades religiosas e não perceber mudanças neste âmbito. |
| Familiares | Preocupação com o membro familiar responsável pelo sustento da casa (pai, mãe, marido e outros familiares) auxiliar nas atividades da casa (afazeres domésticos), tentar manter a convivência tranquila com os familiares, escutar comentários ou ‘piadas’ pelo fato de estar desempregado, incompreensão ou desinteresse dos familiares pelo que está vivendo ou sentindo, sentimento de pena dos familiares, dificuldades no relacionamento conjugal, afastamento de um membro familiar significativo por razões financeiras e apoio e solidariedade dos parentes. |
| Físicas | Dificuldades de dormir à noite, comer mais (engordar), emagrecimento, fumar demais e descuido com a aparência. |
| Comportamentais | Não ter um compromisso diário (ficar mais tempo em casa), não cumprir horário, brincar menos com os filhos, sorrir menos e tornar-se mais séria. |
| Profissionais | Maiores dificuldades de inserção profissional devido ao tempo de desemprego (“perdendo tempo”), desatualização profissional (falta de qualificação), despreparo para enfrentar o mercado de trabalho e dificuldade de conseguir emprego pela idade (exigência de pessoas mais jovens). |

Fonte: Essas Informações foram obtidas pela pesquisadora no processo de coleta de informações

Tabela 4

Estratégias de Sobrevivência e Recolocação no Mercado de Trabalho mencionada pelos entrevistados

| Estratégias de Sobrevivência | Estratégias de Recolocação no Mercado de Trabalho |
|--|--|
| Sustento proveniente da família (pais, irmão, filho, etc), cônjuge empregado, realização de ‘bicos’, seguro-desemprego, dinheiro referente ao acerto de contas do último emprego, quantia de dinheiro economizada, pensão destinada aos filhos, realização de produtos para vender e economizar o máximo possível. | Procura por empregos em agências de empregos, entre elas, o SINE, anúncios de empregos em jornais, rádio, entrega de currículo e preenchimento de fichas em empresas, procura por estágios, conclusão dos estudos (voltar a estudar), realização de cursos de qualificação profissional e informações através de amigos. |

Fonte: Essas Informações foram obtidas pela pesquisadora no processo de coleta de informações.